DARREN SHAN
SENHOR DAS SOMBRAS
ELE É DESTRUIÇÃO...
ROCCO
JOVENS LEITORES

Darren Shan

A SAGA DE DARREN SHAN

TRILOGIA DESTINO VAMPÍRICO

SENHOR DAS SOMBRAS

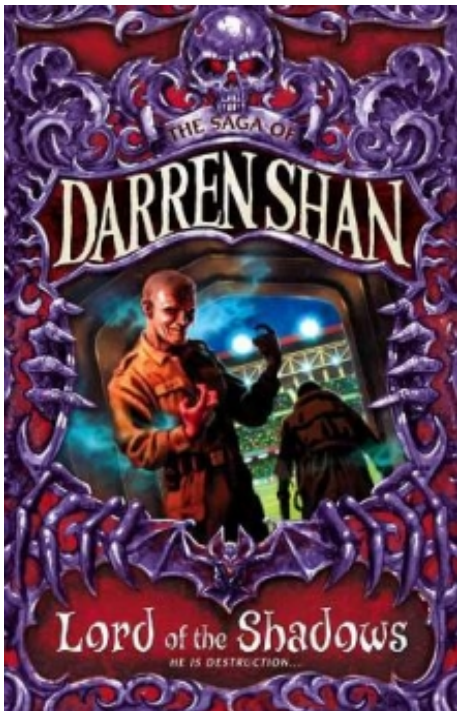
LIVRO 11

Tradução de

HEITOR PITOMBO

DARREN SHAN

Senhor das Sombras

Lord of the Shadows (2004)

Tradução: Heitor Pitombo

Para:

Bas — minha garota, que gosta de viajar pelo mundo

OES (Ordem das Entranhas Sangrentas) para:
Maiko “Dedos Verdes” Enomoto
Megumi “A Voz” Hashimoto
“Rainha” Tomoko Taguchi
Tomoko “Olhos de Águia” Aoki
Yamada “Papa” san

E a todos os demais da equipe japonesa de Shan, que deram duro para tornar o mês de junho de 2003 um momento tão especial para mim.

Equipe Editorial:
Gillie “O Perito” e Zöe “A Mamãe”

Inspiração:

O destacamento Christopher Little

SUMÁRIO

PRÓLOGO

Ao longe, uma onda de sangue ia crescendo. Vermelha, intensa, coberta de cabeças de fogo flamejantes. Uma tropa de vampiros esperava numa vasta planície. Todos os três mil ou coisa parecida encaravam a onda que vinha de assalto. Na retaguarda, separado da multidão, eu estava parado, sozinho. Tentava avançar — queria estar com o resto do clã quando a onda chegasse —, mas uma força

invisível me detinha.

Enquanto eu lutava, urrando em silêncio — minha voz não se projetava aqui neste lugar —, a onda ia se aproximando cada vez mais. Os vampiros se apertaram ainda mais, amedrontados, porém orgulhosos, enfrentando suas mortes com dignidade. Alguns apontavam lanças ou espadas para a onda, como se pudessem resistir a ela.

A onda estava mais perto agora, quase sobre eles, com meio quilômetro de altura, estendendo-se numa linha contínua que cruzava o horizonte. Uma onda de chamas crepitantes e sangue fervente. A lua desapareceu por detrás da cortina escarlate e uma escuridão vermelho-sangue sobreveio.

Os vampiros que estavam na frente eram engolidos pela onda. Eles gritavam em agonia enquanto eram esmagados, extintos

ou queimados até a morte; seus corpos eram jogados para todos os lados como se fossem rolhas que estouravam no meio da onda escarlate. Eu tentava alcançá-los — a minha gente! — e rezava para que os deuses dos vampiros me libertassem, de modo que pudesse morrer com meus irmãos e irmãs de sangue. Mas ainda não conseguia atravessar a barreira invisível.

Mais vampiros desapareceram sob a arrebentação de fogo e sangue, perdidos para a impiedosa onda vermelha. Mil vidas extintas... Mil e quinhentos guerreiros eliminados... duas mil almas elevadas ao Paraíso... dois mil e quinhentos gritos mortais... três mil cadáveres contorcendo-se e queimando no meio das chamas.

Até que percebi que só eu havia sobrado. Minha voz retornou e, com um grito

desolador, caí de joelhos e fitei a crista da onda de um jeito odioso enquanto ela vinha de cima. Vi rostos dentro das paredes de sangue flamejante — meus amigos e aliados. A onda, ao trazê-los junto, me insultava.

Eis que vi algo pairando no céu acima da onda. Era uma criatura mitológica, porém muito real. Um dragão. Grande, resplandecente, escamoso, belo e apavorante. E montada em suas costas... havia uma pessoa. Uma figura dotada de uma perversidade pulsante. Era quase como se seu corpo tivesse sido criado das sombras.

O homem das sombras deu uma gargalhada quando me viu, e sua risada era fantasmagórica, demoníaca e insolente. Ao seu comando, o dragão arremeteu e ficou a apenas alguns metros acima de mim. Daqui dava para ver suas feições de cavaleiro. Seu

rosto era um amontoado de manchas tenebrosas que dançavam sem parar, mas quando o encarei, franzindo os olhos, logo o reconheci — Lucas Leopardo.

— Todos devem se render ao Senhor das Sombras — disse Lucas delicadamente, apontando para mim. — Este agora é o meu mundo.

Virei-me e vi uma área devastada imensa, repleta de cadáveres. Sapos gigantes, panteras negras sibilantes, seres mutantes grotescos e outras criaturas e formas aterrorizantes rastejavam sobre os corpos mortos. Cidades ardiam em brasas ao longe enquanto grandes nuvens de fumaça e chamas em forma de cogumelo enchiam o céu.

Encarei Lucas novamente e o desafiei:

— Enfrente-me no chão, seu monstro!

Enfrente-me agora!

Lucas somente riu, e depois acenou com o braço na direção da onda de fogo. Houve um momento de calma e silêncio. De repente, a onda caiu sobre a terra ao meu redor, fui varrido para longe — com o rosto queimando, os pulmões se enchendo de sangue — e me vi cercado pelos corpos dos mortos. Mas o que mais me apavorou antes de ser tragado pela escuridão eterna foi que pude ter um último relance do Senhor das Sombras antes de morrer. E, desta vez, não foi o rosto de Lucas que vi — foi o meu.

CAPÍTULO UM

Meus olhos se abriram rapidamente. Eu queria gritar, mas havia uma mão, forte e áspera, sobre a minha boca. O medo se apoderou de mim. Ataquei meu agressor. Depois, meu juízo retornou e percebi que era ninguém menos que Harkat, que abafava meus gritos para que eu não acordasse ninguém que dormia nas carruagens e tendas próximas.

Relaxei e bati na mão de Harkat para mostrar que estava tudo bem. Ele me soltou e se afastou, enquanto seus olhos grandes e verdes se mostravam imensamente preocupados. O Pequenino me passou uma caneca cheia d'água. Bebi todo o seu conteúdo. Depois, enxuguei meus lábios com uma mão trêmula e sorri acanhadamente.

— Acordei você?

— Eu não estava dormindo — respondeu Harkat. Meu amigo de pele cinzenta não precisava dormir muito e costumava ficar duas ou três noites sem nem ao menos cochilar. Ele pegou a caneca que estava comigo e a pôs de lado. — Foi dos ruins dessa... vez. Você começou a gritar há cinco ou seis... minutos, e só parou agora. O mesmo pesadelo?

— Não é sempre assim? — murmurei. O mundo devastado, a onda de fogo, o dragão,

o... Lucas — finalizei calmamente. Vinha sendo assolado por aquele pesadelo há quase dois anos, acordando aos gritos pelo menos umas duas vezes por semana. Em todos aqueles meses, eu não falara a Harkat sobre o Senhor das Sombras e o rosto insolente que sempre via no final do pesadelo. Até onde ele sabia, Lucas era o único monstro nos meus sonhos. Eu não tinha coragem de lhe dizer que tinha tanto medo de mim quanto de Lucas Leopardo.

Virei as pernas para sair da rede, mas me sentei. Pela escuridão lá fora, dava para dizer que eram três ou quatro horas da madrugada, mas eu sabia que não conseguiria mais dormir. O pesadelo sempre me deixava abalado e desperto.

Esfregando a nuca, fiquei observando Harkat com o canto do olho. Embora ele não

fosse a fonte dos meus pesadelos, dava para usar meu amigo para traçar suas origens. O Pequenino havia sido criado a partir dos restos de um cadáver. Durante a maior parte de sua nova vida, ele não sabia quem fora. Há dois anos, o Sr. Tino — um homem de imenso poder, que tinha a capacidade de viajar através do tempo — nos transportou para um mundo inóspito e nos fez embarcar numa jornada para descobrir a identidade anterior de Harkat. Enfrentamos uma grande variedade de criaturas selvagens e monstruosidades deformadas antes de finalmente pescar o corpo original de Harkat submerso no Lago das Almas, um lugar que servia de morada para almas condenadas.

Harkat fora um vampiro chamado Kurda Smahlt. Ele havia traído o clã dos vampiros na tentativa de evitar uma guerra

com nossos primos de sangue, os vampixiitas de pele púrpura. Para que pudesse compensar os seus pecados, ele concordara em se tornar Harkat Mulds e viajar para o passado com o intuito de se tornar o meu guardião.

Sou Darren Shan, um Príncipe Vampiro. Também sou um dos caçadores do Senhor dos Vampixiitas — também conhecido como Lucas Leopardo. Lucas estava destinado a liderar os vampixiitas em sua vitória sobre os vampiros. Se vencesse, ele nos aniquilaria completamente. Mas alguns de nós — os caçadores — tínhamos a capacidade de detê-lo antes que seus poderes se desenvolvessem totalmente. Se o encontrássemos e o matássemos antes de se desenvolver, a guerra seria nossa. Ao me ajudar como Harkat, Kurda esperava colaborar com o clã e evitar sua iminente destruição pelas mãos

dos vampixiitas. Dessa maneira ele poderia consertar alguns dos erros que havia cometido.

Logo depois que descobrimos a verdade sobre Harkat, voltamos para o nosso próprio mundo — melhor dizendo, nosso próprio *tempo*. Pois o que concluímos depois foi que o mundo devastado não era um universo alternativo ou a Terra no passado, como havíamos pensado a princípio — era a Terra no futuro. O Sr. Tino havia nos proporcionado um vislumbre do que aconteceria caso o Senhor das Sombras tomasse o poder.

Harkat achava que o mundo arruinado só viria a se tornar realidade se os vampixiitas ganhassem a Guerra das Cicatrizes. Mas eu sabia de uma previsão que não partilhara com mais ninguém. Quando a caça por Lucas finalmente terminasse,

haveria um ou dois futuros possíveis. Em um deles, Lucas se tornaria o Senhor das Sombras e destruiria o mundo. No outro, *eu* seria o Senhor das Sombras.

Era por isso que, freqüentemente, eu acordava suando frio ao som dos meus próprios gritos. Não era só medo do futuro, mas medo de mim mesmo. Será que de algum modo eu teria algum papel na criação do mundo estéril e tortuoso que havíamos visto no futuro? Será que eu estava condenado a me tornar um monstro como Lucas e a aniquilar tudo que me era mais precioso? Parecia impossível, mas as incertezas me atormentavam da mesma forma, instigadas pelos pesadelos recorrentes.

Passei o tempo que antecedeu a alvorada conversando com Harkat; um papo à toa, nada sério. Ele fora atormentado por

diversos pesadelos antes de descobrir a verdade sobre si mesmo, por isso tinha uma noção exata do quanto eu estava sofrendo. Sabia o que dizer para me acalmar.

Quando o sol nasceu e o acampamento circense começou a ganhar vida à nossa volta, resolvemos começar cedo as nossas tarefas diárias. Estávamos com o Circo dos Horrores desde que voltamos da nossa jornada exaustiva ao mundo devastado. Não sabíamos nada do que estava acontecendo na Guerra das Cicatrizes. Harkat queria voltar para a Montanha dos Vampiros, ou pelo menos contatar o clã — agora que sabia que fora um vampiro, o Pequenino estava mais preocupado do que nunca com eles. Mas contive meus ímpetos. Não achava que aquela era a hora certa. Tive um pressentimento de que estávamos fadados a ficar com

o circo e que o destino decidiria qual seria o nosso rumo no momento preciso. Harkat discordava profundamente de mim — tivemos algumas discussões acaloradas a esse respeito —, mas ele, relutante, seguiu a minha orientação — embora eu viesse sentindo recentemente que sua paciência estava chegando ao fim.

Fizemos um monte de trabalhos em volta do acampamento, ajudando sempre que éramos requisitados — transportando equipamentos, remendando trajes, alimentando o Homem Lobo.

Éramos *pau para toda obra*. O Sr. Altão — dono do Circo dos Horrores — havia prometido que nos reservaria tarefas mais duradouras e de maior responsabilidade, mas não sabíamos quando teríamos que partir. Era mais fácil nos comprometermos

com tarefas simples e não nos envolvermos com a carreira do espetáculo a longo prazo. Dessa maneira, nossa falta não seria tão sentida quando chegasse a hora de abandonarmos aquela gente esquisita.

Vínhamos nos apresentando nos arredores de uma grande cidade, numa velha fábrica abandonada. Às vezes atuávamos dentro de uma tenda de circo que carregávamos conosco para todo canto, mas o Sr. Altão gostava de aproveitar cenários locais sempre que possível. Este era o nosso quarto e último show na fábrica. Seguiríamos para uma nova cidade pela manhã, mas ninguém ainda sabia para onde iríamos — o Sr. Altão tomava essas decisões e normalmente não nos contava nada até que tivéssemos levantado acampamento e já estivéssemos seguindo viagem.

Fizemos uma apresentação tipicamente compacta e empolgante naquela noite, capitaneada por alguns dos nossos artistas mais experientes — Diana Dentada, Sancho Duas Panças, Alexandre Costela, Truska, a mulher barbada, Mano Mão, Evra e Shancus Von. Normalmente os Von concluíam o show e davam um último susto na platéia, quando suas cobras deslizavam das sombras acima de suas cabeças. Mas ultimamente o Sr. Altão vinha experimentando elencos diferentes.

No palco, Jekkus Flang estava fazendo malabarismo com facas. Jekkus era um dos ajudantes do circo, assim como eu e Harkat, mas hoje à noite ele fora anunciado como atração principal e estava divertindo a multidão com uma demonstração de truques com facas. Jekkus era um bom malabarista,

mas seu número era fraco em comparação com os outros. Depois de alguns minutos, um homem na fila da frente se levantou enquanto Jekkus equilibrava uma faca longa na ponta do nariz.

— Que porcaria! — gritou o sujeito, enquanto subia no palco. — Isso era para ser um lugar de magia e surpresas... não de truques de malabarismo! Posso ver esse tipo de coisa em qualquer circo.

Jekkus tirou a faca do seu nariz e falou rispidamente com o intruso:

— Saia do palco ou o cortarei em pedacinhos!

— Você não me mete medo — disse o sujeito, bufando, enquanto dava dois passos largos na direção de Jekkus, ficando cara a cara com ele. — Você está nos fazendo desperdiçar nosso tempo e dinheiro. Quero um

reembolso.

— Seu insolente! — rugiu Jekkus, para depois atacá-lo com sua faca e cortar o braço esquerdo do homem, logo abaixo do cotovelo! O sujeito gritou e foi catar o membro que havia caído. Enquanto pegava o antebraço perdido, Jekkus atacou novamente e cortou o outro braço do sujeito, no mesmo ponto!

As pessoas na platéia entraram em pânico e se levantaram. O sujeito com os cotos cortados abaixo dos cotovelos cambaleou até a beira do palco, agitando desesperadamente seus meios-braços, com o rosto pálido, aparentemente chocado. Até que de repente ele parou — e caiu na gargalhada.

As pessoas que estavam nas primeiras filas ouviram a risada e olharam para o palco, desconfiadas. O homem riu

novamente. Desta vez a gargalhada foi mais longa e a platéia à sua volta relaxou e encarou o palco. Enquanto todos observavam, pequenas mãos cresceram do coto dos braços do sujeito. As mãos continuaram a crescer, seguidas por pulsos e antebraços. Um minuto depois, os braços haviam voltado ao seu tamanho natural. Ele dobrou os dedos, sorriu e fez uma reverência.

— Senhoras e senhores! — anunciou o Sr. Altão, aparecendo subitamente no palco. — Batam palmas para o fabuloso, o incrível *Cormac Limbs*!

Todos perceberam que foram vítimas de uma peça — o homem que saíra do meio da platéia era um artista. Eles aplaudiram e gritaram enquanto Cormac arrancava os dedos um a um, que depois cresciam de volta rapidamente. Ele podia cortar qualquer parte

do seu corpo — embora nunca tivesse tentado cortar a cabeça! Depois disso o espetáculo terminou pra valer e a multidão, completamente arrebatada, explodiu em aplausos falando sem parar sobre os mistérios místicos do sensacional Circo dos Horrores.

Lá dentro, Harkat e eu ajudamos a botar tudo em ordem. Todos os envolvidos possuíam grande experiência, e por isso podíamos normalmente arrumar tudo numa questão de meia hora, às vezes menos. O Sr. Altão ficou no meio das sombras enquanto trabalhávamos. Era estranho — normalmente ele se retirava para o seu furgão depois de um show —, mas mal reparamos isso. Você ia se acostumando com estranhezas quando trabalhava para o Circo dos Horrores!

Enquanto eu empilhava algumas cadeiras, a fim de que fossem removidas por outras mãos para um caminhão, o Sr. Altão se aproximou.

— Um instante, Darren, por favor — disse ele, enquanto tirava a cartola vermelha que usava sempre que subia no palco. O dono do circo tirou um mapa de dentro do chapéu (o mapa era muito maior do que a cartola, mas não perguntei como ele conseguiu enfiá-lo lá dentro) e o desenrolou. Segurou uma das pontas com sua enorme mão esquerda e acenou para que eu pegasse a outra ponta. — Estamos aqui agora — prosseguiu o Sr. Altão, apontando para um ponto no mapa. Examinei-o curiosamente, perguntando a mim mesmo por que ele estava me mostrando. — E é para cá que vamos em seguida — afirmou, apontando para uma

cidade que ficava a cento e sessenta quilômetros de distância.

Olhei para o nome da cidade. Fiquei com a respiração presa na garganta. Por um instante fiquei tonto e uma nuvem parecia estar passando na frente dos meus olhos. Até que minhas feições foram ficando mais tranqüilas.

— Entendo — falei suavemente.

— Você não precisa vir conosco — disse o Sr. Altão. — Pode pegar uma rota diferente e nos encontrar mais tarde, se quiser.

Comecei a pensar no assunto, mas pouco depois, num estalo, resolvi tomar uma decisão.

— Tudo bem. Eu vou. E quero. Será... interessante.

— Muito bem — devolveu rapidamente o Sr. Altão, enquanto pegava o mapa de volta e

o enrolava novamente. — Partiremos pela manhã.

Com isso, o Sr. Altão escapuliu. Senti que ele não havia aprovado a minha decisão, mas eu não podia dizer o motivo e não dediquei muito tempo para pensar na questão. Em vez disso, fiquei parado ao lado das cadeiras empilhadas, perdido no passado, pensando em todas as pessoas que eu conhecera desde que era pequeno, especialmente meus pais e minha irmã mais nova.

Harkat vinha mancando na minha direção de vez em quando e balançava a mão cinzenta na minha cara, tentando me fazer sair do meu estado de torpor.

— O que houve de errado? — perguntou ele, já percebendo a minha inquietação.

— Nada — respondi, encolhendo os ombros, confuso. — Pelo menos, creio que não

está havendo nada. Pode até ser algo bom. Eu… — Suspirando, olhei para as dez pequenas cicatrizes nas pontas dos meus dedos e murmurei sem levantar os olhos:

— Estou indo para casa.

CAPÍTULO DOIS

Alexandre Costela se levantou, bateu em sua caixa torácica com uma colher e abriu a boca. Uma nota musical brotou alta e toda a conversa cessou. Encarando o rapaz que estava na cabeceira da mesa, Alexandre cantou:

— Ele é verde, não é pato e nunca viu ninguém chato, seu nome é Shancus... feliz aniversário!

Todos aplaudiram. Trinta artistas e

ajudantes do Circo dos Horrores estavam sentados em volta de uma grande mesa oval, celebrando o oitavo aniversário de Shancus Von. Era um dia frio de abril, e a maior parte das pessoas estava agasalhada. A mesa estava repleta de bolos, doces e bebidas, e comíamos voraz e alegremente.

Quando Alexandre se sentou, Truska — uma mulher que podia fazer com que sua barba crescesse na hora em que quisesse — se levantou e cantou outra canção de aniversário:

— Só uma coisa o faz ficar de esguelha, é quando sua mãe joga a orelha, seu nome é Shancus... feliz aniversário!

Merla pegou uma de suas orelhas quando ouviu isso e a jogou na direção do filho. Ele se abaixou e o “bólido” passou por cima de sua cabeça, girou no ar e voltou para

Merla, que o pegou e o encaixou de volta na lateral da cabeça. Todos riram.

Como Shancus havia sido batizado em minha homenagem, achei que devia contribuir com um versinho da minha lavra. Pensei rapidamente, me levantei, pigarrei e entoei:

— Ele tem escamas, nós nos irmanamos, e hoje ele faz oito anos, seu nome é Shancus... feliz aniversário!

— Obrigado, padrinho — agradeceu Shancus com um sorriso afetado. Eu não era seu padrinho de verdade, mas ele gostava de fingir que sim... especialmente quando era seu aniversário e o garoto queria ganhar um presente bacana!

Alguns outros se revezaram para cantar mensagens de aniversário para o menino-cobra, quando Evra se levantou e terminou a

cantoria com:

— Apesar das travessuras que você faz, o amor que seus pais sentem é demais, Shancus traquinas... feliz aniversário!

Houve muitos aplausos, até que as mulheres que estavam na mesa se arrastaram até onde Shancus estava e o abraçaram e o beijaram. Ele fez uma cara de quem estava incomodado, mas dava para ver que o menino se sentia feliz com tamanha atenção. Seu irmão mais novo, Urcha, era ciumento e estava sentado num lugar um pouco afastado da mesa, com a cara fechada. Sua irmã, Lilia, revirava as pilhas de presentes que Shancus recebera e via se havia alguma coisa que pudesse interessar a uma menina de cinco anos.

Evra foi tentar animar Urcha. Ao contrário de Shancus e Lilia, o Von do meio era um ser humano normal e achava que era o

esquisito da família. Evra e Merla tiveram bastante dificuldade para fazê-lo sentir-se normal. Vi Evra dar um pequeno presente para Urcha e o ouvi sussurrar:

— Não conte para os outros! — Urcha aparentemente ficou muito mais feliz depois disso. Ele se juntou a Shancus na mesa e se empanturrou com um monte de bolinhos.

Segui até onde Evra estava radiante ao lado de sua família.

— Oito anos — observei, batendo de leve no ombro esquerdo de Evra (algumas das escamas do seu ombro direito foram cortadas há muito tempo, e ele não gostava quando as pessoas o tocavam ali). — Aposto que você sente como se fossem oito semanas.

— Você não imagina o quanto está certo — disse Evra, sorrindo. — O tempo voa quando você tem filhos. Um dia você vai

ser... — Ele parou e fez uma careta. — Desculpe, me esqueci.

— Deixa pra lá — respondi. Como meio-vampiro, eu era estéril. Jamais poderia ter filhos. Era uma das desvantagens de fazer parte do clã.

— Quando você mostrará a cobra para Shancus? — perguntou Evra.

— Mais tarde — afirmei com um sorriso. — Eu lhe dei um livro mais cedo. Ele acha que aquele foi o seu presente de verdade... e pareceu ter ficado aborrecido! Vou deixar que o garoto aproveite o resto da festa e virei com a cobra depois, quando ele achar que a diversão acabou.

Shancus já tinha uma cobra, mas eu havia lhe comprado uma nova, maior e mais colorida. Evra me ajudou a escolhê-la. Sua cobra velha seria dada para Urcha, de modo

que os dois meninos teriam o que comemorar hoje à noite.

Merla chamou Evra de volta para a festa — Lilia havia se embolado com os papéis de presente e precisava ser resgatada. Fiquei observando meus amigos por um ou dois minutos, depois dei as costas para as festividades e saí andando. Fiquei vagando pelo labirinto de furgões e tendas do Circo dos Horrores e acabei parando perto da jaula do Homem Lobo. A fera selvagem estava roncando. Peguei um potinho de cebolas em conserva que havia no meu bolso e comi uma, sorrindo tristemente ao lembrar-me de onde viera o meu gosto por elas.

Tal lembrança acabou levando a outras e me vi olhando para os anos passados, recordando-me de eventos grandiosos, triunfos marcantes e perdas dolorosas. A noite em

que fui vampirizado, quando o Sr. Crepsley injetou seu sangue de vampiro em mim. A fase em que fui me conformando lentamente com meu apetite e meus poderes novos. Sam Grest — cuja especialidade eram as cebolas em conserva. Minha primeira namorada, Débora Cicuta. Quando tomei conhecimento dos vampixiitas. A jornada até a Montanha dos Vampiros. Meus rituais de iniciação, onde eu teria que me provar digno de ser uma criança da noite. O dia em que falhei e fugi. A revelação de que um General Vampiro — Kurda Smahlt — era um traidor, pactuado com os vampixiitas. O desmascaramento de Kurda. O momento em que me tornei um Príncipe.

O Homem Lobo se mexeu e continuei andando, pois não queria acordá-lo. Minha mente continuou revirando velhas

lembranças. Kurda nos dizendo por que havia traído o clã — o Senhor dos Vampixiitas havia surgido e estava pronto para liderar sua gente numa guerra contra os vampiros. Os primeiros anos da Guerra das Cicatrizes, quando eu vivia na Montanha dos Vampiros. Quando deixei a segurança da fortaleza para sair à caça do Senhor dos Vampixiitas, acompanhado pelo Sr. Crepsley e por Harkat. O encontro com Vancha March, o terceiro caçador — só ele, o Sr. Crepsley ou eu poderíamos matar o Senhor dos Vampixiitas. A viagem com uma bruxa chamada Evanna. O encontro com o Senhor dos Vampixiitas, no qual não sabia qual era a sua identidade — coisa que só fui descobrir depois, quando ele fugiu com seu protetor, Gannen Harst.

Eu queria parar por aí — as lembranças

seguintes eram as mais dolorosas —, mas meus pensamentos continuaram seguindo em frente. A volta para a cidade onde o Sr. Crepsley passou a juventude. O novo encontro com Débora — que agora era uma professora adulta. Outros rostos do passado — C.C. e Lucas Leopardo. O primeiro costumava atuar como ativista ecológico, um homem que me culpava por ter perdido as mãos. Ele se tornara um vampixiita e fazia parte de um plano para atrair a mim e meus aliados para o subterrâneo, onde o Senhor dos Vampixiitas poderia nos matar.

Lucas também fazia parte do plano, embora a princípio eu achasse que ele estava do nosso lado. Lucas foi o meu melhor amigo quando éramos crianças. Fomos para o Circo dos Horrores juntos. Ele reconheceu o Sr. Crepsley e pediu para ser o seu assistente. O

Sr. Crepsley se recusou — ele disse que Lucas tinha sangue maligno. Mais tarde, Lucas foi mordido pela tarântula venenosa do Sr. Crepsley. Só o vampiro poderia curá-lo. Tornei-me um meio-vampiro para salvar a vida de Lucas, mas ele não viu a coisa dessa maneira. Achava que eu o havia traído e tomado o seu lugar entre os vampiros. Resolveu então se vingar de mim a todo custo.

Adentramos os subterrâneos da cidade do Sr. Crepsley. Encaramos os vampixiitas numa câmara que Lucas havia batizado de Caverna da Vingança. Eu, o Sr. Crepsley, Vancha, Harkat, Débora e uma oficial de polícia chamada Alice Burgess. Foi uma luta difícil. O Sr. Crepsley enfrentou o homem que achávamos ser o Senhor dos Vampixiitas. E o matou. Mas depois Lucas matou o Sr. Crepsley ao jogá-lo num poço de

estacas. Foi um golpe de revirar as entranhas, que se mostrou ainda pior quando Lucas revelou uma verdade chocante — *ele* era o verdadeiro Senhor dos Vampixiitas!

Cheguei na última das tendas e parei, olhando em volta, meio estupefato. Havíamos montado o acampamento num estádio de futebol abandonado. Aquele costumava ser o campo de treino do time local, mas este se mudara para um novo estádio especialmente construído havia alguns anos. O velho estava prestes a ser demolido — blocos de apartamentos seriam construídos por sobre as ruínas —, mas isso ainda demoraria alguns meses. Era meio assustador olhar para milhares de lugares vazios no estádio fantasmagórico.

Fantasmas... Isso fez a minha mente voltar-se para a jornada bizarra que fiz com

Harkat logo em seguida, a qual sabemos agora que se tratava de um vislumbre soturno do futuro. Mais uma vez comecei a me perguntar se aquele futuro devastador era inevitável. Será que eu poderia evitá-lo caso matasse Lucas ou as coisas estavam fadadas a acontecer desse jeito, independente de quem ganhasse a Guerra das Cicatrizes?

Antes que eu começasse a ficar ainda mais absorto, alguém veio por trás de mim e perguntou:

— A festa acabou?

Olhei em volta e vi o rosto cinzento, remendado e cheio de cicatrizes de Harkat Mulds.

— Não — respondi com um sorriso. — Está acabando, mas ainda não terminou.

— Que bom. Temia que pudesse perdê-

la. — Harkat passou a maior parte do dia na rua, entregando panfletos do Circo dos Horrores... essa era uma de suas funções regulares toda vez que chegávamos numa nova cidade. Ele me encarou com seus olhos redondos, verdes e sem pálpebras. — Como você se sente? — perguntou.

— Estranho. Preocupado. Inseguro.

— Você já foi até lá? — Harkat apontou na direção da cidade, para além das muralhas do estádio. Balancei a cabeça. — Você vai ou está planejando... ficar aqui escondido até partirmos?

— Irei. Mas é difícil. Tantos anos. Tantas lembranças. — Este era o verdadeiro motivo de eu estar tão focado no passado. Depois de todos esses anos viajando, eu havia voltado para casa, para a cidade onde nascera e vivera toda a minha vida humana.

— E se a minha família ainda estiver aqui? — perguntei a Harkat.

— Os seus pais? — devolveu ele.

— E Joana, minha irmã. Eles acham que morri. E se me virem?

— Será que o reconheceriam? — perguntou o Pequenino. — Já faz tanto tempo. As pessoas mudam.

— Os humanos sim — bradei. — Mas eu só envelheci quatro ou cinco anos.

— Talvez não fosse má idéia se... você fosse vê-los novamente — afirmou Harkat. — Imagine a alegria que eles teriam se soubessem que... você ainda está vivo.

— Não — retruquei violentamente. — Venho pensando nisso desde que o Sr. Altão me disse que estávamos vindo para cá. Eu *quero* ir atrás deles. Seria maravilhoso para mim... mas terrível para minha família. Eles

me enterraram. Ficaram de luto e espero que tenham tocado sua vida em frente. Não seria justo trazer de volta todas as dores e os sofrimentos do passado.

— Não sei se concordo com isso — disse Harkat mas a... decisão é sua. Então, fique aqui com o circo. Mantenha-se em silêncio. Esconda-se.

— Não posso — suspirei. — Esta é a minha cidade natal. Estou louco para andar por essas ruas novamente, para ver o quanto tudo mudou, olhar para velhos rostos com os quais estava familiarizado. Quero descobrir o que aconteceu com os meus amigos. O mais sensato seria manter a cabeça baixa... mas quando é que *eu* fui sensato?

— E talvez você se envolva em confusão... mesmo que seja sensato — disse Harkat.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, franzindo as sobrancelhas.

Harkat olhou em volta, preocupado.

— Estou com uma sensação estranha em relação a... este lugar — disse ele em voz baixa.

— Que tipo de sensação?

— É difícil explicar. Só a sensação de que este é... um lugar perigoso, mas também de que é o lugar... onde tínhamos que estar. Algo vai acontecer aqui. Você não sente isso?

— Não... mas os meus pensamentos estão por toda parte neste momento.

— Chegamos a discutir algumas vezes a sua decisão de... ficar com o circo — lembrou-me Harkat, fazendo pouco caso das muitas discussões que tivemos sobre se devíamos ou não partir e procurar os Generais Vampiros. Ele acreditava que eu estava

fugindo do meu dever, que devíamos procurar os vampiros e retomar a caçada ao Senhor dos Vampixiitas.

— Você não está começando tudo novamente, está? — perguntei, suspirando.

— Não. Muito pelo contrário. Agora acho que você estava certo. Se não tivéssemos ficado com o circo... não estaríamos aqui agora. E, como eu disse, acho que estávamos... fadados a vir para cá.

Estudei a expressão de Harkat em silêncio.

— O que você acha que acontecerá? — perguntei calmamente.

— A sensação não é tão específica.

— E se você tivesse que adivinhar? — insisti.

Harkat encolheu os ombros de uma maneira desajeitada.

— Acho que acabaríamos dando de cara com... Lucas Leopardo, ou encontrando uma pista que... nos levasse a ele.

Minhas entranhas se retesaram ao pensar na possibilidade de encarar Lucas novamente. Odiava-o pelo que fizera conosco, especialmente depois que matara o Sr. Crepsley. Mas, pouco antes de morrer, meu mestre me avisou para não devotar minha vida ao ódio. Ele disse que isso poderia me perverter, assim como aconteceu com Lucas. Portanto, embora eu ansiasse por uma chance de vingança, isso também me deixava preocupado. Não sabia como reagiria quando o visse novamente, se teria condições de controlar minhas emoções ou me entregaria a uma fúria cega e odiosa.

— Você está apavorado — reparou Harkat.

— Sim. Mas não por causa de Lucas. Estou apavorado com o que *eu* possa vir a fazer.

— Não se preocupe. Você ficará bem.

— E se... — hesitei, com medo de que pudesse trazer azar para mim mesmo. Mas isso era uma tolice, por isso mudei o foco. E se Lucas tentar usar a minha família contra mim? Se ameaçar os meus pais ou Joana?

Harkat acenou lentamente com a cabeça.

— Já pensei nisso. É o tipo de golpe doentio que eu posso... imaginá-lo dando.

— O que eu farei se ele resolver fazer algo assim? Ele já envolveu Débora naquele plano insano só para me destruir... e nem mencionei C.C. E se...

— Calma — Harkat me tranqüilizou. — A primeira coisa a fazer é descobrir se... eles

ainda vivem aqui. Se viverem, podemos providenciar-lhes proteção. Montaremos uma vigília em volta da casa deles... e os protegeremos.

— Nós dois sozinhos não temos como protegê-los — resmunguei.

— Mas não estamos sozinhos. Temos muitos amigos no... circo. Eles nos ajudarão.

— Você acha que é justo envolvê-los?

— Eles já podem estar envolvidos. Seus destinos estão ligados ao nosso, creio. Esse pode ser outro motivo que o levou a sentir... que tinha que ficar aqui. — Depois Harkat sorriu. — Vamos... quero chegar na festa antes que... Sancho devore todos os bolos!

Rindo, pus meus medos de lado por um tempo e retornei pelo acampamento com Harkat. Mas se eu soubesse o quão próximos os destinos dos meus amigos esquisitos

estavam do meu, e da agonia que lhes estava reservando, teria dado meia-volta e fugido na mesma hora para o outro lado do mundo.

CAPÍTULO TRÊS

Não saí para explorar nada naquele dia. Fiquei no Circo dos Horrores e celebrei o aniversário de Shancus. Ele adorou sua cobra nova e achei que Urcha flutuaria de alegria quando soubesse que a cobra velha de Shancus seria sua. A festa durou mais tempo do que o esperado. A mesa estava repleta de bolos e pães doces, e nem mesmo o sempre esfomeado Sancho Duas Panças

conseguia devorá-los todos! Depois de tudo, nos preparamos para o show daquela noite, que transcorreu calmamente. Passei a maior parte da apresentação nos bastidores, examinando os rostos na platéia, procurando velhos vizinhos e amigos. Mas não avistei ninguém que tivesse reconhecido.

Na manhã seguinte, enquanto a maior parte do pessoal do circo estava dormindo, eu dei uma escapulida. Embora fosse um dia de sol, eu usava uma jaqueta leve com capuz sobre as minhas roupas, para que pudesse puxá-lo e esconder o rosto caso fosse necessário.

Eu caminhava a passos rápidos, emocionado por estar de volta. As ruas haviam mudado muito — novas lojas e escritórios, muitos prédios redecorados ou restaurados —, mas os nomes eram os mesmos.

Lembranças me vinham a cada quarteirão percorrido. A loja onde comprei minhas chuteiras. A butique onde minha mãe comprava suas roupas favoritas. O cinema onde levei Joana para assistir a seu primeiro filme. O jornaleiro onde eu comprava os meus gibis.

Vaguei por um vasto complexo que costumava ser minha galeria de informática favorita. Ela estava sob nova administração e havia crescido de um jeito que não dava mais para reconhecê-la. Experimentei alguns dos jogos e sorria ao me lembrar de como ficava excitado quando vinha aqui num sábado e gastava algumas horas no mais recente joguinho de tiro.

Assim que saí da área comercial central, fui visitar os meus parques favoritos. Um deles havia se tornado um conjunto

habitacional, mas o outro permanecia inalterado. Vi um zelador cuidando de um canteiro de flores — o velho William Morris, avô do meu amigo Alan. William era a primeira pessoa do passado que eu via. Ele não me conhecia muito bem, por isso pude passar ao seu lado e observá-lo de perto sem medo de ser reconhecido.

Queria parar e conversar com o avô de Alan para saber como estava o meu antigo colega. Eu ia lhe dizer que era um dos amigos do seu neto e que havíamos perdido o contato. Mas então me lembrei que Alan era agora um adulto, não mais um adolescente como eu. Por isso continuei andando, em silêncio, despercebido.

Estava ansioso para ver a minha antiga casa. Mas não me sentia preparado — eu tremia toda vez em que pensava nisso. Por

isso fiquei vagando pelo centro da cidade, passando por bancos, lojas e restaurantes. Avistei, de relance, rostos dos quais me lembrava por alto — balconistas e garçons, alguns clientes —, mas ninguém que eu conhecesse bem.

Tive vontade de parar para comer numa lanchonete. A comida não era lá essas coisas, mas aquele fora o lugar favorito de meu pai — ele costumava me trazer aqui para fazer um lanche, enquanto mamãe e Joana davam prejuízo nas lojas. Era ótimo estar sentado num ambiente familiar e pedir um sanduíche de bacon com frango, como nos velhos tempos.

Depois do lanche, passei em frente à minha velha escola — uma sensação realmente assustadora! Uma nova ala foi acrescida e havia um gradil de ferro que a cercava,

mas, tirando isso, ela parecia igual à escola da qual me lembrava. O horário de almoço estava acabando e fiquei espiando escondido embaixo da sombra de uma árvore, enquanto os alunos voltavam para as salas. Vi alguns professores também. A maioria deles era gente nova, mas dois chamaram a minha atenção. Um foi a Sra. McDaid. Ela ensinava línguas, principalmente para alunos mais velhos. Tive aulas com ela durante meio período quando minha professora efetiva tirou uma licença.

Eu fora muito mais ligado ao outro professor — o Sr. Dalton! Ele dava aulas de inglês e de história. E era o meu favorito. Naquele instante, ele conversava com alguns dos seus alunos enquanto entrava na sala de aula depois do almoço, e, pelos sorrisos de todos, vi que ainda era tão popular quanto

no meu tempo.

Teria sido ótimo dar de cara com o Sr. Dalton. Estava seriamente pensando em esperar as aulas do dia terminarem para depois ir vê-lo. Ele devia saber como os meus pais e Joana estavam. Eu não precisaria lhe dizer que era um vampiro — poderia alegar que sofria de uma doença que retardava o envelhecimento, que me conservava jovem. Explicar a minha "morte" seria complicado, mas poderia inventar alguma história conveniente.

Mas uma coisa me impediu. Há alguns anos, na cidade natal do Sr. Crepsley, eu fora acusado de ser um assassino pela polícia e meu nome e foto foram enviados para todas as emissoras de TV e jornais. E se o Sr. Dalton tivesse ouvido falar disso? Se ele soubesse que eu estava vivo e achasse que eu

era um assassino, poderia alertar as autoridades. Era mais seguro não correr o risco. Por isso dei as costas para o colégio e lentamente me afastei dali.

Foi só aí que me ocorreu a possibilidade de o Sr. Dalton não ser a única pessoa a ser atingida pela comoção em torno de “Darren Shan, o assassino em série”. E se os meus pais soubessem disso? A cidade do Sr. Crepsley ficava em outra parte do mundo, e eu não sabia ao certo o quanto as notícias poderiam circular entre os dois países. Mas era uma possibilidade.

Tive que me sentar num banco público enquanto pensava nessa horrenda possibilidade. Só poderia começar a imaginar o quão teria sido chocante se, anos depois de me enterrarem, mamãe e papai tivessem me visto no noticiário, com uma legenda dizendo que

eu era um assassino. Como nunca havia pensado nisso antes?

Isso poderia ser um sério problema. Como havia dito a Harkat, não pretendia ver a minha família — o que seria muito doloroso para todos. Mas se eles já soubessem que eu estava vivo, e estivessem vivendo com a crença equivocada de que eu era um assassino, seria necessário dirimir toda e qualquer dúvida. Mas e se eles *não* soubessem?

Seria preciso fazer alguma pesquisa. Eu havia passado por uma biblioteca novíssima e moderna bem no começo da manhã. Corri de volta para ela e pedi ajuda à bibliotecária. Falei que estava fazendo uma pesquisa escolar e tinha que escrever sobre alguma história local dos últimos três anos. Pedi para ver todas as edições do principal jornal da região, assim como do periódico de circulação

nacional que meus pais costumavam ler. Imaginei que, se algum relato dos meus feitos na cidade do Sr. Crepsley tivesse chegado tão longe, haveria menção ao meu nome em algum dos dois jornais.

A funcionária da biblioteca ficou feliz em ajudar. Ela me mostrou onde as microfichas estavam guardadas e explicou como usá-las. Assim que peguei o jeito de colocá-las na tela e examinar uma página de cada vez, ela me deixou sozinho e à vontade.

Comecei com as primeiras edições do jornal nacional, de alguns meses antes de eu começar a ter problemas com a lei. Estava em busca de alguma menção à cidade do Sr. Crepsley e aos assassinos que a infestaram. Acelerei a pesquisa, olhando apenas as seções internacionais. Encontrei umas duas referências aos assassinos — e ambas eram

ridículas! Aparentemente, os jornalistas daqui se divertiram com os rumores de que vampiros haviam passado pela cidade, e a história foi tratada como um leve entretenimento. Havia um pequeno artigo numa das edições, que repetia a notícia de que a polícia havia capturado quatro suspeitos e depois, num descuido, deixou todos escaparem. Nenhum nome era citado e nem se fazia menção às pessoas que Lucas matou quando fugiu.

Eu estava aliviado e furioso ao mesmo tempo. Sabia da dor que os vampixiitas haviam trazido para a cidade, das vidas que destruíram. Não era certo que uma história tão terrível se tornasse objeto de lendas urbanas engraçadinhas, simplesmente porque aconteceu numa cidade que ficava muito longe de onde o pessoal daqui vivia. Não

teriam achado tudo tão divertido se os vampixiitas tivessem vindo para cá!

Dei uma rápida olhada nas edições dos meses seguintes, mas o jornal abandonou a história depois que a fuga foi noticiada. Voltei-me para o jornal local. Aqui o trabalho seria mais lento. As notícias principais estavam na primeira página, mas histórias de interesse local estavam espalhadas por toda parte. Tive que checar a maior parte das páginas de cada edição antes de passar para a seguinte.

Embora tentasse não me demorar em artigos que não tinham relação comigo, não conseguia deixar de passar os olhos nos parágrafos de abertura das histórias mais interessantes. Não demorou muito para eu estar inteirado de tudo que andava acontecendo — eleições, escândalos, heróis, vilões;

policiais que haviam sido altamente elogiados, criminosos que haviam sujado o nome da cidade; um grande assalto a banco; um terceiro lugar numa competição entre as cidades mais limpas do país...

Vi fotografias e li artigos sobre alguns dos meus amigos do colégio, mas um em particular chamou mais a minha atenção — Tom Jones! Tommy era um dos meus melhores amigos, junto com Lucas e Alan Morris. Éramos dois dos melhores jogadores de nossa turma. Eu era o artilheiro e liderava o time na frente, enquanto Tommy era goleiro e fazia defesas sensacionais. Costumava sonhar que um dia viraria um jogador profissional. Tommy havia levado tal sonho adiante e se tornou um goleiro.

Havia dezenas de fotos e histórias sobre ele. Tom Jones (ele havia reduzido o

“Tommy”) era um dos melhores goleiros do país. Várias matérias zombavam do seu nome — também havia um cantor famoso chamado Tom Jones —, mas ninguém tinha nada ruim para dizer sobre o meu amigo. Depois de trabalhar muito para subir nas categorias amadoras, ele assinou contrato com um time daqui, fez o seu nome e depois jogou no exterior durante cinco anos. Agora ele estava de volta à cidade e fazia parte do melhor time do país. Lendo as edições mais recentes, fiquei sabendo que os torcedores locais estavam excitados com a perspectiva de o time disputar a semifinal da copa deste ano — que seria disputada no nosso estádio e o time de Tommy estava nela. Evidentemente, eles ficariam bem mais felizes se o time da cidade tivesse se classificado, mas isso era o melhor que podia acontecer dentro

das circunstâncias.

Ler sobre Tommy fez brotar um sorriso no meu rosto — era legal ver um dos meus amigos se dando tão bem. A outra boa notícia era que não havia nenhuma menção ao meu nome. Como esta era uma cidade muito pequena, estou certo de que as notícias teriam se espalhado caso alguém tivesse ouvido falar que eu tive alguma ligação com os assassinatos. Eu estava livre de qualquer suspeita.

Mas também não havia nenhuma menção à minha família nos jornais. Não conseguia encontrar o nome "Shan" em parte alguma. Eu só tinha uma opção — teria que ir atrás das informações pessoalmente, voltando à casa onde havia morado.

CAPÍTULO QUATRO

A casa me fez perder o fôlego. Ela não havia mudado em nada. A mesma porta colorida, as mesmas cortinas, o mesmo jardim nos fundos. Enquanto ficava ali, contemplando-a, agarrado à parte de cima da cerca, eu quase que esperava que uma versão mais nova de mim mesmo saísse aos pulos pela porta dos fundos, segurando um monte de gibis, enquanto seguia para a casa de Lucas.

— Posso ajudá-lo? — perguntou alguém atrás de mim.

Minha cabeça se virou e meus olhos brilharam. Não sabia quanto tempo havia ficado ali parado, mas vendo o quanto as minhas articulações estavam embranquecidas, creio que alguns minutos, pelo menos, devam ter se passado. Uma mulher mais velha estava bem perto de mim, me observando com um ar suspeito. Sorri afetuosamente enquanto esfregava minhas mãos uma na outra.

— Só estava olhando — afirmei.

— Para o que, exatamente? — desafiou-me a senhora, e percebi como ela devia estar me vendo: um adolescente com a barba por fazer, olhando atentamente para um jardim deserto, espionando a casa. Ela achava que eu era um ladrão examinando o terreno!

— Meu nome é Derek Shan — respondi,

pegando emprestado o primeiro nome do meu tio. — Meus primos moravam aqui. Na verdade, ainda devem morar. Não tenho certeza. Estou na cidade para ver alguns amigos e pensei em dar uma passada aqui para descobrir se alguns dos meus parentes estavam aqui ou não.

— Você tem alguma relação com Joana? — perguntou a mulher, e estremeci à simples menção do seu nome.

— Sim — respondi, esforçando-me para manter a voz firme. — E com Dermot e Angela também. — Meus pais. — Eles ainda moram aqui?

— Dermot e Angela se mudaram há três ou quatro anos. — Ela se aproximou de mim, mais à vontade agora, e olhou para a casa de esguelha. — Eles deviam ter se mudado antes. Essa nunca mais foi uma casa feliz

desde que seu filho morreu. — A mulher me olhou de lado. — Você sabia disso?

— Lembro-me do meu pai me dizendo alguma coisa — murmurei, enquanto as orelhas iam esquentando.

— Nessa época eu ainda não morava aqui. Mas soube de tudo. Ele caiu de uma janela. A família continuou morando aqui, mas o lugar se tornou meio que macabro depois disso. Não sei por que ficaram tanto tempo. Você não consegue relaxar numa casa repleta de lembranças amargas.

— Mas eles ficaram até três ou quatro anos atrás? E se mudaram?

— Sim. Dermot teve um leve ataque do coração. Teve que se aposentar cedo.

— Ataque do coração? — perguntei, ofegante. — Ele passa bem?

— Sim. — A mulher sorriu. — Eu disse

que foi leve, não? Mas eles decidiram se mudar quando ele se aposentou. Foram para o litoral. Angela costumava dizer que gostaria de morar perto do mar.

— E quanto à Joana? Ela foi com eles?

— Não, Joana ficou. Ela ainda mora aqui... ela e o filho.

— *Filho?* — Pestanejei.

— Seu filho. — A mulher franziu a testa. — Você tem certeza de que é parente deles? Parece não conhecer muito a própria família.

— Vivi longe daqui a maior parte da minha vida — falei, com sinceridade.

— Oh. — A mulher baixou o tom de voz. — Na verdade, suponho que esse não seja o tipo de coisa que se fale na frente de crianças. Quantos anos você tem, Derek?

— Dezesseis — menti.

— Então creio que já seja bem

grandinho. Meu nome é Bridget, aliás.

— Olá, Bridget. — Forcei um sorriso, desejando em silêncio que ela prosseguisse com sua história.

— O menino é bem bonitinho, mas na verdade não é um Shan.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, franzindo a testa.

— Ele é ilegítimo. Joana nunca se casou. Eu nem ao menos tenho certeza de que alguém, exceto ela, sabe quem é o pai. Angela alegou que sabiam, mas ela nunca nos disse seu nome.

— Creio que muitas mulheres optam por não se casar nos dias de hoje — desdenhei, não gostando muito do jeito que Bridget estava falando sobre minha irmã.

— É verdade. — Bridget acenou com a cabeça. — Não há nada de errado em querer

a criança e não o marido. Mas Joana estava do lado errado. Ela só tinha dezesseis anos quando o bebê nasceu.

Bridget estava ruborizada, do jeito que os fofoqueiros ficam quando estão contando uma história apimentada. Eu queria lhe dizer injúrias, mas era melhor segurar a língua.

— Dermot e Angela ajudaram a criar o bebê — prosseguiu Bridget. — De certa forma ele foi uma bênção. Tornou-se um substituto para seu filho perdido. E trouxe alguma alegria de volta para a casa.

— E agora Joana está cuidando dele sozinha?

— Sim. Angela voltou várias vezes durante o primeiro ano, para passar fins de semana e feriados. Mas agora que o garoto está mais independente, Joana pode fazer tudo sozinha. Eles se dão tão bem quanto a

maioria, creio. — Bridget olhou para a casa e torceu o nariz. — Mas bem que eles podiam dar uma nova mão de pintura nessa porcaria velha.

— Eu acho que a casa está muito bonita — opinei, com firmeza.

— O que garotos de dezesseis anos sabem sobre casas? — perguntou Bridget, com uma gargalhada. Depois disso, ela me deu bom-dia e saiu para cuidar de seus afazeres. Eu ia chamá-la de volta para lhe perguntar quando Joana estaria em casa. Mas depois resolvi não fazê-lo. Era mais fácil (e mais excitante) ficar aqui vigiando.

Havia um arbusto do outro lado da rua. Fiquei perto dele, cobri minha cabeça com o capuz e fiquei olhando para o meu relógio de pulso de tantos em tantos minutos, como se estivesse esperando para encontrar alguém.

A rua estava silenciosa e não havia muita gente circulando.

O dia escureceu e o crepúsculo caiu sobre a cidade. O ar estava congelando os ossos, mas isso não me incomodava — meio-vampiros não sentem tanto frio quanto os humanos. Pensei no que Bridget dissera enquanto eu estava esperando.

Joana era mãe! Era difícil de acreditar. Na última vez em que a vi, ela ainda era uma menina. Pelo que Bridget disse, a vida de Joana não havia sido das mais fáceis. Ser mãe aos dezesseis anos deve ter sido complicado. Mas parecia que agora ela tinha tudo sob controle.

Uma luz se acendeu na cozinha. A silhueta de uma mulher passou de um lado para outro. Até que a porta dos fundos se abriu e minha irmã saiu. Não havia como errar.

Estava mais alta, com o cabelo castanho comprido, mais rechonchuda do que era quando pequena. Mas o mesmo rosto. Os mesmos olhos cintilantes e lábios que pareciam estar prontos para ostentar um sorriso caloroso em instantes.

Fiquei olhando para Joana como se estivesse num transe.

Não tinha condições de tirar meus olhos daquela cena. Eu estava tremendo e minhas pernas pareciam que estavam prestes a desmoronar, mas não dava para desviar o olhar.

Joana andou até um varal no quintal, no qual as roupas de um menino estavam penduradas. Ela soprou suas mãos para esquentá-las e depois as ergueu para pegar as roupas e dobrá-las sobre a curva do braço esquerdo.

Dei um passo à frente e abri a boca para

gritar seu nome, esquecendo-me de todos os pensamentos que diziam para não me anunciar. Aquela era Joana — a minha irmã! Eu *tinha* que falar com ela, abraçá-la novamente, rir e chorar junto, resgatar o passado, perguntar como papai e mamãe estavam.

Mas minhas cordas vocais não funcionaram. Eu estava sufocado pela emoção. Tudo que consegui foi falar em voz baixa. Fechei a boca, atravessei a rua e fui diminuindo de velocidade à medida que me aproximava da cerca. Joana havia reunido todas as roupas que estavam no varal e estava voltando para a cozinha. Engoli em seco, profundamente, e lambi os lábios. Pisquei diversas vezes, numa rápida sucessão para arejar a cabeça. Abri a boca novamente...

... e parei quando um garoto dentro de casa gritou:

— Mamãe, cheguei!

— Já era hora! — gritou Joana de volta, e dava para sentir o amor em sua voz. — Pensei ter lhe pedido para pegar as roupas.

— Desculpe. Espera um segun... — Vi a sombra do garoto enquanto ele entrava na cozinha e corria na direção da porta dos fundos. Até que o menino apareceu. Era bochechudo, tinha o cabelo claro e parecia bem amável.

— Você quer que eu leve algumas dessas? — perguntou o menino.

— Meu herói — disse Joana, rindo, enquanto entregava metade das roupas para ele. Ele seguiu na frente da mãe. Ela se virou para fechar a porta e me avistou. Fez uma pausa. Estava muito escuro. A luz a iluminava por trás. Não dava para me ver muito bem. Mas fiquei ali em pé um bom tempo...

se eu a tivesse chamado...

Mas não o fiz.

Em vez disso, tossi, puxei o capuz com força em volta do meu rosto, me virei e saí dali andando. Ouvi a porta se fechar atrás de mim e era como se o som de uma faca afiada estivesse me rasgando, deixando-me à deriva do passado.

Joana tinha a sua própria vida. Um filho. Um lar. Provavelmente um emprego. Talvez um namorado ou alguém especial. Não seria justo que eu aparecesse para reabrir velhas feridas e fazê-la se tornar parte do meu mundo sombrio e tortuoso. Ela gozava de paz e de uma vida normal — e isso era muito melhor do que o que eu tinha para oferecer.

Por isso a deixei para trás e me retirei furtiva e rapidamente pelas ruas da minha

velha cidade, de volta ao meu verdadeiro lar — o Circo dos Horrores. E chorava desbragadamente, a cada passo doloroso e solitário do caminho.

CAPÍTULO CINCO

Eu não tinha condições de conversar com ninguém naquela noite. Sentei-me sozinho num assento que ficava na parte de cima do estádio de futebol enquanto o show prosseguia, pensando em Joana e em seu filho, mamãe e papai, em tudo que havia perdido e continuava me fazendo falta. Pela primeira vez em anos fiquei furioso com o Sr. Crepsley por ter me vampirizado. Fiquei me

perguntando como teria sido a minha vida se ele tivesse me deixado sozinho, querendo poder voltar e mudar o passado.

Mas me torturar não fazia sentido. O passado era um livro fechado. Eu não podia fazer nada para alterá-lo, e nem ao menos tinha certeza de que o faria se pudesse — se eu não tivesse sido vampirizado, não teria como avisar os vampiros dos planos de Kurda Smahlt, e todo o clã teria sido aniquilado.

Se eu tivesse voltado para casa dez ou doze anos antes, meus sentimentos de perda e raiva poderiam ter sido mais fortes. Mas agora eu era adulto em tudo, menos na aparência. Um Príncipe Vampiro. Eu havia aprendido a lidar com as dores no coração. Aquela não foi uma noite fácil. Lágrimas fluíram livremente.

Mas no momento em que apaguei e dormi, algumas horas antes do amanhecer, eu já havia me conformado com a situação e sabia que não haveria novas lágrimas pela manhã.

Quando acordei, meu corpo estava duro por causa do frio intenso, mas acabei me esquentando enquanto corria pelas fileiras do estádio até o local onde o circo estava acampado. Quando estava quase chegando na tenda que dividia com Harkat, avistei o Sr. Altão. Ele estava perto de uma fogueira, usando um espeto para assar lingüiças. Ele acenou para que eu me aproximasse e me deu um punhado delas, para depois atravessar uma nova fornada com outro espeto e colocá-la sobre as chamas.

— Obrigado — agradeci, mastigando

vorazmente as lingüiças assadas.

— Sabia que você estava com fome — respondeu ele, que me encarou com firmeza. — Você foi ver a sua irmã.

— Sim. — Não me surpreendi por ele saber. O Sr. Altão era uma velha coruja perspicaz.

— Ela viu você?

— Por um breve instante, mas saí fora antes que ela pudesse ver direito.

— Você se comportou corretamente. — Ele virou as lingüiças e falou num tom de voz suave: — E está prestes a me perguntar se eu o ajudarei a proteger sua irmã. Você teme pela sua segurança.

— Harkat acha que algo vai acontecer. Ele não sabe bem o quê, mas se Lucas Leopardo estiver envolvido, poderá usar Joana para me ferir.

— Ele não o fará. — Fiquei surpreso com a objetividade do Sr. Altão. Normalmente ele era muito cauteloso quando se referia a algo relacionado com o futuro. — Enquanto você estiver fora da vida dela, sua irmã não estará sob nenhuma ameaça direta.

— E quanto às ameaças indiretas? — perguntei cautelosamente.

O Sr. Altão deu uma gargalhada.

— Todos estamos sob ameaça indireta, de um jeito ou de outro. Harkat está certo; este é um momento e um lugar de destino. Não posso falar mais nada sobre isso, exceto aconselhá-lo para que deixe sua irmã em paz. Ela está segura assim.

— O.K. — suspirei. Não estava feliz em deixar Joana à própria sorte, mas eu confiava em Hibérnio Altão.

— Agora você precisa dormir um pouco

mais. Parece muito cansado.

Parecia uma boa idéia. Peguei mais uma lingüiça, virei-me para sair e de repente parei.

— Hibérnio — falei sem encará-lo. — Sei que não pode me dizer o que acontecerá, mas, antes de virmos para cá, você falou que eu não precisava ter vindo. Teria sido melhor se eu estivesse longe, não?

Fez-se um longo silêncio. Eu não achava que ele fosse responder. Até que, delicadamente, falou:

— Sim.

— E se eu fosse embora agora?

— É tarde demais — afirmou o Sr. Altão. — Sua decisão de voltar já desencadeou uma série de acontecimentos. Tal sucessão não pode ser alterada. Se você partisse agora, isso só serviria aos propósitos das forças que

você enfrenta.

— Mas e se... — prossegui, tentando estender o assunto. Mas o Sr. Altão havia desaparecido, deixando apenas as chamas tremeluzentes e um espeto com lingüiças em cima da grama, próximo ao fogo.

Naquela noite, depois que descansei e comi mais um pouco para me saciar, falei para Harkat sobre a ida que fiz à minha casa. Também falei sobre a breve conversa que tive com o Sr. Altão e o quanto ele me recomendou para que não me envolvesse com Joana.

— Então você tinha razão — resmungou Harkat. — Achei que você devia se envolver com sua... família novamente, mas parece que eu estava errado.

Estávamos alimentando o Homem Lobo

com pedaços de carne, o que fazia parte das nossas tarefas diárias. Ficávamos a uma distância segura de sua jaula, pois tínhamos noção da força das suas terríveis mandíbulas.

— E quanto ao seu sobrinho? Parece com alguém da família?

Parei, com um pedaço grande de carne na mão direita.

— É estranho, mas não havia pensado nele dessa forma até agora. Só o via como o filho de Joana. Esqueci que isso faz dele o meu sobrinho. — Sorri meio torto. — Eu sou tio!

— Parabéns — disse Harkat, sem nenhuma emoção. — Ele se parece com você?

— Na verdade, não. — Pensei no sorriso do garoto bochechudo de cabelo claro e em como ele ajudara Joana a pegar a roupa limpa. — É um bom menino, pelo que vi.

Bonito, é claro, como todos os Shan.

— É claro! — bufou o Pequenino.

Lamentava-me muito por não ter prestado mais atenção no filho de Joana. Nem ao menos sabia o seu nome. Pensei em voltar para saber dele — poderia ficar plantado e dar de cara novamente com Bridget, a fofoqueira —, mas descartei completamente a idéia. Esse era exatamente o tipo de manobra que poderia sair pela culatra e fazer-me ser notado por Joana. Era melhor esquecê-lo.

Enquanto estávamos terminando de conversar, vi um menino nos observando por trás de um furgão que estava por perto. Ele nos estudava calmamente, tomando cuidado para não chamar a atenção. Normalmente, eu o teria ignorado — crianças costumavam vir fuxicar o acampamento do circo. Mas

meus pensamentos estavam no meu sobrinho e me vi mais interessado no garoto do que devia.

— Olá! — gritei, acenando em sua direção. A cabeça do menino sumiu rapidamente atrás do furgão. Eu teria deixado as coisas assim, mas pouco depois o garoto saiu e veio andando em nossa direção. Ele parecia nervoso (o que era compreensível, já que estávamos perto do Homem Lobo e dos seus rugidos), mas se esforçava para não demonstrar.

O garoto parou a alguns metros de distância e acenou acanhadamente.

— Oi — murmurou. Ele era esquelético. Tinha o cabelo louro escuro e olhos azuis radiantes. Calculei que devia ter algo em torno de dez ou onze anos de idade, talvez um pouco mais velho do que o filho de Joana,

embora não devesse haver uma grande diferença de idade entre os dois. Ao que me era dado supor, eles podiam até freqüentar a mesma escola!

O menino não disse nada depois de nos cumprimentar. Eu estava pensando no meu sobrinho e comparando aquele garoto com ele, por isso também não disse nada. Harkat finalmente quebrou o silêncio.

— Oi — disse ele, baixando a máscara que usava para filtrar o ar, que lhe era venenoso. — Sou Harkat.

— Darius — respondeu o garoto, acenando para Harkat, sem estender a mão.

— E eu sou Darren — falei, sorrindo.

— Vocês dois fazem parte do show de horrores — disse Darius. — Eu os vi ontem.

— Você já esteve aqui antes? — perguntou Harkat.

— Umas duas vezes. Nunca tinha visto um show de horrores antes. Tentei comprar um ingresso, mas ninguém quis me vender. Pedi para o sujeito alto... é o dono, não é?... mas ele disse que crianças não podiam entrar.

— E porque as atrações são um tanto ou quanto repulsivas — afirmei.

— Mas é por isso que eu quero ver — resmungou o menino.

Dei uma gargalhada, lembrando-me de como eu era quando tinha aquela idade.

— Vou lhe dizer uma coisa — falei. — Por que você não anda por aí com a gente? Podemos lhe apresentar alguns dos artistas e falar sobre o espetáculo. Se você ainda quiser um ingresso, talvez possamos separar um para você depois.

Darius me olhou de esguelha,

desconfiado, e depois se voltou para Harkat.

— Como vou saber se posso confiar em vocês? — perguntou ele. — Vocês podem ser uma dupla de seqüestradores.

— Ah, lhe dou a minha palavra de que não vamos... raptar você — murmurou Harkat, enquanto dava o seu sorriso mais largo para Darius e mostrava a língua cinzenta e os dentes afiados e pontudos. — Podemos usá-lo para alimentar o Homem Lobo... mas não o raptaremos.

Darius bocejou para demonstrar que não estava com medo daquela ameaça dramática e depois disse:

— Que diabos, eu não tenho nada melhor para fazer. — Depois disso ele bateu com o pé e ergueu uma das sobrancelhas, impaciente. — Vamos! — falou rispidamente. — Estou pronto!

— Sim, mestre. — Dei uma gargalhada e levei o menino aparentemente inofensivo para dar uma volta no circo.

CAPÍTULO SEIS

Andamos com Darius por todo o acampamento e o apresentamos a Sancho Duas Panças, Cormac Limbs, Mano Mão e Truska. Cormac estava ocupado e sem tempo para mostrar ao garoto como podia fazer crescer seus membros novamente. Truska, porém, fez brotar uma pequena barba para que o menino visse, e depois reabsorveu os pêlos no rosto. Darius agia como se não estivesse

impressionado, mas dava para ver em seus olhos que estava maravilhado.

Darius era estranho. Ele não falava muito e mantinha uma certa distância, ficando sempre a alguns metros de mim e de Harkat, como se ainda não confiasse em nós. Fez várias perguntas sobre os artistas e o Circo dos Horrores, o que era normal. Mas nada perguntou sobre mim, de onde eu era, como havia entrado na trupe e quais eram as minhas tarefas. Também não fez nenhuma pergunta a Harkat. O Pequenino de pele cinzenta e rosto costurado não se parecia com nada que a maior parte das pessoas havia visto. Era normal que os recém-chegados o interrogassem em busca de informações. Mas Darius parecia pouco interessado em Harkat, como se já soubesse tudo sobre ele.

Ele também tinha uma maneira

estranha de me encarar. Eu costumava pegá-lo olhando para mim, quando ele achava que minha atenção estava voltada para outra coisa. Não era um olhar ameaçador. Havia algo no pestanejar dos seus olhos que, por algum motivo, me deixava inquieto.

Harkat e eu não estávamos com fome, mas, quando passamos por uma das fogueiras do acampamento e vimos uma panela de sopa borbulhando, pude ouvir o estômago de Darius roncar.

— Quer comer? — perguntei.

— Vou jantar quando for para casa — respondeu ele.

— Que tal uma refeição leve para recarregar as baterias?

Ele hesitou, mas depois lambeu os lábios e acenou rapidamente com a cabeça.

— Mas só uma tigelinha de sopa — disse

o menino rapidamente, como se o estivéssemos forçando a comer.

Enquanto Darius devorava a sopa, Harkat perguntou se ele morava por perto.

— Não muito longe — respondeu Darius, vagamente.

— Como você soube… do show?

Darius não levantou a cabeça.

— Um amigo meu, Oggy Bas, esteve aqui. Ele ia pegar alguns assentos… normalmente vimos aqui quando queremos pegar cadeiras ou grades. É fácil de entrar e ninguém liga para o que estamos levando. Ele viu a tenda do circo e me contou. Achava que era um circo normal até vir investigar ontem.

— Que tipo de nome é Oggy Bas? — perguntei.

— Oggy é um diminutivo de Augustine — explicou Darius.

— Você falou para Oggy o que o Circo dos... Horrores era de fato? — perguntou Harkat.

— Que nada. Ele é muito falastrão. Iria contar para Deus e o mundo e sabe-se lá quem viria. Gosto de ser o único que sabe das coisas.

— Então você é um garoto que sabe guardar um segredo — afirmei, com uma risada. — Claro, o lado ruim disso é que, como ninguém sabe que você está aqui, ninguém saberia onde procurá-lo se o raptássemos *mesmo* ou lhe déssemos como comida para o Homem Lobo.

Eu estava brincando, mas Darius reagiu prontamente. Ele meio que se levantou para fugir, deixando cair a tigela de sopa pela metade. Agindo instintivamente, agarrei a tigela e, por causa da minha velocidade de

vampiro, a peguei antes que ela caísse no chão. Mas Darius achou que eu queria atacá-lo. Ele se jogou para trás e berrou:

— Deixe-me em paz!

Dei um passo para trás, surpreso. As outras pessoas em volta do fogo nos contemplavam de boca aberta. Os olhos verdes de Harkat estavam sobre Darius, e havia mais do que um quê de surpresa em sua expressão — ele parecia cauteloso também.

— Calma — falei, meio que rindo, enquanto colocava a tigela de lado e erguia as mãos num gesto de amizade. — Não vou machucá-lo.

Darius se sentou direito. Ele estava corado e furioso.

— Estou bem — murmurou o menino, enquanto se levantava.

— O que há de errado, Darius? —

perguntou Harkat calmamente. — Por que está tão irritado?

— Estou bem — repetiu Darius, enquanto olhava para Harkat. — É que não gosto quando as pessoas dizem coisas assim. Criaturas como vocês fazendo esse tipo de ameaça não é nada engraçado.

— Não tive a intenção — comentei, envergonhado por ter assustado o garoto. Que tal um ingresso para a apresentação de hoje à noite para compensar o susto que demos?

— Não estou com medo — resmungou Darius.

— É claro que não — retruquei, sorrindo. — Mas você gostaria de ganhar um ingresso assim mesmo?

Darius amarrou a cara.

— Quanto vai custar?

— É de graça — falei. — Cortesia da casa.

— Tudo bem. — Isso era o mais perto que Darius podia chegar de um “obrigado”.

— Você quer um para Oggy também? — perguntei.

— Não. Ele não viria. É muito medroso. Nem sequer vê filmes de terror, nem aqueles mais antigos e chatos.

— Tudo bem. Espera aqui. Volto daqui a uns dois minutos.

Fui atrás do Sr. Altão. Quando lhe disse o que queria, ele franziu a testa e disse que todos os ingressos para a apresentação de hoje à noite já estavam vendidos.

— Mas com certeza você deve ter um aí sobrando — falei, rindo. Havia sempre muito espaço nas galerias e não seria difícil colocar algumas cadeiras a mais.

— Será que é uma atitude de bom senso convidar uma criança para o espetáculo? —

perguntou o Sr. Altão. — As crianças tendem a não ter muita sorte por aqui. Você, Lucas Leonardo, Sam Crespo. — Sam foi um menino que teve um encontro fatal com o Homem Lobo. Foi a primeira pessoa cujo sangue eu bebi. Uma parte do seu espírito, sem mencionar o seu gosto por cebolas em conserva, ainda vivia dentro de mim.

— Por que você mencionou Sam? — perguntei, confuso. Não conseguia me lembrar da última vez em que o Sr. Altão chegou a fazer uma referência ao meu amigo que há tempos tinha morrido.

— Nenhum motivo em particular. Só acho que o circo é um lugar perigoso para crianças. — Depois disso, ele fez aparecer um ingresso do nada e o entregou para mim. — Dê ao garoto se você quiser — resmungou, como se eu tivesse sido muito inconveniente

ao lhe pedir um favor.

Voltei lentamente para onde Darius e Harkat estavam, perguntando a mim mesmo por que o Sr. Altão agira de um jeito tão estranho. Será que estaria tentando me alertar para que não deixasse Darius se envolver tanto com o Circo dos Horrores? Será que Darius era como Sam Crespo, ansioso para sair de casa e viajar por aí com um bando de mágicos? Será que eu, ao convidá-lo para a apresentação, estaria lhe reservando um destino trágico como o de Sam?

Encontrei Darius no local onde o havia deixado. Ele não parecia ter movido um músculo. Harkat estava do outro lado da fogueira, com um dos olhos verdes no garoto. Hesitei antes de lhe dar o ingresso.

— O que você acha do Circo dos Horrores? — perguntei.

— Legal — respondeu ele, encolhendo os ombros.

— O que você acharia de se juntar a nós?

— O que você quer dizer com isso?

— Se houvesse uma brecha e você tivesse a chance de sair de casa, será que...

— De jeito nenhum! — vociferou o rapaz antes que eu pudesse terminar minha frase.

— Você é feliz em casa?

— Sim.

— Você não quer viajar pelo mundo?

— Não com essa sua turma.

Sorri e lhe dei o ingresso.

— Tudo bem, então. O espetáculo começa às dez. Você terá como vir?

— É claro — disse Darius, enquanto embolsava o ingresso, sem olhar para ele.

— E quanto aos seus pais?

— Irei para a cama cedo e depois darei

uma escapulida — respondeu o menino, com uma risadinha maliciosa.

— Se você for pego, espero que não lhes conte nada sobre nós — avisei-o.

— Como se eu fosse fazer isso! — retrucou, bufando, para depois acenar rapidamente e sair. Ele olhou para mim uma última vez antes de sumir de vista, e mais uma vez havia algo estranho em seu olhar.

Harkat contornou a fogueira e acompanhou o garoto com o olhar.

— É um moleque estranho — comentei.

— Mais do que apenas estranho — murmurou Harkat.

— O que há de errado? — perguntei.

— Não gosto dele.

— Ele foi um tanto rabugento — concordei —, mas muitos garotos da sua idade agem dessa maneira. Eu mesmo era assim

quando entrei no Circo dos Horrores.

— Não sei. — Os olhos de Harkat estavam cheios de dúvidas.

— Não acreditei nessa história do amigo dele... Oggy. Se é tão medroso assim, o que ele estava... fazendo por aqui xeretando?

— Você está ficando desconfiado com a velhice — afirmei, rindo.

Harkat balançou a cabeça devagar.

— Você não percebeu o que houve.

— O quê? — perguntei, franzindo a testa.

— Quando nos acusou de o estarmos ameaçando, ele disse... "criaturas como vocês".

— E daí?

Harkat sorriu sutilmente.

— É mais do que óbvio que *não* sou humano. Mas o que fez com que ele atinasse para o fato... de que *você* também não é?

Um súbito calafrio me percorreu a espinha. Harkat tinha razão — o garoto sabia mais sobre nós do que devia. E percebi naquele instante o que me perturbara no olhar de Darius. Quando ele achava que eu não estava olhando, seus olhos se voltavam continuamente para as cicatrizes nas pontas dos meus dedos, as marcas típicas de um vampiro — como se soubesse o que elas significavam!

CAPÍTULO SETE

Harkat e eu não estávamos certos do que deveríamos fazer com relação a Darius. Parecia improvável o fato de os vampixiitas recrutarem crianças. Mas havia a mente distorcida de seu líder, Lucas Leopardo, para ser levada em consideração. Decidimos que levaríamos o garoto para um canto quando ele viesse para o show, a fim de arrancar informações. Não recorreríamos à tortura e nem a nada

tão drástico — só tentaríamos obter algumas respostas.

Teríamos que ajudar os artistas a se prepararem para o espetáculo, mas falamos com o Sr. Altão que estaríamos ocupados e, por isso, ele delegou nossas tarefas para outros membros da trupe. Se ele soubesse dos nossos planos para Darius, não diria o mesmo.

Havia dois acessos para se entrar na tenda. Pouco antes de o público começar a chegar, Harkat e eu nos posicionamos, cada um perto de uma das entradas, onde poderíamos ficar de olho em Darius. Eu ainda estava preocupado com a possibilidade de ser reconhecido por alguém que havia me conhecido no passado, por isso fiquei no meio das sombras ao lado da entrada, disfarçado com um dos mantos azuis de Harkat, escondendo o meu rosto com um capuz. Fiquei

observando em silêncio enquanto os madrugadores chegavam aos poucos e entregavam os ingressos para Jekkus Flang (o Sr. Altão estava na outra entrada). A cada terceiro ou quarto pagante, Jekkus jogava os ingressos para o ar, lançava uma faca na direção deles, atravessando-os no meio e prendendo-os num poste que ficava por perto.

Enquanto o público escasso ia se transformando numa multidão e Jekkus fincava ingressos e mais ingressos no poste, estes e as facas traçavam o contorno de um homem enforcado. As pessoas riam tensas quando percebiam o que Jekkus estava fazendo. Algumas paravam para elogiar sua habilidade de arremessador de facas, mas a maioria corria para seus assentos, sendo que alguns olhavam para trás na direção da figura do

homem enforcado, talvez se perguntando se ela era um presságio de coisas que estavam por vir.

Ignorei o homem enforcado — já havia visto Jekkus fazer o seu truque muitas vezes — e me concentrei nos rostos da multidão. Era difícil notar todo mundo que passava no meio daquela turba, especialmente gente de baixa estatura. Mesmo se Darius resolvesse entrar dessa maneira, não havia garantias de que eu iria avistá-lo.

Lá pelo fim da fila, enquanto os últimos pagantes iam entrando, Jekkus suspirou, surpreso, e abandonou o seu posto.

— Tom Jones! — gritou ele, enquanto dava um salto para a frente. — Quanta honra!

Era o famoso goleiro da cidade, Tom Jones — meu velho amigo do colégio!

Tommy sorriu, desajeitado, e apertou a mão de Jekkus.

— Oi — disse ele, tossindo e olhando em volta para ver se mais alguém o havia notado. Além daqueles que estavam mais perto de nós, ninguém mais havia se tocado de sua presença ali. Todos os olhos estavam fixos no palco, enquanto aguardavam o começo do show.

— Já vi você jogando! — entusiasmou-se Jekkus. — Não vou a muitas partidas... é a maldição de quem vive viajando... mas já fui a algumas. Você é demais! Será que vamos ganhar amanhã? Queria comprar um ingresso para o jogo, mas estão esgotados.

— É um jogo importante — disse Tommy. — Eu poderia tentar arrumar um para você, mas não creio...

— Tudo bem — interrompeu-o Jekkus.

— Não estou querendo arrancar ingressos grátis de você. Só queria lhe desejar boa sorte. Agora, por falar em ingressos, poderia me dar o seu?

Tommy deu seu ingresso para Jekkus, que perguntou se ele poderia autografá-lo. Tommy atendeu o pedido, e Jekkus enfiou o ingresso no bolso, enquanto abria um largo sorriso de felicidade. Ele se ofereceu para encontrar um bom lugar para Tommy na frente, mas meu amigo de colégio disse que ficaria feliz se pudesse sentar na retaguarda.

— Não creio que seria bom para a minha imagem se soubessem que eu venho a espetáculos como esse — falou ele, às gargalhadas.

Enquanto Tommy seguia para um dos poucos lugares vazios, eu suspirei de alívio — ele não havia me visto. A sorte dos vampiros

estava do meu lado. Esperei mais alguns minutos, até os últimos da fila entrarem, e depois saí de onde estava, me arrastando, enquanto Jekkus fechava a entrada. Fui me encontrar com Harkat.

— Você o viu? — perguntei.

— Não — respondeu o Pequenino. — E você?

— Não. Mas vi um velho amigo. — Falei a ele sobre Tom Jones.

— Poderia ser uma armação? — perguntou Harkat.

— Duvido muito. Tommy queria vir ao Circo dos Horrores na última vez em que passou por aqui. Ele está na cidade por causa do jogo de amanhã. Deve ter sabido do espetáculo e conseguiu um ingresso... coisa fácil para uma celebridade.

— Mas não é uma certa coincidência o

fato... de ele estar aqui na mesma época que nós? — insistiu o meu amigo.

— Ele está aqui porque o time dele está na semifinal do campeonato — lembrei a Harkat. — Lucas não pode ter armado isso... até mesmo o Senhor dos Vampixiitas tem os seus limites!

— Você tem razão — disse Harkat, rindo. — Estou ficando realmente paranóico!

— Vamos esquecer Tommy. E quanto a Darius? Será que ele poderia ter entrado sem que o tivéssemos visto?

— Sim. Foi impossível identificar... todo mundo que entrou. Uma criança poderia facilmente... ter entrado sem ser notada.

— Então temos que entrar e procurá-lo.

— Calma aí. — Harkat me deteve. — Embora o fato de seu amigo Tommy estar aqui provavelmente... não ser nada que possa nos

preocupar, não precisamos pôr o destino à prova. Se você entrar, seu capuz pode escorregar... e ele poderá vê-lo. Deixa comigo.

Enquanto eu esperava do lado de fora, Harkat entrou na tenda do circo e verificou as galerias, checando o rosto de cada elemento da platéia enquanto o show prosseguia. Mais de meia hora se passou antes de ele reaparecer.

— Não o vi — disse Harkat.

— Talvez ele não tenha conseguido fugir de casa — afirmei.

— Ou talvez tenha achado que... suspeitamos dele. De qualquer maneira, não podemos fazer nada, a não ser... vigiar durante o resto do tempo que ficarmos aqui. Ele pode vir até aqui às escondidas... durante o dia novamente.

Apesar do anticlímax, fiquei feliz por

Darius não ter aparecido. Não estava aguardando ansiosamente a oportunidade de ameaçar o garoto. Era melhor dessa maneira, para todos os envolvidos. E quanto mais eu pensava nisso, mais ridícula parecia a nossa reação. Darius certamente sabia mais sobre nós do que qualquer criança poderia saber, mas talvez tivesse simplesmente lido os livros certos ou nos encontrado na Internet. Não havia muitos humanos que sabiam das verdadeiras marcas de um vampiro ou da existência dos Pequeninos, mas a verdade (como costumavam dizer naquele famoso seriado de televisão) está lá fora! Havia várias maneiras de um moleque bem informado descobrir fatos sobre nós.

Harkat não estava tão relaxado quanto eu e insistiu para que ficássemos perto das entradas até o final do espetáculo, no caso de

Darius chegar depois. Não corríamos nenhum risco sendo cautelosos, por isso fiquei de vigília durante o resto da apresentação, ouvindo os suspiros, gritos e aplausos das pessoas que estavam sob a tenda. Saí de onde estava alguns minutos antes do final e fui até onde Harkat se posicionava. Nós nos escondemos dentro de uma picape enquanto a multidão saía e só saímos depois que o último pagante, extasiado, deixou a arena.

Nós nos reunimos com a maior parte dos artistas e funcionários do circo numa tenda atrás do palco principal, para a festa pós-show. Não eram comuns comemorações depois de cada apresentação, mas gostávamos de relaxar de vez em quando. A vida na estrada era difícil, percorrer longas distâncias, trabalhar obstinadamente, evitando chamar a atenção. Às vezes era bom dar uma

acalmada.

Havia alguns convidados na tenda — policiais, oficiais do conselho municipal, homens de negócios bem-sucedidos. O Sr. Altão sabia como molhar as mãos certas para fazer a vida ficar mais fácil para todos.

Nossos visitantes estavam particularmente interessados em Harkat. O público em geral não havia visto o Pequenino de pele cinzenta. Esta era uma chance para que os convidados especiais experimentassem algo diferente, de que poderiam se gabar para os amigos. Harkat sabia o que se esperava dele e deixou os humanos o examinarem, falou um pouco sobre o seu passado, respondendo educadamente às perguntas de todos.

Fiquei sentado num canto mais tranqüilo da tenda, mastigando ruidosamente um sanduíche, que engolia com a ajuda de

um pouco d'água. Estava me preparando para sair quando Jekkus Flang abriu caminho no meio da turba e me apresentou ao convidado que havia acabado de trazer para a tenda:

— Darren, este é o melhor goleiro do mundo, Tom Jones. Tom, este é o meu grande amigo e colega de trabalho, Darren Shan.

Suspirei e fechei os olhos. Era demais para a sorte dos vampiros! Ouvi Tommy soluçar assim que me reconheceu. Abri os olhos, forcei um sorriso, levantei-me, apertei a mão de Tommy — seus olhos se arregalaram profundamente — e disse:

— Olá, Tommy. Há quanto tempo. Posso pegar algo para você beber?

CAPÍTULO OITO

Tommy ficou surpreso ao ver-me vivo, depois de ter sido declarado morto e enterrado dezoito anos atrás. E ainda contava o fato de eu só aparentar estar alguns poucos anos mais velho. Era muita coisa para que ele pudesse compreender. Durante um tempo ele ficou me ouvindo falar, acenando debilmente com a cabeça, sem absorver nada. Mas de vez em quando ele voltava a si e se

concentrava no que eu estava dizendo.

Inventei uma história meio absurda — porém acreditável — para lhe contar. Sentia-me mal, mentindo para o meu velho amigo, mas a verdade era mais estranha do que a ficção — era mais simples e mais seguro assim. Disse-lhe que eu sofria de uma doença rara, que impedia que eu envelhecesse normalmente. Ela fora descoberta quando eu era criança. Os médicos me deram cinco ou seis anos de vida. Meus pais ficaram arrasados com a notícia, mas como não podíamos fazer nada para evitá-la, não contamos nada a ninguém e tentamos levar uma vida normal enquanto podíamos.

Até que o Circo dos Horrores chegou à cidade.

— Encontrei um médico extraordinário — menti. — Ele estava viajando com o circo,

estudando as aberrações. Disse que poderia me ajudar, mas eu teria que sair de casa e viajar com o circo... eu precisava de um monitoramento constante. Conversei com os meus pais e decidimos fingir que eu havia morrido, para que pudesse partir sem levantar suspeitas.

— Mas, pelo amor de Deus, por quê? — explodiu Tommy. — Seus pais poderiam ter partido com você. Por que submeter todos a tanta dor?

— Como poderíamos explicar? — suspirei. — O Circo dos Horrores é um show itinerante e ilegal. Meus pais teriam que desistir de tudo e ficar na clandestinidade junto comigo. Isso não seria justo com eles e teria sido tremendamente injusto com Joana.

— Mas devia haver alguma outra maneira — protestou Tommy.

— Talvez. Mas não tivemos muito tempo para pensar. O Circo dos Horrores só iria ficar na cidade durante alguns dias. Conversamos sobre a proposta feita pelo médico e a aceitamos. Acho que o fato de eu ainda estar vivo depois de tantos anos, contrariando todas as previsões da medicina, justifica tal decisão.

Tommy balançou a cabeça, incerto. Ele havia crescido e virado um homem enorme, alto e largo, com mãos grandes e músculos protuberantes. Seu cabelo negro estava diminuindo prematuramente — em mais alguns anos ele ficaria careca. Mas, apesar de sua presença física, seus olhos eram ternos. Tratava-se de um homem muito gentil. A idéia de deixar uma criança fingir sua morte e ser enterrada viva lhe parecia repugnante.

— O que está feito está feito — falei. —

Talvez meus pais devessem ter buscado uma outra maneira de resolver as coisas.

Mas eles agiram com as melhores intenções. Uma esperança lhes foi oferecida e eles a agarraram, embora houvesse um preço terrível a pagar.

— Joana sabia de tudo?

— Não. Nunca lhe contamos nada. — Eu imaginava que Tommy não tinha como entrar em contato direto com os meus pais, para checar a minha história, mas ele poderia ir atrás de Joana. Eu tinha que deixá-lo num beco sem saída.

— Nem mesmo depois de tudo?

— Falei sobre isso com mamãe e papai... estamos sempre em contato e nos vemos de tantos em tantos anos... mas nunca encontramos uma hora certa para contar tudo. Joana tinha os seus próprios problemas, por

haver tido um bebê tão jovem.

— Isso *foi* duro — concordou Tommy. — Eu ainda estava morando aqui. Não a conhecia muito bem, mas soube de tudo.

— Isso deve ter sido pouco antes de a sua carreira no futebol deslanchar — afirmei, desviando um pouco a conversa da minha vida. Depois disso, falamos um pouco sobre a sua carreira, sobre alguns jogos importantes dos quais ele participou e o que planejava fazer quando se aposentasse. Ele não era casado, mas tinha dois filhos de um relacionamento anterior que teve quando vivia fora da cidade.

— Só consigo vê-los umas duas vezes por ano e durante o verão — disse ele com tristeza. — Não vejo a hora de me mudar para lá quando abandonar o futebol, a fim de ficar mais perto deles.

A maior parte dos artistas, equipe e convidados já havia ido embora. Harkat havia me visto conversando com Tommy e fez um sinal perguntando se eu queria que ele ficasse por perto.

Sinalizei de volta, dizendo que estava tudo bem, e ele se foi junto com os outros. Algumas pessoas ainda estavam sentadas e conversavam num tom de voz baixo dentro da tenda, mas ninguém estava perto de mim e de Tommy.

A conversa passou a ser sobre o passado e nossos velhos amigos. Tommy me disse que Alan Morris havia se tornado um cientista.

— É bastante famoso — disse ele. — Ele é geneticista... um grande nome do mundo da clonagem. É uma área cheia de controvérsias, mas ele se convenceu de que é lá que

está a evolução.

— Contanto que ele não clone a si próprio! — afirmei, gargalhando. — Um Alan Morris já basta!

Tommy riu também. Alan fora nosso amigo íntimo, mas às vezes podia ser um pé no saco.

— Não tenho idéia do que Lucas anda fazendo — disse Tommy, o que fez o sorriso nos meus lábios desaparecer. — Ele saiu de casa aos dezesseis anos. Fugiu sem falar com ninguém. Falei com ele ao telefone algumas vezes, mas só o vi uma vez desde então, há cerca de dez anos. Ele voltou para casa e passou alguns meses por lá quando sua mãe morreu.

— Não sabia que ela estava morta. Lamento muito. Eu gostava da mãe de Lucas.

— Ele vendeu a casa e todos os seus

bens. Durante um tempo, dividiu um apartamento com Alan. Isso foi antes... — Tommy fez uma pausa e me olhou de um jeito meio estranho. — *Você* viu Lucas depois que partiu?

— Não — menti.

— Você não sabe nada sobre ele?

— Não — menti novamente.

— Nada mesmo? — insistiu Tommy.

Forcei uma risadinha.

— Por que você está tão preocupado com Lucas?

Tommy encolheu os ombros.

— Ele se envolveu em algumas confusões na última vez em que esteve aqui. Achei que os seus pais poderiam ter lhe contado alguma coisa.

— Não falamos sobre o passado — afirmei, elaborando a mentira que eu havia

forjado. Inclinei-me para a frente, curioso. — O que Lucas fez? — perguntei, imaginando se teria, de alguma maneira, alguma coisa a ver com suas atividades de vampixiita.

— Ah, não me lembro direito — disse Tommy, evasivo, pouco à vontade. Ele estava mentindo. — São histórias do passado. É melhor não trazê-las novamente à tona. Você sabe como Lucas era, sempre envolvido num ou noutro tipo de problema.

— Disso eu tenho certeza — murmurei. Então meus olhos se apertaram. — Você disse que conversou com ele ao telefone?

— Sim. Ele me liga de vez em quando, pergunta o que ando fazendo, não fala nada sobre o que apronta por aí e depois desliga!

— Quando foi a última vez em que ele ligou?

Tommy pensou um pouco.

— Dois, talvez três anos atrás. Já faz bastante tempo.

— Você tem algum número onde pode encontrá-lo?

— Não.

Que pena. Pensei por um momento que Tommy poderia ser a minha via de acesso a Lucas, mas parecia que não era o caso.

— Que horas são? — perguntou Tommy. Ele olhou para o seu relógio e suspirou. — Se o meu empresário descobrir que eu fiquei até tão tarde da noite na rua, ele vai me dispensar! Desculpe, Darren, mas eu tenho realmente que ir.

— Tudo bem. — Sorri, enquanto me levantava para apertar sua mão. — Será que podemos nos encontrar novamente depois do jogo?

— Claro! — exclamou Tommy. — Não

viajarei de volta com o time. Vou passar a noite aqui, para ver alguns parentes. Você pode ir ao hotel depois do jogo e... Aliás, você não quer me ver jogar?

— A semifinal? — Meus olhos brilharam. — Eu adoraria. Mas você não disse para Jekkus que os ingressos estavam esgotados?

— Jekkus? — perguntou Tommy, franzindo a testa.

— O cara das facas... seu fã número um.

— Ah. — Tommy fez uma careta. — Não posso ficar por aí dando ingressos para todos os meus fãs. Mas família e amigos são algo totalmente diferente.

— Você não vai me colocar perto de todo mundo que me conhecia, certo? Não quero que a verdade sobre mim fique circulando por aí... Joana pode ficar sabendo.

— Vou lhe arrumar um lugar longe dos

outros — prometeu Tommy. E depois fez uma pausa. — Sabe, Joana não é mais uma menina. Eu a vi há um ano, na última vez em que estive aqui para jogar. Ela me impressionou por parecer muito equilibrada. Talvez seja hora de lhe contar a verdade.

— Talvez. — Sorri, sabendo que não devia fazê-lo.

— Realmente penso que você devia — insistiu Tommy. — Seria um choque, como foi para mim, mas estou certo de que ela ficaria muito feliz em saber que você está vivo e bem.

— Veremos — afirmei.

Saí da tenda junto com Tommy e andei pela área de acampamento e pelos túneis do estádio, até onde o carro dele estava estacionado. Desejei-lhe boa-noite quando alcançamos o veículo, mas ele parou antes de

entrar e me encarou com seriedade.

— Precisamos falar um pouco mais sobre Lucas amanhã — disse ele.

Meu coração deu um pulo.

— Por quê? — perguntei do jeito mais casual possível.

— Há coisas que você devia saber. Não quero falar delas agora... já está muito tarde... mas acho que... — Sua voz foi morrendo até silenciar, e depois deu um sorriso. — Vamos conversar amanhã. As coisas que tenho para lhe dizer podem ajudá-lo a tomar algumas decisões.

E com essa frase enigmática ele se despediu. Prometeu que me enviaria um ingresso pela manhã, deu-me o nome do seu hotel, o número do seu telefone celular, apertou minha mão uma última vez, entrou no carro e foi embora.

Permaneci do lado de fora do estádio durante um bom tempo, pensando em Tommy, em Joana e no passado — e fiquei me perguntando o que ele queria dizer quando falou que precisávamos conversar um pouco mais sobre Lucas.

CAPÍTULO NOVE

Quando falei a Harkat sobre o jogo, ele reagiu na mesma hora com um ar de desconfiança.

— É uma armadilha — disse ele. — Seu amigo é mais um aliado de... Lucas Leonardo.

— Tommy não — afirmei com certeza absoluta. — Mas tenho a sensação de que, de alguma maneira, ele tem como nos levar até

Lucas, ou nos colocar no seu rastro.

— Você quer que eu vá com... você ao jogo?

— Você não conseguiria entrar. Além do mais — dei uma risada —, haverá dezenas de milhares de pessoas por lá. Numa multidão assim, creio que estarei seguro!

O ingresso me foi entregue por um mensageiro, dando-me tempo suficiente para sair cedo, sem correr o risco de perder o começo do jogo. Cheguei uma hora antes do pontapé inicial. Uma enorme multidão se acotovelava em volta do estádio. As pessoas cantavam e se animavam, enfeitadas com as bandeiras e as cores de seus clubes, comprando bebidas, cachorros-quentes e hambúrgueres dos vendedores ambulantes. As tropas da polícia prestavam atenção a tudo,

garantindo a paz entre os torcedores rivais.

Misturei-me por um tempo à multidão, andando em volta do estádio, sentindo a atmosfera. Comprei um cachorro-quente, um programa do jogo e um chapéu com a foto de Tommy que ostentava a frase “Ele é camarada!”. Havia vários chapéus e broches estampando a figura de Tommy. Havia até CDs do cantor Tom Jones, com fotos de Tommy coladas nas capas!

Sentei no meu lugar vinte minutos antes do apito inicial. Eu tinha uma bela visão do campo sob a luz dos holofotes. Minha cadeira ficava no meio do estádio, poucas filas atrás dos bancos de reservas. Os times estavam se aquecendo quando cheguei. Fiquei excitado de verdade ao ver Tommy em um dos gois, agarrando chutes dados por seus próprios companheiros para aquecê-lo. E

pensar que um dos meus amigos estava jogando numa semifinal de campeonato! Eu já havia vivido muitas experiências desde a infância e deixado muitos dos meus interesses humanos para trás. Mas o meu amor pelo futebol me invadiu novamente assim que me sentei. Eu sentia um entusiasmo puramente infantil na boca do estômago enquanto olhava para Tommy.

Os times deixaram o campo a fim de se preparar para o começo da partida, reaparecendo alguns minutos depois. Todos os lugares do estádio estavam ocupados e pôde se ouvir uma enorme saudação assim que os jogadores saíram do fosso. A maior parte das pessoas se levantou, batendo palmas e gritando. O juiz jogou uma moeda para o alto a fim de decidir para que lado cada time jogaria, depois disso os capitães apertaram as

mãos, os jogadores se posicionaram, o juiz soprou seu apito e a partida finalmente teve início.

Foi um jogo brilhante. Ambos os times fizeram todo o possível para vencer. As faltas se sucediam, dura e rapidamente. O jogo era cheio de alternativas, ambos os lados contra-atacavam sem parar. Houve várias chances de gol. Tommy fez grandes defesas, assim como o outro goleiro. Bastou dois jogadores bem colocados chutarem a bola para longe da meta ou por cima da trave, para que um coro de xingamentos e suspiros se fizesse ouvir. Depois de 43 minutos, os times pareciam que terminariam o primeiro tempo empatados. Mas, de repente, houve uma rápida paralisação, um zagueiro escorregou, um atacante ficou com o gol aberto à sua frente, chutou e colocou a bola com precisão no

ângulo esquerdo da rede, passando bem perto dos dedos esticados de um desesperado Tom Jones.

Tommy e seus colegas de equipe pareciam abatidos enquanto deixavam o campo no intervalo, mas os torcedores — e o pessoal da cidade que havia vindo ao jogo para incentivar Tommy — continuaram cantando:

— Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, time, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, time... seremos campeões!

Saí para beber alguma coisa, mas o tamanho da fila me deixou apavorado — os torcedores mais malandros haviam saído pouco antes do apito do juiz. Dei uma pequena caminhada para esticar as pernas e depois voltei para o meu lugar.

Embora estivesse perdendo por um gol, o time de Tommy parecia mais confiante quando voltou do intervalo. Mal começou o

segundo tempo, a equipe passou a jogar bem adiantada, roubando várias bolas de seus oponentes, empurrando-os para a defesa, enquanto pressionavam em busca do gol. O jogo foi ficando mais quente e três jogadores chegaram a receber cartões durante os quinze primeiros minutos. Mas aquela fome renovada de gol foi recompensada aos 21 minutos quando o time do meu amigo marcou um gol de empate meio maroto, depois de uma cobrança de escanteio.

O estádio explodiu de alegria quando o time de Tommy marcou o gol. Fui um dos milhares que pularam de suas cadeiras e deram socos de alegria no ar. Eu cheguei até a entoar a canção dedicada aos torcedores silenciosos da outra equipe:

— “Calados! Calados! Calados!”

Cinco minutos depois, eu estava

cantando ainda mais alto quando, do outro córner, o time de Tommy marcou novamente, virando o placar para 2 a 1. Eu me vi abraçando o sujeito que estava ao meu lado — um completo estranho! — e pulando sem parar, eufórico. Mal podia acreditar que estava me comportando daquela maneira. O que os Generais Vampiros diriam se vissem um Príncipe agindo de maneira tão ridícula?

O resto do jogo foi bastante tenso. Agora que perdiam por um gol de diferença, o outro time tinha que atacar em busca do empate. Os companheiros de equipe de Tommy foram forçados a recuar para o seu próprio campo. Houve dezenas de faltas desesperadas da defesa, várias cobranças em chutes diretos, mais cartões amarelos. Mas eles estavam resistindo. Tommy teve que fazer algumas defesas mais ou menos fáceis, mas,

fora isso, sua meta não foi ameaçada. Faltando seis minutos para acabar o jogo, a vitória parecia quase garantida.

Então, numa ação que, virtualmente, parecia uma repetição do primeiro gol, um jogador se livrou do seu marcador e se viu de cara com o gol, tendo apenas Tommy pela frente. Mais uma vez a bola foi chutada com força e precisão. Ela ia entrando rasteira no canto esquerdo da rede. O atacante se virou e já estava saindo correndo para comemorar.

Mas sua reação foi muito prematura. Pois desta vez, de algum modo, Tommy caiu muito bem e conseguiu tocar na bola com a ponta dos dedos. O toque foi sutil, mas o suficiente para desviar a trajetória da bola fazendo-a sair, raspando a trave.

A multidão enlouqueceu! Todos gritavam o nome de Tommy e cantavam

alegremente:

— “Ele é camarada! Maior goleiro não há!” — Tommy não ligou para as músicas e se manteve concentrado no córner, posicionando seus zagueiros. Mas a defesa que meu amigo fez minou de vez o vigor da equipe adversária, que, embora tivesse feito uma grande pressão nos minutos finais do jogo, não ameaçou mais o gol de Tommy.

Quando soou o apito, o time de Tommy, já bem cansado, se abraçou e em seguida foi cumprimentar o adversário e trocar camisas. Depois, os jogadores saudaram sua torcida, num gesto de reconhecimento ao apoio recebido. Estávamos todos em pé, aplaudindo, cantando canções de vitória, muitas delas reverenciando o incrível Tom Jones.

Tommy foi um dos últimos jogadores a deixar o campo. Ele havia trocado de camisa

com o outro goleiro e os dois saíram juntos para o vestiário, conversando sobre o jogo. Berrei o nome de Tommy assim que ele se aproximou do banco de reservas, mas evid-entemente não conseguiu me ouvir por causa do barulho da multidão.

Quando Tommy estava prestes a sumir pelo túnel que dava acesso aos vestiários, um tumulto teve início. Ouvi gritos furiosos e de-pois alguns estrondos. A maior parte das pessoas em torno de mim não sabia o que es-tava acontecendo. Mas eu já ouvira esses sons muitas vezes antes — eram tiros!

De onde eu estava, não dava para ver o túnel, mas pude ver Tommy e o outro goleiro pararem, confusos, e depois se afastarem da entrada. Imediatamente senti a iminência de perigo.

— Tommy! — gritei, enquanto

empurrava as pessoas que estavam mais perto de mim para os lados e abria caminho enquanto seguia na direção do campo. Antes de chegar, um dirigente saiu cambaleando de dentro do túnel, com o rosto ensangüentado. Quando as pessoas que estavam na minha frente viram a cena e perceberam o que estava acontecendo, entraram em pânico na mesma hora. Todos se viraram e se afastaram do gramado, retardando o meu avanço e me empurrando para trás.

Enquanto eu lutava para me libertar, dois sujeitos saíram rapidamente do túnel. Um deles tinha a cabeça raspada, se tratava de um vampitiete com o rosto desfigurado — de fato meio destruído —, e estava armado com uma espingarda. O outro era um vampixiita maluco que usava barba, tinha a pele roxa e ostentava ganchos dourados e

prateados no lugar das mãos, que haviam sido arrancadas.

Morgan James e C.C.!

Gritei com um medo renovado quando vi a dupla de assassinos e joguei para os lados todos que estavam à minha volta, usando todos os meus poderes de vampiro. Mas antes que eu pudesse abrir caminho, C.C. avançou na direção de seu alvo. Ele saltou sobre os bancos de reservas, ignorou os jogadores, a comissão técnica e os dirigentes que estavam no campo, e caiu sobre um assustado Tom Jones.

Não sei o que se passou pela cabeça de Tommy quando viu o monstro roxo e corpulento que se movia em sua direção. Talvez ele estivesse achando que se tratava de uma pegadinha ou de um fã esquisito que viera abraçá-lo. De qualquer maneira, não reagiu,

não ergueu as mãos para se defender e não se virou para correr. Simplesmente ficou ali parado, olhando bestificado para C.C.

Quando C.C. o alcançou, jogou para trás a mão direita — a que tinha os ganchos dourados — e depois cravou as lâminas bem no peito de Tommy. Congelei onde estava, sentindo a dor de Tommy no meio da multidão. Depois, C.C. jogou a mão para trás, balançou a cabeça com uma alegria insana e fugiu pelo túnel, seguindo Morgan James, que deu um tiro para abrir caminho.

No campo, Tommy olhava estupidificado para o buraco vermelho e entalhado que havia no lado esquerdo do seu peito. Então, de um jeito quase burlesco, ele desabou desajeitado no chão, teve umas poucas contrações e ficou ali deitado — a calmaria terrível e inconfundível da morte.

CAPÍTULO DEZ

Assim que me livrei da multidão, segui cambaleando até o campo. Aqueles que estavam à minha volta olhavam para o goleiro caído, paralisados com o choque. Meu primeiro instinto foi correr na direção de Tommy. Mas meu treinamento falou mais alto. Tommy havia sido assassinado. Eu poderia chorar a sua perda mais tarde. No momento eu teria que me concentrar em C.C. e Morgan James.

Se eu corresse atrás deles, poderia alcançá-los antes que conseguissem fugir.

Desviando o olhar de Tommy, me enfiei no túnel, passei pelos jogadores, comissão técnica e dirigentes que ainda precisavam recobrar os sentidos. Vi mais alguns corpos feridos, mas não parei para checar se estavam vivos ou mortos. Eu tinha que ser um vampiro, não um ser humano. Um matador, não um enfermeiro.

Corri pelo túnel até ele se dividir em outros dois. Para a esquerda ou para a direita? Fiquei ali parado, ofegante, vasculhando os corredores em busca de pistas. Nada à minha esquerda, mas havia uma pequena marca vermelha na parede à minha direita — sangue.

Retomei a velocidade que desenvolvia. Uma voz no fundo da minha mente

sussurrava:

— Você não tem armas. Como se defenderá? — Ignorei-a.

O corredor dava num vestiário, onde a maior parte dos jogadores do time vencedor estava reunida. Eles ainda não estavam a par do que havia acontecido no campo. Estavam cantando e comemorando. O corredor, aqui, se dividia mais uma vez. A trilha para a esquerda dava novamente no campo, por isso peguei mais uma vez a da direita, pedindo aos deuses dos vampiros para que minha escolha fosse a mais certa.

Foi uma longa carreira. O corredor era estreito e o teto, baixo. Eu ofegava terrivelmente, não por causa do esforço e sim devido à tristeza. Fiquei pensando em Tommy, no Sr. Crepsley, em Gavner Purl — amigos que havia perdido para os vampixiitas. Eu tinha

que enfrentar a dor ou ela acabaria me dominando, por isso passei a pensar em C.C. e em Morgan James.

C.C. fora um guerreiro dedicado a causas ecológicas. Ele tentara libertar o Homem Lobo do Circo dos Horrores. Eu o impedira, mas não antes de a fera arrancar suas mãos com uma mordida. C.C. fugiu, sobreviveu e me culpou pelo seu infortúnio. Alguns anos mais tarde, Lucas Leopardo o descobriu e mandou os vampixiitas o vampirizarem, e ambos planejaram a minha derrocada. C.C. estava na Caverna da Vingança quando o Sr. Crepsley foi morto. Essa fora a última vez em que o vira.

Morgan James era um ex-oficial da polícia. Um vampitiete, um dos humanos que os vampixiitas haviam recrutado. Assim como os outros vampitietes, ele usava uma camisa

marrom e uma calça preta, havia raspado a cabeça, pintado círculos de sangue em volta dos olhos e tinha uma letra “V” tatuada em cima de cada uma das orelhas. Como ele não foi vampirizado, estava livre para usar armas de fogo. Os vampixiitas, assim como os vampiros, fazem um juramento, quando são vampirizados, de não usar armas como essas. James também estava na Caverna da Vingança. Durante a batalha, ele foi atingido com um tiro, e o lado esquerdo do seu rosto chegou a ser dilacerado pela bala.

Tratava-se de uma dupla traiçoeira e mortal. Mais uma vez me vi imaginando o que faria se os alcançasse — eu não tinha nenhuma arma! Mas acabei ignorando o problema novamente e me concentrei na perseguição.

O fim do corredor. Uma porta

entreaberta, balançando. Dois policiais e um dirigente caídos contra a parede — mortos. Amaldiçoei C.C. e Morgan James, e jurei vingança.

Chutei a porta para abri-la e saí a toda. Eu estava nos fundos do estádio, na área mais calma do complexo, que dava para um conjunto habitacional. A polícia havia sido atraída para as laterais do estádio — havia uma certa confusão na frente, que sem dúvida tinha sido armada para coincidir com o ataque.

Mais à minha frente, vi C.C. e Morgan James entrando no conjunto. Na hora em que a polícia voltasse a sua atenção para cá, os assassinos teriam sumido. Comecei a correr atrás dos dois. Parei. Corri de volta para o estádio e revistei os policiais mortos. Ambos não tinham armas, mas portavam cassetetes.

Peguei os porretes, ficando com um em cada mão. Depois, saí correndo atrás das minhas presas.

Estava escuro dentro do conjunto habitacional, ainda mais para quem estava acostumado com a iluminação do estádio. Mas, como eu tinha a minha visão aguçada de meio-vampiro, consegui prosseguir sem maiores problemas. A rua se ramificava em intervalos regulares, sete a oito casas por quarteirão. Eu parava a cada entroncamento e olhava para os dois lados. Não vendo C.C. ou Morgan James, eu seguia em frente.

Não sabia ao certo se eles tinham noção de que estavam sendo seguidos. Supus que eles sabiam que eu estava no jogo, mas talvez não contassem com a possibilidade de eu ter sido o primeiro a sair do estádio e persegui-los. O elemento surpresa *podia* estar do meu

lado, mas eu sabia que não poderia contar com ele.

Cheguei no último entroncamento. Para a direita ou para a esquerda? Fiquei no meio da rua, enquanto virava a cabeça de um lado para outro. Não conseguia ver ninguém. Eu os havia perdido! Será que devia seguir numa direção ao acaso, ou recuar e...

Ouvi um som agudo e abafado à minha esquerda — uma faca raspando numa parede. Até que alguém sibilou:

— Silêncio!

Virei-me. Havia um beco entre duas cas-as, de onde vinha o ruído. As fontes de luz mais próximas haviam sido destruídas. A ún-ica iluminação vinha do outro lado da rua. Tive um mau pressentimento em relação a isso — o som agudo e o sibilar foram bastante convenientes —, mas eu não podia

recuar agora. Avancei.

Parei a uns dois metros do beco, receoso, e fiquei no meio da rua. Minhas articulações estavam esbranquiçadas de tanto apertar os cassetetes. Aos poucos fui ficando visível. Não havia ninguém perto do breu da entrada do beco. Ele só tinha uns cinco ou seis metros, e mesmo sob aquela luz fraca dava para ver todo o caminho até o muro ao fundo. Não havia ninguém lá. Respirei, trêmulo. Talvez meus ouvidos estivessem me pregando uma peça. Ou então o som que ouvi viera de uma TV ou rádio. O que devia fazer agora? Voltei para onde estava havia alguns instantes e não tinha idéia de que rumo devia...

Algo se moveu na viela, arrastando-se no chão. Fiquei parado onde estava e olhei para baixo. Até que os vi, agachados no

ponto mais escuro, encostados em cada uma das paredes, praticamente invisíveis nas sombras.

A figura à minha esquerda deu uma risadinha e depois se levantou — C.C. Ergui defensivamente o cassetete que estava em minha mão esquerda. Depois, o sujeito à minha direita se levantou e Morgan James deu um passo à frente, portando sua espingarda, apontando-a na minha direção. Comecei a erguer o cassetete da minha mão direita em sua direção, até perceber quão inútil seria o gesto se ele atirasse.

Recuei outro passo, na intenção de sair correndo, quando uma voz, vinda por atrás de C.C. na escuridão, falou:

— Nada de armas — falou o vulto suavemente. Morgan James baixou na mesma hora o cano de sua espingarda.

Eu deveria ter corrido, mas não podia, não sem dar um rosto àquela voz. Por isso fiquei ali parado, franzindo os olhos, enquanto uma terceira silhueta ganhava contornos e saía de trás de C.C. Era Gannen Harst, o principal protetor do Senhor dos Vampixiitas.

Uma parte de mim já esperava por isso e, em vez de entrar em pânico, experimentei algo que se aproximava do alívio. A espera havia terminado. Seja lá qual fosse o destino que me estaria reservado, ele começava aqui. Um último encontro com o Senhor dos Vampixiitas. No final, eu o mataria — ou ele acabaria comigo. De qualquer maneira, isso era melhor do que ficar esperando.

— Olá, Gannen — saudei-o. — Continua andando com os malucos e a escumalha, pelo que posso ver.

Gannen Harst ficou com os pêlos eriçados, mas não respondeu.

— Senhor — afirmou em contrapartida, e um quarto elemento veio por trás de Morgan James, mais familiar do que qualquer um dos outros.

— É bom vê-lo novamente, Lucas — falei cinicamente enquanto um Lucas Leopardo grisalho dava as caras. Eu estava, em parte, focado em Gannen Harst, C.C. e Morgan James... mas principalmente em Lucas. Medi a distância que nos separava, imaginando que tipo de estrago eu poderia causar se arremessasse o meu cassetete em sua direção. Não estava ligando para os outros três — matar o Senhor dos Vampixiitas era a minha prioridade.

— Ele não pareceu surpreso em nos ver — observou Lucas. Não havia avançado tanto

quanto Gannen Harst, e estava protegido pelo corpo de Morgan James. Dava para acertá-lo do ângulo em que eu estava, mas teria que mirar *excepcionalmente*.

— Deixe-me acabar com ele — vociferou C.C., avançando um passo na minha direção. Na última vez em que o vi, ele usava lentes de contato vermelhas e pintara sua pele de roxo, para ficar mais parecido com um vampixiita. Mas seus olhos e sua pele haviam mudado naturalmente ao longo dos últimos dois anos, e embora sua coloração fosse suave em comparação com a de um vampixiita maduro, ela era genuína.

— Fique onde está — disse Lucas para C.C. — Todos teremos direito a um pedaço dele mais tarde. Vamos terminar as apresentações. Darius.

Vindo por trás de Lucas, o garoto

chamado Darius apareceu. Ele usava um manto verde, assim como Lucas. Estava tremendo, mas seu rosto era firme. Segurava uma enorme balestra, uma das invenções de Lucas, que estava apontada na minha direção.

— Você começou a vampirizar crianças agora? — rosnei, enfastiado, ainda esperando que Lucas ficasse um pouco mais à mostra, ignorando a ameaça da besta do menino.

— Darius é uma exceção — respondeu Lucas, sorrindo. — Um aliado valioso e um espião precioso.

Lucas deu meio passo na direção do garoto. Era a minha chance! Comecei a jogar a mão direita para trás, tomando cuidado para não demonstrar minhas intenções, totalmente focado em Lucas. Mais um ou dois segundos eu poderia dar a minha cartada

final...

Até que Darius falou:

— Será que devo atirar nele agora, pai?

— *PAI?*

— Sim, filho — respondeu Lucas.

— *FILHO?*

Enquanto minha cabeça se revirava e girava como um dervixe[1], Darius firmou a mão, engoliu em seco, puxou o gatilho e atirou uma flecha com ponta de aço na minha direção.

CAPÍTULO ONZE

A flecha me acertou no ombro direito, jogando-me para trás. Urrei de agonia, agarrei o cabo da flecha e a puxei. Este acabou se partindo na minha mão, deixando a ponta cravada no fundo da carne.

Por um instante, o mundo à minha volta ficou vermelho. Pensei que iria desmaiar. Mas de repente a névoa rubra sumiu e as casas e a rua entraram em foco novamente.

Mais alto do que o meu ofegar doloroso, eu ouvia passos vindo na minha direção. Sentei-me — rangendo os dentes para resistir a uma onda de dor lancinante — e vi Lucas liderando seu pequeno bando no intuito de acabar comigo de vez.

Eu largara os cassetetes quando caí. Um deles havia rolado para longe, mas o outro estava por perto. Preparei-me para pegar o porrete e o cabo da flecha — a ponta quebrada poderia ser usada como um tipo grosseiro de punhal. Quando Gannen Harst percebeu as minhas intenções, pulou na frente de Lucas.

— Espalhem-se! — ordenou a C.C. e Morgan James. Os dois obedeceram a ordem na mesma hora. O garoto, Darius, estava atrás de Lucas. Ele parecia doente. Não creio que já tivesse atirado em alguém antes.

— Para trás! — sibilei, enquanto balançava minhas armas deploráveis na direção dos meus antagonistas.

— Obrigue-nos — disse C.C., rindo.

— Gusturiu di vê-lo tuntur! — falou Morgan James, que, desde o acidente, só conseguia falar pronunciando as palavras indistintamente.

— Não vamos deixá-lo fazer nada — disse Gannen Harst, calmamente. Ele ainda não havia sacado a sua espada, mas a mão direita pendia de propósito ao lado da bainha. — Ele é um adversário perigoso, mesmo ferido... não se esqueçam disso.

— Vocês estão superestimando o garoto — murmurou Lucas, olhando para mim por sobre o ombro de seu protetor. — Ele não vai nem conseguir ficar em pé com um ferimento desses.

— Não vou? — retruquei, bufando, e me levantei só para provocá-lo. Uma cortina vermelha caiu pela segunda vez, porém, poucos segundos depois, ela desapareceu de novo. Quando minha visão clareou, deu para ver Lucas sorrindo de um jeito perverso. Ele havia me incitado a levantar de propósito, só para se divertir mais um pouco.

Enquanto balançava a haste da flecha na direção dos quatro homens, eu recuava. Cada passo era uma tortura, a dor no meu ombro direito aumentava a cada pequeno movimento. Era óbvio que não conseguiria ir muito longe, mas Gannen não queria correr riscos. Ele mandou C.C. avançar pela minha esquerda e James pela direita, bloqueando o meu caminho em ambas as direções.

Parei, contorcendo-me pesadamente, tentando pensar num plano, como se

estivesse alcoolizado. Sabia que só Lucas poderia me matar — Desmond Tino previra a morte para os vampixiitas, caso uma outra pessoa além de seu Senhor assassinasse qualquer um dos caçadores vampiros —, mas os outros poderiam me segurar para ele fazer o serviço.

— Vamos acabar com ele, rápido — disse Gannen Harst, finalmente sacando a sua espada. — Ele está à nossa mercê. Não podemos perder tempo.

— Calma — disse Lucas, rindo. — Quero vê-lo sangrar um pouco mais.

— E se ele sangrar até a morte devido à flecha do seu filho? — vociferou Gannen.

— Isso não vai acontecer — explicou Lucas. — Darius acertou exatamente onde o treinei. — Lucas olhou para trás na direção do garoto e viu seu olhar preocupado. —

Tudo bem?

— Sim — respondeu Darius em voz baixa. — Eu só não achava que seria tão... tão...

— Sangrento — completou Lucas. Ele acenou, compreensivo. — Você fez um bom trabalho hoje à noite. E não precisa ficar vendo o resto se não quiser.

— Como... *você* acabou tendo... um filho? — perguntei, ofegante, tentando ganhar tempo, esperando que aparecesse uma maneira de escapar.

— É uma história longa e tortuosa — respondeu Lucas, que mais uma vez me encarava. — Que terei a maior alegria em lhe contar quando estiver atravessando o seu coração com uma estaca.

— Você entendeu... tudo errado — retruquei, rindo com frieza. — *Eu é* que vou...

matar você hoje à noite.

— Otimista até o fim — devolveu Lucas, com um sorriso malicioso. Ele ergueu uma sobrancelha demoníaca enquanto me encarava. — Como foi que Tommy morreu... com dignidade ou guinchando como um porco que nem Crepsley?

Ao ouvir aquilo, algo estourou dentro de mim. Gritei um insulto dos mais ultrajantes para Lucas e, sem pensar, arremessei meu cassetete em sua direção. Por pura sorte, acertei sua testa fazendo-o tombar, assustado e resmungando.

Instintivamente, Gannen Harst me deu as costas para ver o que havia acontecido com o seu Senhor. Assim que ele fez o seu movimento, eu fiz o meu. Pulei em cima de Morgan James e o ataquei com o cabo da flecha. Ele deu um passo rápido para trás a fim

de não ser atingido. No que o fez, eu o acertei com o meu ombro direito ferido. Gritei de dor enquanto a ponta da flecha penetrava mais fundo na minha carne, mas a manobra deu certo — James tombou.

O caminho à minha frente ficou momentaneamente livre. Cambaleei para adiante, segurando meu ombro direito com a mão esquerda, fazendo pressão em volta do buraco onde a cabeça da flecha estava enterrada, tentando estancar o fluxo de sangue, gritando de agonia. E ouvi Lucas gritar por trás de mim:

— Estou bem! Peguem-no! Não o deixem fugir!

Se eu não tivesse sido ferido, poderia estar bem na frente deles. Mas não conseguia fazer nada mais do que andar pesadamente. Em questão de segundos eles me

alcançariam.

Enquanto fugia de forma desajeitada, com meus perseguidores ávidos nos meus calcanhares, a porta de uma das casas à minha esquerda se abriu e um homem grande pôs a cabeça para fora.

— Que barulho é esse? — gritou ele, furioso. — Alguns de nós estão tentando...

— Socorro! — gritei num impulso. — Assassinos!

O sujeito escancarou a porta e saiu.

— O que está acontecendo? — perguntou, aos berros.

Olhei para trás, na direção de Lucas e dos outros. Eles haviam parado. Tinha que aproveitar ao máximo sua confusão.

— Socorro! — gritei com todo o ar dos meus pulmões. — Assassinos! Eles atiraram em mim! Socorro!

As luzes começaram a se acender nas casas vizinhas e cortinas foram puxadas. O homem que saíra veio na minha direção. Lucas sorriu com desprezo, colocou a mão para trás, pegou a besta e atirou no sujeito. Gannen Harst deu um soco na arma pouco antes de Lucas atirar, de modo que a flecha passou longe do seu alvo. Mas o homem havia percebido a intenção do meio-vampixiita e correu de volta para dentro de casa antes que pudesse ser alvejado.

— O que você está fazendo? — perguntou Lucas, desafiando Gannen Harst furiosamente.

— Temos que sair daqui! — gritou Gannen.

— Não sem matá-lo! — berrou Lucas de volta, apontando a besta na minha direção.

— Então mate-o rápido e vamos

embora! — respondeu Gannen.

Lucas me encarou, com os olhos cheios de ódio. Por trás dele, C.C. e Morgan James continuavam me encarando, sedentos, ansiosos para ver a minha morte. Darius havia sido deixado para trás — não dava para dizer se ele estava assistindo a tudo ou não.

Lucas ergueu sua besta, deu mais alguns passos para a frente, mirou em mim, e então...

... a baixou, sem atirar.

— Não — disse ele, taciturno. — Isso é muito fácil. Rápido demais.

— Não seja idiota — bradou Gannen. — Você tem que matá-lo. Este é o quarto encontro previsto. Precisa fazê-lo agora, antes que...

— Eu vou fazer o que quiser! — berrou Lucas, enquanto se virava na direção de seu

mentor. Por um instante achei que ele fosse atacar seu maior aliado. Mas depois se controlou e sorriu com firmeza. — Sei o que estou fazendo, Gannen. Não posso matá-lo desse jeito.

— Se não agora, quando será? — perguntou Gannen, rispidamente.

— Mais tarde — respondeu Lucas. — Quando chegar a hora certa. Quando eu puder atormentá-lo do jeito que quiser e fazê-lo sentir a dor que senti quando ele me traiu e se uniu àquele maldito do Crepsley.

— E a profecia do Sr. Tino? — perguntou Gannen, sibilando.

— Esqueça isso — disse Lucas, com um sorriso malicioso. — Criarei o meu próprio destino. Aquele otário de botas não manda na minha vida.

Os olhos vermelhos de Gannen estavam

quase incandescentes de tanta raiva. Isso era loucura. Ele queria que Lucas me matasse, para acabar com a Guerra das Cicatrizes de uma vez por todas. Ele teria concordado, porém, mais portas estavam se abrindo e as pessoas colocavam a cabeça para fora. Gannen percebeu que eles estavam correndo o risco de atrair uma grande quantidade de atenção indesejada. Ele balançou a cabeça, pegou Lucas, afastou-o de mim e o empurrou de volta pelo caminho do qual vieram, ao mesmo tempo que mandava C.C. e Morgan James fugirem.

— Vou pegar você depois, seu vampiro rastejante! — gritou Lucas, rindo, acenando para mim enquanto Gannen o conduzia para longe dali.

Queria responder com um insulto adequado, mas me faltavam forças. Além do

mais, eu tinha que cair fora tão rapidamente quanto Lucas e sua gangue. Se as pessoas saíssem e me encontrassem, eu estaria em grandes apuros. Isso significaria polícia, hospital, reconhecimento e prisão — eu ainda era um fugitivo procurado. A população daqui em geral podia não conhecer o suposto assassino Darren Shan, mas eu estava certo de que a polícia conhecia.

Dei as costas para os humanos que assomavam e cambaleei até o final do quarteirão, onde descansei por um instante, recostado contra uma parede. Enxuguei o suor da minha testa e as lágrimas dos meus olhos e depois examinei o buraco no ombro — ainda estava sangrando. Não havia mais tempo para examiná-lo. As pessoas estavam se espalhando pela rua. Não demoraria muito para que as notícias do assassinato no

estádio começassem a circular. E logo elas estariam em seus telefones, contando tudo sobre o tumulto.

Afastei-me da parede, cambaleei para a esquerda e comecei a descer por uma trilha que, com sorte, me levaria para longe do conjunto habitacional. Tentei dar uma corrida leve, mas doía muito. Diminuí o passo até o caminhar mais lépido possível, sangrando a cada esforço, com a cabeça zunindo, enquanto me perguntava, desesperadamente, até onde poderia chegar antes de desmaiar devido à perda de sangue ou ao choque.

CAPÍTULO DOZE

Saí do conjunto habitacional alguns minutos depois. Ao longe, as sirenes da polícia berravam como se fossem demônios no meio da noite. O estádio seria sua principal prioridade, mas tão logo chegassem as notícias do tumulto no conjunto, unidades seriam enviadas para investigar.

Enquanto eu me levantava, curvado e ofegante, examinei a trilha que pegara e vi

pequenas poças de sangue marcando o caminho que percorrera — um rastro fácil de ser seguido para qualquer um que se aventurasse a fazê-lo. Se eu quisesse seguir em frente sem ser detectado, teria que fazer alguma coisa em relação ao meu ferimento.

Examinei o buraco. Havia um pequeno pedaço do cabo para fora, preso à ponta da flecha. Segurei o leve pedaço de madeira, fechei os olhos, apertei os dentes e puxei.

— *Pelas tripas de Charna!*

Caí para trás, estremecendo, com os dedos contraídos, minha boca se abrindo e fechando rapidamente. Durante algo em torno de um minuto, tudo o que eu sentia era dor. As casas ao meu redor poderiam ter desabado que eu mal notaria.

Aos poucos a dor foi diminuindo e logo pude examinar novamente o ferimento. Não

conseguira puxar a ponta para fora, mas a aproximara um pouco mais do buraco, fechando-o. O sangue ainda se esvaía, mas não fluía continuamente como antes. Isso teria que bastar. Arranquei uma longa tira de pano da minha camisa, enrolei-a e apertei-a contra o ferimento. Depois de respirar fundo algumas poucas vezes, finalmente consegui me levantar. Minhas pernas tremiam como as de um burrego recém-nascido, mas estavam agüentando bem. Certifiquei-me de que não estava perdendo sangue e então retomei meu vôo lento.

Os dez ou quinze minutos seguintes se passaram num turvar lento e agonizante. Eu ainda possuía força suficiente para continuar me movendo, mas não tinha como reparar nos nomes de ruas ou traçar uma rota de volta ao Circo dos Horrores. Tudo o que

sabia é que não podia parar.

Tentei me manter nas laterais das ruas e vielas, para que pudesse me apoiar em cercas ou me recostar em muros para descansar. Não passei por muita gente. Aqueles que cruzaram o meu caminho me ignoraram. Mesmo no meu estado de torpor, isso me surpreendeu. Até que percebi que visão as pessoas pareciam estar tendo de mim: um adolescente cambaleando no meio da calçada, com a cabeça curvada para baixo e o corpo torto, gemendo baixinho — deviam achar que eu estava bêbado!

Acabei tendo que parar. Eu estava no meu limite. Se não me sentasse e descansasse, acabaria desmaiando no meio da rua. Por sorte, eu estava perto de um beco escuro. Entrei nele e fui me arrastando para longe da iluminação urbana, adentrando cada vez

mais as bem-vindas sombras. Parei ao lado de uma grande lata de lixo preta, recostei-me na parede na qual ela estava encostada e dobrei as pernas.

— Só... um pequeno... descanso — sussurrei, ofegante, enquanto colocava a cabeça em cima dos joelhos, tremendo por causa da dor no ombro. — Alguns... minutos... depois eu posso...

Não prossegui. Minhas pálpebras foram se fechando e eu desmaiei, ficando à mercê de qualquer um que, por acaso, topasse comigo.

Meus olhos se abriram. Era mais tarde, estava mais escuro e fazia mais frio. Sentia-me como se estivesse preso num bloco de gelo. Tentei levantar a cabeça, mas até mesmo esse pequeno esforço foi demais para mim.

Apaguei novamente.

Quando acordei pela segunda vez, sentia-me sufocado. Um líquido picante estava sendo inoculado à força pela minha garganta adentro. Por um instante confuso achei que voltara a ser um novo meio-vampiro novamente e que o Sr. Crepsley estava tentando me forçar a beber sangue humano.

— Não — murmurei, batendo nas mãos que seguravam a minha cabeça. — Não vou... ser que nem vocês!

— Mantenha-o parado! — resmungou alguém.

— Não é tão fácil — reclamou a pessoa que estava me segurando. — Ele é mais forte do que parece. — Depois disso, senti um corpo fazendo pressão sobre o meu e uma voz sussurrada no meu ouvido: — Firme,

garoto. Só estamos tentando ajudar.

Minha cabeça ficou mais leve e parei de me contorcer. Piscando, tentei me concentrar nos rostos dos homens à minha volta, mas ou estava muito escuro ou minha visão estava nublada por causa da dor.

— O que... são vocês? — perguntei, ofegante, querendo saber se eram amigos ou adversários.

O sujeito que me segurava deve ter ouvido mal a minha pergunta e achou que eu perguntara *quem* eles eram.

— Sou Declan — respondeu. — E este é o Pequeno Kenny.

— Abra bem — disse o Pequeno Kenny, enquanto pressionava o gargalo de uma garrafa contra os meus lábios. — Isso é ruim e barato, mas vai esquentar você.

Bebi relutante, incapaz de argumentar.

Meu estômago se encheu de um fogo repugnante. Quando o Pequeno Kenny tirou a garrafa, recostei a cabeça contra a parede e gemi.

— Que horas... são? — perguntei.

— Não ligamos para relógios — respondeu Declan, rindo pra valer. — Mas é tarde, talvez uma ou duas da manhã. — Ele segurou o meu queixo, virou minha cabeça para a esquerda e para a direita e depois pegou o pedaço do tecido da minha camisa que estava colado ao meu ombro com sangue seco.

— Ai! — gritei.

Declan me largou na mesma hora.

— Desculpe — disse ele. — Dói muito?

— Não... tanto... quanto antes — murmurei. Logo depois, comecei a ficar tonto e meio que apaguei novamente. Quando

recobrei os sentidos, os dois sujeitos estavam conversando a um metro de distância, decidindo o que fariam comigo.

— Vamos deixá-lo aí mesmo — ouvi o Pequeno Kenny dizer. — Ele não deve ter mais de dezesseis ou dezessete anos. Não serve para nós.

— Toda pessoa é importante — discordou Declan. — Não podemos nos permitir ser exigentes.

— Mas ele não é um de *nós*. Provavelmente tem uma família e um lar. Não podemos começar a recrutar pessoas normais, não até recebermos ordens.

— Eu sei — disse Declan. — Mas há algo diferente nele. Você viu as cicatrizes? E ele não se feriu desse jeito brigando na área de lazer. Temos de levá-lo de volta conosco. Se as senhoras optarem por não acolhê-lo,

poderemos nos livrar dele facilmente.

— Mas ele saberá onde estamos! — opôs-se o Pequeno Kenny.

— Do jeito que está, duvido até que saiba que cidade é esta! — afirmou Declan, bufando. — Ele tem mais coisas com que se preocupar do que marcar a rota que pegamos.

O Pequeno Kenny murmurou algo que não pude ouvir e depois disse:

— O.K., mas não se esqueça de que a escolha foi sua, não minha. Não vou levar a culpa por isso.

— Tudo bem — disse Declan, que depois se aproximou novamente de mim. Ele levantou totalmente as minhas pálpebras e pude vê-lo claramente pela primeira vez. Tratava-se de um homem grande, barbado, que usava roupas sujas e esfarrapadas... um mendigo.

— Garoto — perguntou ele, estalando os dedos em frente aos meus olhos. — Você está acordado? Sabe o que está acontecendo?

— Sim. — Voltei-me para o Pequeno Kenny e vi que ele também era mendigo.

— Estamos levando-o de volta conosco — anunciou Declan. — Você consegue andar?

Concluí que eles queriam me levar para um asilo ou abrigo para indigentes. Isso não seria tão bom quanto o Circo dos Horrores, mas bem melhor do que uma delegacia de polícia. Lambi os lábios e troquei olhares com Declan.

— Nada de... polícia — disse, gemendo.

Declan deu uma gargalhada.

— Está vendo? — perguntou ele, dirigindo-se ao Pequeno Kenny. — Eu lhe disse que ele era dos nossos! — O sujeito me pegou pelo braço esquerdo e pediu para que

Kenny pegasse o direito. — Isso vai doer — avisou-me. — Está preparado?

— Sim — respondi.

Os dois me levantaram. A dor no meu ombro voltou, meu cérebro se acendeu como se tivesse soltado fogos de artifício e meu estômago se revirou. Eu me curvei e me sentia doente ali caído no beco. Declan e o Pequeno Kenny me seguraram enquanto eu vomitava e depois me ergueram novamente.

— Melhor? — perguntou Declan.

— Não — respondi com dificuldade.

Ele riu novamente, depois mudou de posição, arrastando-me com ele, até chegarmos ao começo do beco.

— Vamos carregar você da melhor maneira possível — disse Declan. — Mas tente usar as suas pernas... isso tornará a vida mais fácil para todos nós.

Acenei com a cabeça para mostrar que havia entendido. Declan e o Pequeno Kenny me seguraram pelo peito e pelas costas, para me apoiar, e me conduziram para longe dali.

Declan e o Pequeno Kenny eram uma estranha dupla de anjos da guarda. Eles ficaram me encorajando com uma série de pragas, empurrões e puxões, chutando meus pés de vez em quando para ver se eu conseguia andar sozinho. Descansávamos de quando em quando, nos encostando em muros ou postes de iluminação. Declan e o Pequeno Kenny ofegavam quase tanto quanto eu. Eles obviamente não estavam acostumados com tanto exercício.

Muito embora estivéssemos andando no meio da noite, a cidade estava em polvorosa. A notícia da carnificina no estádio se

espalhara e as pessoas saíram às ruas, enfurecidas. Os carros de polícia passavam por nós regularmente, sirenes berravam e holofotes resplandeciam.

Seguíamos bem à vista da polícia e dos cidadãos furiosos, mas ninguém nos notava. Com Declan e o Pequeno Kenny me segurando, eu parecia um terceiro mendigo bêbado. Um policial parou, gritou para que saíssemos do meio da rua e perguntou se não sabíamos o que havia acontecido.

— Sim, o senhor — murmurou Declan, meio que saudando o policial. — Estou indo para casa agora. Será que o senhor tem como nos arrumar uma carona?

O policial bufou e nos deu as costas. Declan deu uma risada e continuou nos conduzindo. No que nossas vozes ficaram fora do alcance, ele perguntou ao Pequeno

Kenny:

— Você tem alguma idéia do que significa toda essa confusão?

— Tem algo a ver com futebol, creio — respondeu o Pequeno Kenny.

— E quanto a você? — perguntou-me Declan. — Você sabe qual é o motivo dessa insurreição?

Balancei a cabeça. Mesmo se eu quisesse lhes contar a verdade, não tinha condições. A dor estava pior do que nunca. Eu tinha que manter os dentes cerrados para não gritar.

Continuamos a andar. Eu meio que esperava desfalecer novamente para que pudesse ter minha dor atenuada. Nem ligava para a possibilidade de Declan e do Pequeno Kenny me jogarem na sarjeta para morrer em vez de arrastarem o peso morto do meu corpo. Mas fiquei acordado, se não

totalmente alerta, e tentava balançar as pernas quando induzido a isso.

Nem imaginava para onde estava sendo levado e não tinha como levantar a cabeça para marcar o caminho. Quando finalmente paramos em frente a um velho prédio de fachada marrom, o Pequeno Kenny saiu correndo para abrir uma porta. Tentei levantar os olhos para ver qual era o número. Mas mesmo isso estava além das minhas forças, e só dava para ver o chão com os olhos meio fechados enquanto Declan e o Pequeno Kenny me arrastavam para dentro e me largavam no chão duro de madeira.

O Pequeno Kenny ficou tomando conta de mim enquanto Declan subia a escada. Eles haviam me colocado virado para a esquerda, mas virei o corpo de modo a ficar olhando para o teto. Dava para sentir minhas

últimas faíscas de consciência palpitando. Enquanto observava, meus olhos me pregavam peças e eu imaginava que o teto estava tremendo, como quando a água do mar balançava com uma leve brisa.

Ouvi Declan voltando com alguém. Ele falava rapidamente, sem parar. Tentei virar a cabeça para ver quem ele estava trazendo, mas a cena no teto era cativante demais para que desviasse a minha atenção. Agora eu imaginava barcos, com velas cheias de brisa, percorrendo o mar/teto acima de mim.

Declan parou ao meu lado e me examinou. Então deu um passo atrás e a pessoa que estava com ele se agachou para me ver.

Foi aí que percebi que estava realmente me perdendo no terreno da fantasia, pois, no meu delírio, achei que a pessoa em questão era Débora Cicuta, minha ex-namorada.

Sorri timidamente com o pensamento ridículo de que estava esbarrando com Débora aqui. Até que a mulher que assomava sobre mim exclamou:

— Darren! Oh, meu...

E então só havia escuridão, silêncio e sonhos.

CAPÍTULO TREZE

— Ai! Está quente! — falei, assustado.

— Não seja criança — disse Débora, sorrindo, enquanto encostava uma colher de sopa fumegante nos meus lábios. — Vai lhe fazer bem.

— Não se queimar a minha garganta — resmunguei. Soprei a sopa para esfriá-la, engoli e depois sorri para Débora enquanto ela mergulhava a colher novamente na tigela.

Harkat ficou de guarda na porta. Do lado de fora, dava para ouvir Alice Burgess conversando com um dos transeuntes. Sentia-me incrivelmente seguro ali deitado, bebericando a sopa, como se nada no mundo pudesse me atingir.

Cinco dias já haviam se passado desde que Declan e o Pequeno Kenny me salvaram. Os dois primeiros passaram voando. Eu vinha me remoendo em dores e estava com febre alta, os sentidos desordenados, e sujeito a pesadelos e delírios. Não parava de pensar que Débora e Alice eram imaginárias. Eu ria quando elas conversavam comigo, convencido de que meu cérebro estava me pregando uma peça.

Mas no que a febre baixou e os meus sentidos voltaram, vi que os rostos das mulheres permaneciam inalterados. Quando

finalmente percebi que realmente se tratava de Débora, eu a envolvi num abraço tão forte que quase desmaiei novamente!

— Você quer um pouco de sopa? — perguntou Débora para Harkat.

— Não — respondeu o Pequenino. — Não estou com fome.

Pedi para Débora chamar Harkat e o Sr. Altão antes de me dizer o que ela e Alice estavam fazendo aqui. Quando meu preocupado amigo chegou — o Sr. Altão não veio —, eu lhe falei sobre Lucas e sua gangue e sobre o fato de ele ser pai de Darius. Os olhos verdes e redondos de Harkat quase dobraram de tamanho quando ele ouviu o que eu disse. Queria que meu amigo partisse para entrar em contato com os Generais Vampiros, mas ele se recusou. Falou que tinha de ficar para me proteger, e não iria

embora até que eu estivesse totalmente recuperado. Questionei o ponto que ele levantou, mas de nada adiantou. Daí em diante ele não saiu mais do quarto, exceto para ir ao banheiro.

Débora enfiou a última colher de sopa na minha boca, secou meus lábios com um guardanapo e piscou. Ela não havia mudado em nada nos dois últimos anos, desde que nos separamos. A mesma pele escura e viçosa, lindos olhos castanhos, lábios carnudos e o cabelo cortado bem rente. Mas ela estava fisicamente mais desenvolvida. Aparentava estar mais magra, mais musculosa e se movia com a graça e a fluidez de um lutador. Seus olhos estavam sempre alertas. Ela nunca estava totalmente relaxada, pois se mostrava pronta para reagir a qualquer ameaça.

Na última vez em que nos encontramos, Débora e Alice estavam a caminho da Montanha dos Vampiros. Elas estavam preocupadas com a ascensão dos vampixiitas e dos vampitietes de cabeça raspada — e achavam que eles, caso vencessem a Guerra das Cicatrizes, se voltariam contra a humanidade logo em seguida. As duas concluíram que os vampiros deveriam criar sua própria força humana para combater a ameaça dos vampitietes armados. Elas planejavam oferecer seus serviços para os Generais e esperavam poder montar um pequeno exército para enfrentar os vampitietes, deixando os vampiros livres para lidar com os vampixiitas.

Eu não achava que os Generais fossem aceitar sua proposta. Os vampiros sempre se distanciaram dos humanos, e acreditava que

eles rejeitariam Débora e Alice automaticamente. Mas Débora me contou que Sebá Nilo — o intendente da Montanha dos Vampiros e velho amigo meu e do Sr. Crepsley — falara em nome delas. Ele disse que os tempos haviam mudado e que os Generais precisavam acompanhar tais mudanças. Os vampiros e os vampixiitas fizeram um juramento de nunca usar armas de fogo, mas os vampitietes não. Muitos vampiros estavam sendo atingidos por patifes de cabeça raspada. Sebá disse que algo devia ser feito com relação a isso e que esta era a primeira vez em que eles teriam a chance de enfrentar os vampitietes de igual para igual.

Por ser o vampiro mais velho ainda vivo, Sebá era altamente respeitado. Mediante sua recomendação, Débora e Alice foram aceitas, embora com relutância. Por vários meses,

elas foram treinadas para que pudessem ficar versadas nos costumes dos vampiros, principalmente pelas mãos de meu velho mestre, Vanez Blane. O vampiro cego as ensinou a lutar e a pensar como as criaturas da noite. Não era fácil — a sempre invernal Montanha dos Vampiros era um lugar difícil para sobreviver se você não tivesse o sangue quente dos vampiros —, mas elas se apoiaram uma na outra e foram extremamente disciplinadas, ganhando com isso até a admiração daqueles Generais, que as cumprimentaram com suspeita.

O ideal era que elas fossem treinadas durante muitos anos, aprendendo as artes de guerra dos vampiros. Mas o tempo era precioso. Os vampitietes estavam aumentando em número, participando cada vez de mais batalhas, matando mais e mais vampiros.

Assim que Débora e Alice aprenderam o básico, elas se juntaram a um pequeno grupo de Generais para montar um exército provisório. Débora me contou que Sebá e Vanez ansiaram por poder ir com elas, para que pudessem sentir, pela última vez, o gosto da aventura no mundo exterior. Mas eles serviam ao clã na Montanha dos Vampiros, e por isso ficaram servos leais até o fim.

A porta do meu quarto se abriu e Alice entrou. Alice Burgess fora inspetora chefe de polícia e tinha ainda mais jeito de guerreira do que Débora. Ela era mais alta e forte, e tinha músculos mais pronunciados. Seu cabelo branco estava bem rente e, embora tivesse a pele extremamente clara, sua aparência não era delicada. Ela parecia tão opaca e mortal quanto uma tempestade de neve.

— A polícia está fazendo buscas pela vizinhança — disse Alice. — Ela estará aqui em uma hora ou menos. Darren terá que se esconder novamente.

O prédio era antigo e fora usado anteriormente como igreja por um pregador sombrio. Ele criara umas duas salas secretas, quase impossíveis de serem encontradas. Eram abafadas e desconfortáveis, mas seguras. Eu já ficara três vezes numa delas, para me proteger das buscas da polícia que aconteciam constantemente desde o massacre no campo de futebol.

— Alguma novidade sobre Vancha? — perguntei, enquanto me sentava na cama e saía de baixo das cobertas.

— Ainda não — respondeu Alice.

Por ser o outro caçador sobrevivente, Vancha March era a única pessoa além de

mim que tinha liberdade para matar Lucas. Débora e Alice não tinham uma linha direta com o Príncipe, mas se equiparam a alguns dos Generais mais jovens e idéias avançadas com telefones celulares. Algum deles falaria a Vancha sobre a situação que estava ocorrendo aqui — finalmente. Só esperava que isso não demorasse muito para acontecer.

Recrutar um exército provara ser algo bem mais difícil do que parecia. Nenhum vampiro sabia com certeza o que os vampixiitas fizeram para reunir os vampitietes, mas podíamos imaginar qual era a sua estratégia de recrutamento — encontrar pessoas influenciáveis e perversas, para depois seduzi-las com promessas de poder:

— Juntem-se a nós, que as ensinaremos como lutar e matar.

Nós as vampirizaremos quando chegar a

hora certa e as tornaremos mais fortes do que qualquer ser humano. Como uma de nós, vocês viverão por séculos a fio. Tudo o que desejarem poderá ser de vocês.

Débora e Alice estavam encarando uma tarefa bem mais difícil. Elas precisavam de pessoas boas que estivessem dispostas a lutar do lado do bem, que reconhecessem a ameaça representada pelos vampitietes e seus mestres, que quisessem evitar a possibilidade de viver num mundo onde um bando de assassinos dominaria a noite. Pessoas desonestas, ávidas e com o mal no coração eram fáceis de se encontrar. Já gente honesta, preocupada e disposta a se sacrificar pelos outros era bem mais difícil de aparecer.

Elas encontraram algumas, entre policiais e soldados — Alice tinha muitos contatos do tempo em que trabalhava na força policial

—, mas nada que fosse suficiente para conter a ameaça dos vampitietes. Durante meio ano elas tiveram pouco ou nenhum avanço. E estavam começando a achar que aquilo era perda de tempo. Então, Débora encontrou uma solução.

Os vampixiitas estavam em alta. Ao mesmo tempo que recrutavam os vampitietes, eles estavam vampirizando mais assistentes vampixiitas do que o normal, aumentando os seus números numa aposta de que venceriam a Guerra das Cicatrizes através da força. Como estavam mais ativos do que o normal, eles precisavam beber mais sangue, para manter seu nível de energia. E quando os vampixiitas bebiam sangue, eles matavam.

Onde estavam todos os corpos, então?

Os vampixiitas sobreviveram durante

seiscentos anos alimentando-se cautelosamente, sem matar tantas pessoas numa só área, escondendo cuidadosamente os corpos de suas vítimas. Não havia muitas delas — nada mais do que trezentas antes da Guerra das Cicatrizes — e estavam espalhadas pelo mundo. Era relativamente fácil manter sua presença em segredo para a humanidade.

Mas agora eles estavam aumentando em número, alimentando-se em grupos, matando centenas de humanos todo mês. Não havia jeito de tal drenagem na humanidade passar despercebida pelo público em geral — a não ser que aqueles dos quais eles se alimentavam não fizessem, oficialmente, parte daquele público.

Vagabundos. Moradores de abrigos públicos. Mendigos. Nômades. A

humanidade possuía dezenas de designações para pessoas sem-teto, aqueles sem carreira, casa, família ou segurança. Muitos nomes — mas não muito interesse. As pessoas sem-teto eram um estorvo, um problema, algo feio de ser visto. Quer as pessoas "normais" sentissem pena ou desgosto por elas, quer dessem trocados quando vissem alguém implorando ou passassem direto, uma coisa unia a maior parte dos humanos — eles sabiam que as pessoas sem-teto existiam, mas pouquíssimos prestavam atenção nelas de fato. Quem em qualquer cidade podia dizer quantos sem-teto viviam nas ruas? Quem saberia se tais números começaram a cair? Quem ligava?

A resposta: quase ninguém. Exceto os próprios sem-teto. *Eles* saberiam que algo estava errado. Os sem-teto ouviriam,

trabalhariam intensamente e lutariam. Se não pelos vampiros, seria por eles próprios — eles eram vítimas da Guerra das Cicatrizes e seriam muito prejudicados caso os vampixiitas triunfassem.

Portanto, Débora, Alice e seu pequeno bando de Generais levaram seus discursos de recrutamento para os cantos do mundo nos quais a maior parte dos humanos não sabia de nada. Eles saíram pelas ruas, visitaram abrigos de sem-teto e igrejas missionárias, vielas cheias de camas toscas feitas de caixas de papelão e folhas de jornal. Eles se moviam livremente entre as pessoas deste submundo, defrontando-se com suspeitas e perigos, espalhando sua mensagem, em busca de aliados.

E os encontraram. Havia uma espécie de rede de informações entre os sem-teto,

parecida com a que existia no clã dos vampiros. Embora a maior parte deles não tivesse telefones, eles mantinham contato entre si. Era incrível a rapidez com a qual um rumor podia circular, e onde quer que Alice e Débora fossem, elas encontravam pessoas que ouviram falar dos assassinatos e sabiam que estavam sob ataque, muito embora não tivessem a menor idéia da identidade de seus agressores.

Débora e Alice falaram sobre os vampixiitas para o povo das ruas. Para começo de conversa, depararam com um certo ceticismo, mas os vampiros que as acompanhavam lhes deram suporte, demonstrando seus poderes. Em duas cidades, eles ajudaram os moradores das ruas a rastrear vampixiitas e os matar. As notícias circularam rapidamente e, ao longo dos últimos

meses, milhares de sem-teto pelo mundo haviam se comprometido com a causa dos vampiros. A maior parte deles ainda não fora treinada. Por enquanto estavam servindo como olhos e ouvidos, procurando vampixiitas, passando adiante novidades sobre os seus movimentos.

Eles também haviam cunhado um nome para si — *vampiridades*.

Harkat me ajudou a sair da cama e do meu quarto. Mancando, desci pelo corredor e pela escada até o térreo, onde as salas secretas estavam localizadas. Alice veio conosco, para assegurar que tudo correria bem. Passamos por Declan ao longo do caminho. Ele telefonava para outra fortaleza de vampiridades próxima, para avisá-los da busca policial.

Os Generais que estavam com Débora e

Alice acabaram abandonando-as no fim das contas para retomar a luta contra os vampixiitas — toda ajuda era necessária na Guerra das Cicatrizes. Dois deles permaneceram em contato e as encontravam a cada mês ou dois para monitorar seu progresso. Mas, na maior parte do tempo, as damas das sombras — como as vampiridades se referiam a elas — viajavam sozinhas, escolhendo lugares onde os vampixiitas estivessem ativos, recrutando gente intensamente.

Elas chegaram na minha cidade há duas semanas, por causa de muitos relatos de que existiam vampixiitas aqui, e um bando de vampiridades já fora formado para combatê-los. Débora e Alice vieram para elevar o moral e também para deixar toda a população de rua ciente da ameaça que estava enfrentando. Com tal tarefa cumprida, elas

planejavam partir em breve para outro lugar. Até que apareci, espancado e ensangüentado, e seus planos mudaram.

Esfreguei meu ombro direito enquanto me arrastava para a sala secreta. Alice havia retirado a cabeça da flecha e me costurado. O ferimento havia sarado e cicatrizado, mas ainda doía imensamente e eu estava longe de ter uma recuperação completa.

Alice e Harkat removeram a mobília que ajudava a esconder a entrada da sala secreta nos fundos da casa. Então, Alice pressionou o painel secreto e uma parte da parede deslizou, revelando uma cela apertada. Havia uma luminária de luz opaca instalada em uma das paredes.

— Eles vasculharam a casa inteira na última vez em que vieram — lembrou-me Alice, enquanto se certificava de que a jarra

ao lado do colchão no chão estava cheio d'água. — Pode ser que a sua estadia seja longa.

— Vou ficar bem — afirmei, enquanto me deitava.

— Espera! — ouvi Débora gritar, enquanto Alice estava prestes a fechar a parede deslizante. Ela veio correndo para a entrada, carregando uma pequena sacola. — Estava esperando você ficar mais forte para lhe dar isso. Vai ajudá-lo a passar o tempo.

— O que é? — perguntei, enquanto pegava a sacola.

— Você verá — respondeu Débora, mandando um beijo e dando um passo atrás enquanto a cela era fechada. Esperei um minuto para meus olhos se acostumarem com a luz opaca e depois enfiei a mão na bolsa e tirei de dentro diversos blocos de

anotações presos um ao outro com um elástico. Abri um sorriso... era o meu diário! Eu o havia esquecido completamente. Agora que havia colocado a cabeça no lugar, lembrei-me de que dera os blocos para Alice antes de partir com Harkat há dois anos.

Tirei o elástico dos blocos, comecei a folhear o que estava em cima e então parei, endireitei o diário e voltei dezoito anos no passado, antes de fugir para o Circo dos Horrores e conhecer o Sr. Crepsley. Em questão de minutos eu estava à deriva, no passado, e as horas voavam enquanto me concentrava em minha letra ilegível, sem pensar em mais nada.

CAPÍTULO QUATORZE

Assim que recebi o sinal de que tudo estava O.K., voltei para o meu quarto e passei os dois dias seguintes atualizando o meu diário. Logo acabei com o bloco de anotações mais recente, por isso Débora me trouxe material para escrever um outro, novo em folha. Escrevi sobre todas as minhas aventuras com Harkat na terra inóspita e sombria que parecia ser o mundo do futuro. Descrevi meus

medos, que o mundo poderia ter que se defrontar com a sua destruição, independente de quem vencesse a Guerra das Cicatrizes, e que eu poderia estar de algum modo ligado ao fim da humanidade. Falei sobre a descoberta da verdadeira identidade de Harkat e a volta para casa. Um rápido resumo das viagens recentes com o Circo dos Horrores. E depois o último e mais cruel capítulo, no qual Tommy morria e eu descobria que Lucas tinha um filho.

Eu não pensara muito sobre Tommy desde aquela noite. Sabia que a polícia estava vasculhando a cidade em busca dos seus assassinos e que C.C. e Morgan James mataram outras oito pessoas e feriram muitas mais dentro do estádio. Mas eu não sabia o que o público em geral pensava sobre os assassinatos ou se eu fora identificado como suspeito

— talvez Lucas estivesse armando tudo para que eu levasse a culpa.

Pedi para Débora trazer-me todos os jornais locais dos últimos dias. Havia fotos de péssima qualidade de C.C. (vampixiitas completos não podiam ser fotografados, mas o sistema molecular dele ainda não devia ter mudado) e Morgan James, mas nenhuma minha. Havia uma rápida menção ao incidente que ocorreu fora do complexo, quando fui atacado, mas a polícia não parecia dar muita importância a ele ou estar ligando-o aos assassinatos do estádio.

— Você e ele eram íntimos? — perguntou Débora, enquanto apontava para uma foto de um Tommy Jones sorridente. Ela estava sentada na beira da minha cama, me observando enquanto eu lia os jornais. Ela havia passado muito tempo ao meu lado

durante a minha recuperação, cuidando e conversando comigo, falando-me sobre sua vida.

— Éramos bons amigos quando crianças — suspirei.

— Você acha que ele sabia de Lucas ou dos vampixiitas? — perguntou Débora.

— Não. Ele foi uma vítima inocente. Estou certo disso.

— Mas ele não falou que tinha algo importante para lhe contar?

Balancei a cabeça.

— Ele disse que havia coisas sobre Lucas que precisávamos discutir, mas não foi específico. Não creio que tivesse algo a ver com isso.

— Isso me apavora — disse Débora, enquanto tirava o jornal das minhas mãos e o dobrava.

— Você está com medo porque eles mataram Tommy? — perguntei, franzindo a testa.

— Não... foi porque eles o fizeram na frente de dezenas de milhares de pessoas. Devem estar cheios de confiança, sem medo de nada. Eles não ousariam realizar uma façanha como essa há alguns anos. Estão ficando mais poderosos o tempo todo.

— O excesso de confiança pode vir a ser sua ruína — resmunguei. — Eles estavam mais seguros quando ninguém os conhecia. A confiança os fez vir à luz, mas parecem ter se esquecido de uma coisa: a luz não é boa para as criaturas da noite.

Débora colocou o jornal de lado.

— Como está o seu ombro? — perguntou ela.

— Não muito mal — respondi. — Mas a

sutura feita por Alice deixou muito a desejar... Vou ficar com uma cicatriz horrível quando o ferimento cicatrizar.

— Mais um para a sua coleção — disse Débora, às gargalhadas. Mas seu sorriso logo sumiu. — Notei que você está com uma cicatriz nova nas costas, longa e profunda. Você a conseguiu quando partiu na jornada junto com Harkat?

Acenei com a cabeça, enquanto me lembrava do monstruoso Grotesco e de como uma de suas presas me atingiu entre as omoplatas, rasgando minhas costas profundamente de cima a baixo.

— Você ainda não me disse o que aconteceu ou para onde foi.

Suspirei.

— Isso não é algo que precisamos conversar agora.

— Mas vocês descobriram quem Harkat foi?

— Sim — respondi e deixei o assunto morrer. Eu não gostava de esconder as coisas de Débora, mas se aquele mundo inóspito era realmente o futuro, não via motivos para afligi-la com a minha previsão.

Acordei bem cedo na manhã seguinte com uma dor de cabeça terrível. Havia uma fendinha entre as cortinas e, embora apenas um fino feixe de luz fosse visível, parecia que uma tocha flamejante brilhava intensa e diretamente nos meus olhos. Gemendo, pulei da cama e fechei as cortinas. Isso ajudou, mas minha dor de cabeça não melhorou. Deitei-me o mais quieto possível, na esperança de que ela fosse embora. Como não foi, levantei-me da cama novamente, na intenção

de descer e pegar umas aspirinas. Passei por Harkat. Ele estava encostado numa parede, adormecido, embora seus olhos sem pálpebras estivessem — como sempre — arregalados.

Já descera uma parte da escada, quando senti uma onda de tontura e caí. Tentei me agarrar ao corrimão antes de tombar, e acabei escorregando e me machucando ao cair, parando no meio dos degraus. Com a cabeça rodando, sentei-me e fiquei olhando em volta, estupefato, me perguntando se aquilo era um efeito colateral do ferimento no meu ombro. Tentei gritar por socorro, mas só conseguia falar em voz baixa.

Pouco tempo depois, enquanto ainda estava sentado na escada, juntando minhas forças para que pudesse rastejar de volta ao meu quarto, Débora andava pelo topo da

escadaria. Ela me avistou e parou. Levantei a cabeça e gritei seu nome, porém mais uma vez só consegui emitir um grasnido sufocado.

— Declan? — perguntou Débora, dando um passo para a frente. — O que você está fazendo? Você não andou bebendo novamente, andou?

Franzi a testa. Por que ela havia me confundido com Declan? Não nos parecíamos nem um pouco.

Enquanto Débora descia para ajudar, percebeu que eu não era o mendigo. Ela parou, como se estivesse montando guarda.

— Quem é você? — perguntou ela, rispidamente. — O que está fazendo aqui?

— Sou... eu — falei, com a voz abafada, mas ela não ouviu.

— Alice! — gritou Débora. — Harkat!

Ao seu berro, Alice e Harkat correram

para o topo da escada.

— Será que este é um dos amigos de Declan ou do Pequeno Kenny? — perguntou Alice.

— Creio que não — opinou Débora.

— Quem é você? — Alice me desafiou. — Diga-nos logo ou...

— Espere — interrompeu-a Harkat. Ele passou pelas mulheres e me encarou fixamente, para depois fazer uma careta. — Como se não tivéssemos problemas... suficientes! — Ele desceu a escada correndo. — Está tudo bem — disse a elas enquanto me pegava. — É Darren.

— *Darren?* — exclamou Débora. — Mas ele está coberto de pelos!

Foi aí que percebi por que ela não me reconhecera. Durante a noite, o meu cabelo havia brotado e ganhei uma barba.

— É o expurgo! — falei com a voz ruidosa.

— A segunda fase — disse Harkat, acenando positivamente. — Você sabe o que... isso quer dizer?

— Sim — significava que o meu tempo como meio-vampiro estava quase no fim. Em poucas semanas, o sangue vampiro que corria nas minhas veias transformaria todas as células humanas e eu me tornaria uma verdadeira criatura da escuridão, que abraçaria a noite e temeria a luz do sol.

Expliquei o expurgo para Débora e Alice. Minhas células vampiras estavam atacando as humanas, convertendo-as. Em poucas semanas eu me tornaria um vampiro completo. Enquanto isso, meu corpo amadureceria rapidamente e passaria por todos os tipos de inconveniências. Além do

cabelo, meus sentidos enlouqueceriam. Eu sofreria dores de cabeça. Teria que cobrir os meus olhos e tapar o nariz e os ouvidos. Meu paladar me abandonaria. Experimentaria manifestações repentinas de energia e depois alguma perda de força.

— É um período terrível — reclamei para Débora mais tarde naquele mesmo dia. Harkat e Alice estavam ocupados em outra parte da casa, enquanto Débora me ajudava a cortar o cabelo e me barbear.

— O que há de tão ruim nisso? — perguntou ela.

— Sou vulnerável. Minha cabeça está martelando. Não consigo ver, ouvir ou cheirar nada direito. Não sei o que o meu corpo vai fazer de um minuto para outro. Se entrarmos daqui a pouco numa briga com os vampixiitas, ninguém poderá depender de

mim.

— Mas você fica mais forte do que o normal durante o expurgo, não?

— As vezes. Mas tal força pode desaparecer de uma hora para outra, deixando-me fraco e indefeso. E não há como prever quando isso acontecerá.

— E quanto ao depois? — perguntou Débora, enquanto cortava a minha franja. — Você se tornará um vampiro completo?

— Sim.

— Você terá como voar e se comunicar telepaticamente com outros vampiros?

— Não imediatamente. A habilidade estará lá, mas terei que desenvolvê-la. Tenho muito o que aprender ao longo dos próximos anos.

— Você não parece estar muito feliz com isso — reparou Débora.

Amarrei a cara.

— De várias maneiras, estou feliz... Finalmente me tornarei um vampiro de verdade, como um Príncipe deve ser. Sempre me senti estranho por ser um meio-vampiro e possuir tanto poder. Por outro lado, estou encarando o fim de um jeito de viver. Não poderei mais aproveitar a luz do sol ou terei condições de passar por um ser humano. Aproveitei o melhor de ambos os mundos desde que fui vampirizado. Agora terei que deixar um deles... o mundo humano... para sempre. — Suspirei, melancólico.

Débora pensou nisso em silêncio, enquanto cortava a parte de trás do meu cabelo. Até que ela disse, calmamente:

— No fim de tudo, você será um adulto, não?

— Sim — concluí, bufando. — Essa é

outra mudança da qual não tenho certeza do que irá acontecer. Fui criança ou adolescente durante grande parte de trinta anos. Deixar isso para trás no espaço de algumas semanas... É estranho!

— Mas é maravilhoso — afirmou Débora. Ela parou de cortar o cabelo e ficou na minha frente. — Você se lembra de quando tentou me beijar há alguns anos?

— Sim — respondi, com uma careta. — Isso foi quando eu estava fingindo que era estudante, e você, minha professora. Você subiu nas tamancas e me expulsou do seu apartamento.

— Perfeitamente — disse Débora, sorrindo. — Como professora... e adulta... seria errado da minha parte me envolver com uma criança. Não pude beijá-lo naquela ocasião e não posso beijá-lo agora. Eu me sentiria

terrivelmente esquisita beijando um menino. — Seu sorriso mudou súbita e misteriosamente. — Mas em algumas semanas você não será mais um garoto. Será um homem.

— Ah — suspirei, enquanto pensava nisso. Depois, minha expressão mudou, encarei Débora com novo juízo e esperança e então peguei delicadamente a sua mão.

CAPÍTULO QUINZE

Um benefício do expurgo foi a rápida cicatrização do meu ferimento e o fato de ter recuperado a minha força. Uns dois dias depois, eu já havia quase recuperado a minha forma física, exceto pelas dores de cabeça e outras que só aumentavam.

Eu fazia flexões no chão do meu quarto, gastando uma parte da energia excedente, quando ouvi Debora gritar no andar de

baixo. Parei na mesma hora e troquei um olhar de preocupação com Harkat, que montava guarda ao lado da porta. Corri para o seu lado e tirei um dos tampões de ouvido que usava para bloquear o pior dos sons urbanos.

— Será que devemos descer? — perguntou o Pequenino, enquanto abria uma fresta na porta. Dava para ouvir Débora falando entusiasmada e, enquanto escutávamos, Alice se juntou a ela e também começou a falar muito rapidamente.

— Não creio que haja nada de errado — afirmei, franzindo a testa. — Elas parecem estar felizes, como se um velho amigo tivesse... — Parei e bati na minha testa. Harkat deu uma gargalhada até que ambos falamos exatamente ao mesmo tempo:

— *Vancha!*

Abrimos a porta, descemos as escadas cambaleando e vimos Débora e Alice conversando com um homem robusto, de pele vermelha e cabelos verdes, vestido com peles de animal lilases e descalço, com cintos repletos de estrelas pontudas e afiadas — shurikens — enlaçando o seu tronco.

— Vancha! — gritei, feliz, enquanto segurava os seus braços e os apertava com força.

— É bom vê-lo novamente, Majestade — disse Vancha com uma polidez surpreendente. Depois disso ele irrompeu num sorriso e me abraçou com força. — Darren! — rugiu. — Senti a sua falta! — Ao se virar para Harkat, ele soltou uma gargalhada. — Senti a sua falta também, feioso!

— Olha quem está falando! — retrucou Harkat, sorrindo.

— É ótimo ver ambos, mas, evidentemente, estou muito mais feliz em ver as damas — afirmou Vancha, enquanto me soltava e piscava para Débora e Alice. — A beleza feminina é o que dá motivo a nós, homens de sangue quente, para viver, não?

— Ele é um bajulador de nascença — desdenhou Alice. — Aposto que diz isso para todas as mulheres que encontra.

— Naturalmente — murmurou Vancha —, pois todas as mulheres são lindas, de um jeito ou de outro. Mas você é mais bonita do que a maioria, minha querida... um anjo da noite!

Alice bufou, em sinal de desprezo, embora houvesse um estranho sorrisinho nos cantos dos seus lábios. Vancha abraçou Débora e Alice, e nos conduziu para a sala de estar, como se esta fosse a sua casa e nós

fôssemos os convidados. Depois que se sentou, ficando bem à vontade, pediu para Débora pegar um pouco de comida. Ela retrucou dizendo — literalmente — que ele podia pegar as coisas enquanto estivesse aqui, o que fez o vampiro rir com deleite.

Era muito salutar ver que a Guerra das Cicatrizes não havia mudado Vancha March. Ele falava alto e intensamente como sempre. E nos deixou a par das suas manobras mais recentes, dos países que explorou, dos vampixiitas e vampitietes que matou, fazendo tudo soar como uma grande e excitante aventura, independente de todas as conseqüências.

— Quando ouvi dizer que Leonardo estava aqui, vim o mais rápido que pude — concluiu Vancha. — Voei sem descansar. Tomara que eu não o tenha perdido.

— Não sabemos — afirmei. — Não temos notícias dele desde a noite em que quase me matou.

— Mas o que o seu coração lhe diz? — perguntou Vancha, com seus olhos grandes me oprimindo pesadamente e sua boca pequena fechada como uma linha apertada e esperançosa.

— Ele está aqui — falei suavemente. — Está esperando por mim... por *nós*. Creio que é aqui que a profecia do Sr. Tino será testada. Iremos enfrentá-lo nestas ruas... ou sob elas... e o mataremos ou ele nos matará. E esse será o fim da Guerra das Cicatrizes. Exceto...

— O quê? — perguntou Vancha quando não prossegui.

— Supostamente deve haver um encontro final. Por quatro vezes nosso caminho

deveria se cruzar com o dele. A quarta vez foi quando estive à sua mercê recentemente, mas ambos estamos vivos. Talvez o Sr. Tino tenha entendido tudo errado. Talvez sua profecia não seja mais verdadeira.

Vancha ficou refletindo sobre o fato.

— Talvez você tenha razão — disse ele, incerto. — Mas por mais que eu despreze Des Tino, tenho que admitir que ele não comete muitos erros quando se trata de profecias... de fato, não cometeu nenhum, pelo que eu saiba. Ele lhe disse que *nós* teríamos quatro chances de matar Leonardo, não? — Acenei positivamente. — Então, talvez ambos tenhamos que estar aqui. Provavelmente o seu encontro sozinho não conte.

— Teria contado se ele tivesse me matado — resmunguei.

— Mas ele não o fez — retrucou Vancha.

— Talvez não pudesse. Talvez simplesmente não fosse o seu destino.

— Se você tiver razão, isso significa que vamos encará-lo novamente — concluí.

— Sim — afirmou Vancha. — Será uma luta até a morte. A não ser pelo fato de que, se vencer, ele não matará nós dois. Evanna disse que um de nós sobreviveria, caso perdêssemos. — Evanna era uma bruxa, filha do Sr. Tino. Eu quase havia esquecido essa parte da profecia. Se Lucas vencesse, ele deixaria que um de nós vivesse para testemunhar a queda do clã.

Fez-se um silêncio longo e inquietante enquanto pensávamos na profecia e nos perigos que enfrentamos. Vancha o quebrou batendo as mãos alto e bom som.

— Chega de morte e tristeza! E quanto a vocês dois? — Ele acenou para mim e para

Harkat. — Como foi a sua jornada? Sabemos agora quem foi Harkat?

— Sim — respondeu o Pequenino, que se voltou para Débora e Alice. — Não quero ser rude, mas vocês poderiam... nos deixar a sós por um instante?

— Isso é conversa de *homem*? — perguntou Alice em tom de brincadeira.

— Não — respondeu Harkat com uma risada. — É conversa de *Príncipe*.

— Ficaremos lá em cima — disse Débora. — Chamem-nos quando tiverem terminado.

Vancha se levantou e fez uma reverência enquanto as damas saíam. Quando se sentou novamente, sua expressão era curiosa.

— Por que o segredo? — perguntou ele.

— Tem a ver com quem eu fui — respondeu Harkat — e onde... descobrimos a

verdade. Não achamos que isso seja coisa para ser discutida... na frente de ninguém, a não ser um Príncipe.

— Intrigante — disse Vancha, que se inclinava para a frente, ansiosamente.

Fizemos um rápido resumo de nossa jornada pela terra inóspita para Vancha, falamos das criaturas que enfrentamos, do encontro com Evanna, do marinheiro louco — Spits Abrams — e dos dragões. Ele não disse nada, mas ficou escutando, cativado. Quando lhe falamos sobre quando tiramos Kurda Smahlt do Lago das Almas, o queixo de Vancha caiu.

— Mas não pode ser! — protestou o vampiro. — Harkat estava vivo antes de Kurda morrer.

— O Sr. Tino pode se mover pelo tempo — afirmei. — Ele criou Harkat a partir dos

restos de Kurda, e depois o levou para o passado, para que pudesse servir como meu protetor.

Vancha piscou lentamente. De repente, suas feições se nublaram de raiva — e medo.

— Maldito seja Desmond Tino! Sempre soube que ele era poderoso, mas interferir no próprio tempo... Que tipo de monstro diabólico ele é?

Tratava-se de uma pergunta retórica, por isso não tentamos respondê-la. Em vez disso, terminamos lhe contando como Kurda optou por se sacrificar — ele e Harkat partilhavam uma alma, por isso só um dos dois poderia viver num dado momento — deixando-nos livres para voltar ao presente.

— O *presente*? — vociferou Vancha. — O que você quer dizer com isso?

Harkat lhe falou sobre a nossa teoria —

de que o mundo devastado era o futuro. Quando ouviu isso, Vancha tremeu como se um vento frio o tivesse partido ao meio.

— Nunca achei que a Guerra das Cicatrizes pudesse ser tão crucial — disse ele delicadamente. — Eu sabia que o nosso futuro estava em jogo, mas nunca sonhei que poderíamos tragar a humanidade junto conosco. — Ele balançou a cabeça e se virou, murmurando: — Preciso pensar nisso.

Harkat e eu não falamos nada enquanto Vancha deliberava. Minutos se passaram. Quinze minutos. Meia hora. Finalmente ele deu um longo suspiro e se virou para nos encarar.

— Trata-se de notícias terríveis. Mas talvez não sejam tão terríveis quanto parecem. Pelo que você me disse, acredito que Tino os tenha levado para o futuro... mas

também acredito que ele não o faria sem ter um bom motivo. Poderia estar simplesmente brincando com vocês, mas também pode ter sido um aviso.

Ele fez uma pausa antes de prosseguir:

— Aquele maldito futuro deve ser o que enfrentaremos caso percamos na Guerra das Cicatrizes. Lucas Leonardo é o tipo de sujeito que arrasaria com o mundo e o levaria à ruína. Mas se vencermos, poderemos impedir isso. Quando Tino foi à Montanha dos Vampiros, ele nos disse que havia dois futuros possíveis, não? Um no qual os vampixiitas venceriam a guerra e outro no qual os vampiros triunfariam. Creio que Tino lhes deu um vislumbre do primeiro futuro para mostrar que *temos* que vencer essa guerra. Não é só por nós que estamos lutando... é pelo mundo inteiro. O mundo inóspito é um

futuro. Estou certo de que o mundo onde vencemos é completamente diferente.

— Faz sentido — concordou Harkat. — Se ambos os futuros existem... ele pode ter como escolher para qual deles... nos levará.

— Talvez — suspirei, pouco convencido. Eu estava pensando mais uma vez na visão que tivera pouco antes da primeira vez em que encontramos Evanna, quando Harkat era atormentado por pesadelos. Evanna me ajudou a acabar com eles, ao me mandar para os seus sonhos. No sonho eu teria enfrentado um ser de poder imenso... o Senhor das Sombras. Evanna me disse que esse mestre do mal era parte do futuro, e a estrada até lá era pavimentada com almas mortas. Ela também me disse que o Senhor das Sombras poderia ser uma entre duas pessoas... Lucas Leopardo ou *eu*.

As incertezas voltaram rapidamente. Eu não tinha como partilhar da visão de Vancha e Harkat de que havia um futuro vivo e brilhante, e outro negro e desgraçado. Achava que estávamos na iminência de sofrer infortúnios em larga escala, independente do resultado da Guerra das Cicatrizes. Mas guardei minhas opiniões para mim mesmo — eu não queria passar como o profeta da destruição.

— Então! — disse Vancha, rindo e me assustando enquanto eu viajava nos meus pensamentos sombrios. — Só temos que nos certificar de que Lucas Leonardo morrerá nas nossas mãos, certo?

— Sim — respondi, com um sorriso pálido.

— E quanto a mim? — perguntou Harkat. — Você mudou a maneira como me

vê... agora que sabe que fui um traidor dos vampiros.

— Não — respondeu Vancha. — De qualquer maneira, nunca gostei muito de você. — Ele cuspiu na palma da mão direita, passou o cuspe no cabelo e depois piscou para mostrar que estava brincando. — Falando sério, vocês agiram muito bem não espalhando as novidades. Que isso fique entre nós. Sempre acreditei que, embora Kurda tivesse agido estupidamente, ele o fez de coração pensando nos melhores interesses do clã. Mas há muitos que não compartilham desse ponto de vista. Se eles soubessem a verdade sobre você, isso poderia dividi-los. Brigas internas é a última coisa da qual precisamos. Isso seria jogar a favor dos vampixiitas. Quanto à identidade de Harkat... — Vancha olhou para o

Pequenino. — Eu o conheço e confio em você. Creio que aprendeu com os erros de Kurda. Sei que não vai nos trair novamente, vai, Harkat?

— Não — disse Harkat suavemente. — Mas ainda estou a favor de um pacto... entre os dois clãs. Se eu puder ajudar a persuadi-los através de meios... pacíficos, conversando, eu o farei. Esta Guerra das Cicatrizes está destruindo... as duas famílias da noite e ameaça destruir... ainda mais.

— Mas você reconhece a necessidade de lutar? — perguntou Vancha precisamente.

— Reconheço a necessidade de se matar Lucas... Leonardo — afirmou Harkat. — Depois disso, vou me esforçar para que seja feita a paz... se puder. Mas abertamente... nada de conspirações ou intrigas... dessa vez.

Vancha pensou nisso em silêncio, depois

encolheu os ombros.

— Então que seja. Não tenho nada pessoal contra os vampixiitas. Se matarmos Leonardo e eles concordarem que deve ser feita uma trégua, eu apóio. Agora — prosseguiu ele, coçando o queixo —, onde vocês acham que Leonardo está entocado?

— Provavelmente em algum lugar bem no fundo da terra — respondi.

— Vocês acham que ele está preparando uma armadilha em grande escala, como antes? — perguntou Vancha.

— Não — disse Harkat. — Os vampixiitas têm andado ativos por aqui. Foi por isso que Débora e Alice vieram. Mas se eles estivessem aqui às dúzias, como... da última vez, a contagem de corpos seria maior. Não creio que Lucas tenha tantos vampixiitas com ele quanto quando o

enfrentamos... na Caverna da Vingança.

— Espero que você tenha razão — afirmou Vancha. Ele me olhou de lado. — Como estava o meu irmão? — Vancha e Gannen Harst eram irmãos que não se davam.

— Cansado — respondi. — Hostil. Infeliz.

— Não é difícil de imaginar o porquê — resmungou Vancha. — Jamais entenderei por que Gannen e os outros seguem um maníaco como Leonardo. Os vampixiitas estavam satisfeitos do jeito deles. Eles não buscavam subjugar os vampiros ou provocar uma guerra. Não faz sentido o fato de eles acorrerem àquele demônio e se comprometerem com ele.

— Isso é parte da profecia de Tino — afirmou o Pequenino. — Como Kurda, eu passei muito tempo com... os vampixiitas,

pesquisando seus costumes. Vocês já ouviram falar do seu Caixão de Fogo. Quando uma pessoa deita em seu interior, ele se enche... de chamas. Todas as pessoas normais morrem nele. Apenas o Senhor dos Vampixiitas... pode sobreviver. O Sr. Tino disse para os vampixiitas que se eles não... obedecessem tal pessoa e não fizessem tudo que ela manda, eles... seriam eliminados da face Terra. A maior parte dos vampixiitas luta para se preservar... não para destruir os vampiros.

Vancha acenou lentamente com a cabeça.

— Então eles são motivados por temer por suas vidas, por ódio a nós. Agora eu entendo. Afinal de contas, não é por isso que todos nós lutamos também... para salvar a nossa pele?

— Ambos lutamos pelo mesmo motivo — concluiu Harkat, dando um sorriso sem graça. — Ambos temos medo da... mesma coisa. É claro, se nenhum dos lados lutasse... ambos estariam seguros. O Sr. Tino está fazendo as criaturas da noite... de tolas, e nós o estamos ajudando.

— É claro — resmungou Vancha, enfastiado. — Mas não adianta ficarmos nos queixando de estarmos nessa situação lamentável. O fato é que lutamos porque devemos.

Vancha se levantou e se esticou. Havia aros escuros em volta dos seus olhos. Ele parecia com um homem que não dormia direito há muito tempo. Os dois últimos anos devem lhe ter sido duros. Embora não tivesse mencionado o Sr. Crepsley, certo de que o vampiro morto nunca saiu dos seus pensamentos Vancha, assim como eu,

provavelmente sentia uma certa parcela de culpa — nós dois déramos a autorização para que ele prosseguisse e enfrentasse o Senhor dos Vampixiitas. Se um de nós tivesse tomado o seu lugar, ele estaria vivo agora. Parecia-me que Vancha vinha se entregando, além dos seus limites, na caça para encontrar o Senhor dos Vampixiitas — e estava quase aproximando dele.

— Devia descansar, Majestade — sugeri. — Se voou até aqui, deve estar exausto.

— Descansarei quando Leonardo estiver morto — grunhiu Vancha. — Ou eu — acrescentou suavemente, com a respiração. Não creio que ele tenha percebido que falou audível. — Agora! — prosseguiu ele, aumentando o tom da voz. — Chega de autocomiseração e desgraça. Estamos aqui e Leonardo está aqui... não é necessário ser um gênio

para ver que uma boa e velha luta até a morte está na ordem do dia. A pergunta é: será que esperamos que ele venha até nós ou tomamos a iniciativa e vamos atrás dele?

— Não saberíamos onde... procurar — disse Harkat. — Ele poderia estar em qualquer parte.

— Então vamos olhar em qualquer parte — disse Vancha sorrindo. — Mas onde começamos? Darren?

— Com o filho dele — respondi na mesma hora. — Darius é um nome incomum. Não deve haver muitos deles por aí. Vamos perguntar, descobrir onde ele vive, rastrear Lucas através dos seus passos.

— Usar o filho para pegar o pai — Vancha hesitou. — É ignóbil, mas provavelmente é o melhor que podemos fazer. — Ele fez uma pausa. — O garoto me preocupa. Leonardo

tem nos dado um trabalho dos diabos; trata-se de um adversário formidável. Mas se o seu filho tiver o mesmo sangue maligno, e for educado nos mesmos preceitos perversos de Leonardo desde o nascimento, ele pode ser bem pior.

— Concordo — afirmei calmamente.

— Você é capaz de matar uma criança, Darren? — perguntou Vancha.

— Não sei — respondi, incapaz de encará-lo. — Creio que não. Espero que não tenhamos que chegar a isso.

— Não é uma boa esperança — discordou Harkat. — Ir atrás do garoto é errado. Só porque Lucas não tem moral isso não... quer dizer que devamos agir como selvagens também. As crianças devem ficar fora... disso.

— Então qual é a sua sugestão? — perguntou Vancha.

— Devemos retornar ao... Circo dos Horrores — sugeriu o Pequenino. — Hibérnio talvez possa nos dizer mais alguma coisa... sobre o que devemos fazer. Mesmo se ele for incapaz de nos ajudar, Lucas sabe... onde o circo está acampado. Ele nos encontrará lá. Podemos esperar por ele.

— Não gosto da idéia de ser um alvo parado — resmungou Vancha.

— Você prefere perseguir crianças? — opôs-se Harkat.

Vancha endureceu e depois relaxou.

— Talvez o sem orelhas tenha razão. Com certeza não fará mal algum perguntar a Hibérnio a sua opinião.

— O.K. — concordei. — Mas teremos que esperar o anoitecer... meus olhos não agüentam a luz do sol.

— Então é por isso que os seus ouvidos e

nariz estão tapados — disse Vancha, às gargalhadas. — O expurgo?

— Sim. Ele começou dois dias atrás.

— Você estará preparado para puxar o seu peso — perguntou Vancha diretamente — ou devemos esperar o expurgo passar?

— Darei o melhor de mim — anunciei. — Não posso dar garantias, mas creio que estarei bem.

— Muito bem. — Vancha acenou na direção do teto. — E quanto às damas? Dizemos a elas o que pretendemos fazer?

— Não tudo — afirmei. — Vamos levá-las para o Circo dos Horrores e lhes dizer que estamos caçando Lucas. Mas não mencionemos Darius... Débora não dará muito crédito ao nosso plano se souber que estamos usando uma criança.

Harkat bufou, mas não disse nada.

Depois disso, pedimos para que Débora e Alice descessem e passamos uma tarde tranqüila comendo, bebendo e conversando, compartilhando histórias, rindo e relaxando.

Notei que Vancha olhava em volta durante os momentos silenciosos, como se estivesse procurando por alguém. Eu não pensei naquilo na hora, mas agora sei o que ele estava procurando — a morte.

De todos nós, apenas Vancha sentia a morte na sala naquele dia, seu eterno fitar passando de um de nós para outro, observando... esperando... escolhendo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Fomos embora quando a noite caiu. Declan e o Pequeno Kenny nos deram adeus. Eles estavam sentados na sala de estar, com os telefones celulares dispostos à sua frente como se fossem espadas. As *vampiridades* de Débora e Alice andaram vasculhando a cidade em busca de pistas do paradeiro de Lucas e dos outros vampixiitas desde o massacre no estádio. Declan e o Pequeno Kenny

ficariam responsáveis pela coordenação da busca na ausência das moças.

— Você tem os nossos números — disse Alice para Declan enquanto partíamos. — Ligue se tiver alguma coisa para nos relatar, não importa o quão trivial possa parecer.

— Pode deixar — afirmou Declan, sorrindo, saudando-a meio desajeitado.

— Tente não levar um tiro desta vez — aconselhou-me o Pequeno Kenny, piscando.

Alice e Débora tinham um furgão alugado. Nós nos apertamos em seu interior, Harkat e Vancha ficaram na parte de trás, cobertos por vários cobertores.

— Se formos parados e revistados, vocês dois terão que fugir — disse Alice para eles. — Agiremos como se não soubéssemos que vocês estavam aí. Será mais fácil assim.

— Vocês estão dizendo que farão papel

de inocentes e vão nos botar para fora para torrar ao sol — resmungou Vancha.

— Exatamente — assinalou Alice.

Muito embora fosse noite e a lua não estivesse totalmente cheia, eu usava óculos escuros. Meus olhos estavam especialmente sensíveis naquela noite e sentia uma dor de cabeça de rachar. Eu também usava tampões de ouvido e tinha bolinhas de algodão enfiadas no meu nariz.

— Talvez você devesse ficar atrás — disse Débora, notando o meu desconforto quando Alice ligou o motor.

— Estou bem — suspirei, olhando de soslaio contra a luminosidade dos faróis e encolhendo-me ao barulho rabugento do motor.

— Poderíamos caminhar — sugeriu Alice —, mas seria mais provável sermos parados e

revistados.

— Estou bem — repeti, encolhendo-me no assento. — Apenas não buzine.

O percurso até o velho estádio de futebol onde o Circo dos Horrores estava acampado foi tranqüilo. Passamos por duas guaritas de segurança, mas fizeram sinal para que prosseguíssemos por ambas, sem problemas. (Tirei meus óculos e removi os tampões de ouvido e o algodão pouco antes de nos aproximarmos, para não provocar suspeitas.) Alice estacionou do lado de fora do estádio. Deixamos Harkat e Vancha saírem da traseira do furgão e entramos.

Um largo sorriso brotou em meu rosto enquanto as tendas e as habitações sobre rodas iam aparecendo — era bom estar de volta ao lar. Enquanto saíamos do túnel e nos aproximávamos da área de acampamento,

fomos avistados por um bando de crianças que brincavam nas cercanias. Uma delas se levantou, nos examinou com cuidado e depois veio correndo na nossa direção, gritando:

— Padrinho! Padrinho!

— Não tão alto! — disse, rindo, pegando Shancus no colo enquanto ele pulava para me saudar. Dei um abraço de boas-vindas no menino-cobra e depois o afastei... minha pele estava coçando por causa do expurgo e qualquer forma de contato era irritante.

— Por que você está usando óculos escuros? — perguntou o menino, franzindo a testa. — É noite.

— Você é muito feio, não agüento olhar para a sua cara sem proteção — respondi.

— Muito engraçado — disse ele, bufando, antes de esticar o braço, tirar o

pedaço de algodão que estava dentro da minha narina esquerda, examiná-lo, colocá-lo de volta e dizer: — Você é esquisito! — Ele olhou atrás de mim, na direção de Vancha, Débora e Alice. — Lembro-me de vocês. Mas não muito bem. Era muito pequeno na última vez em que os vi. — Sorrindo, fiz as apresentações. — Legal — disse Shancus quando lhe disse o nome de Débora. — Você é a namorada do Darren.

Gaguejei, envergonhando, e fiquei com as bochechas coradas. Débora simplesmente sorriu e disse:

— Sou eu mesma. Quem lhe disse isso?

— Ouvi mamãe e papai falando sobre você. Papai conhece você desde que viu Darren pela primeira vez. Ele disse que Darren fica com os olhos arregalados quando você está por perto. Ele...

— Já chega — eu o interrompi, com vontade de esganar o garoto. — Por que você não mostra para as moças como consegue colocar a língua em cima do nariz?

Isso o distraiu e ele passou alguns minutos se exibindo, falando para Alice e Débora sobre o número que faz com Evra no palco. Peguei Débora sorrindo para mim de lado. Sorri de volta, acanhado.

— Truska ainda faz parte do espetáculo? — perguntou Vancha.

— Sim — respondeu Shancus.

— Tenho que vê-la depois — murmurou o vampiro, enquanto usava uma bola de cuspe para jogar seu cabelo verde para trás. O Príncipe feio e sujo se via como alguém que era popular com as mulheres… muito embora nenhuma mulher concordasse com ele!

— O Sr. Altão está em sua picape? — perguntou Harkat para Shancus.

— Acho que sim — respondeu o garoto. Depois, ele se voltou para Débora e Alice e se aprumou. — Venham comigo — disse ele, tal qual um serviçal. — Vou levá-los até ele.

Seguimos, todos os cinco, o menino-cobra, enquanto ele nos conduzia pelo acampamento. Ele falava sem parar e contava para Débora e Alice a quem pertenciam as várias tendas e trailers, enquanto lhes fazia um resumo de como seria o espetáculo daquela noite. Enquanto nos aproximávamos do furgão do Sr. Altão, passamos por Evra, Merla e Urcha. Eles estavam lavando cuidadosamente as cobras da família em grandes tinas d'água. Evra ficou feliz em me ver e veio ao nosso encontro para ver se eu estava bem.

— Eu queria ir visitá-lo — disse ele —, mas Hibérnio me disse que não era uma boa idéia. Disse que eu podia ser seguido.

— O circo está sendo vigiado? — vociferou Vancha, apertando os olhos.

— Ele não disse isso com tantas palavras — falou Evra. — Mas recentemente andei sentindo olhares nas minhas costas, tarde da noite, quando estou caminhando por aí, a esmo. E não sou o único. Ultimamente, todos estamos ficando muito irritados.

— Talvez não devêssemos ter... voltado — disse Harkat, preocupado.

— Agora é tarde demais — disse Vancha, num acesso de ira. — Vamos ver o que Hibérnio tem a dizer.

Merla pegou Shancus enquanto ele se preparava para nos conduzir novamente.

— Nada disso — disse ela. — Você tem

que se preparar para o espetáculo. Não precisa esperar que eu vá enfeitar sua cobra toda vez que quer sair para brincar com seus amigos.

— Ah, mãe! — resmungou Shancus, mas Merla colocou uma esponja em sua mão e o arrastou para onde estava a cobra que eu lhe dera em seu aniversário.

— Eu pego você mais tarde — falei, rindo, já sentindo pena dele. — Vou lhe mostrar a minha nova cicatriz, onde fui atingido.

— Outra? — suspirou Shancus. Ele se virou para Evra, suplicante. — Por que Darren fica com toda a diversão? Por que *eu* não posso me envolver em brigas e ficar com cicatrizes?

— Sua mãe vai rasgar as suas costas se você não cuidar daquela cobra — respondeu

Evra, enquanto piscava para mim, por sobre a cabeça de Shancus. — Apareça quando tiver tempo.

— Irei — prometi.

Seguimos em frente. O Sr. Altão estava nos esperando em seu furgão. Ele estava em pé no vão da porta, parecendo mais alto do que nunca, com o olhar sombrio e o rosto retorcido.

— Estava esperando vocês — disse ele, suspirando, para depois ficar de lado, acenando para que entrássemos. Enquanto passava por ele, um estranho calafrio percorreu a minha espinha. Levei alguns segundos para perceber o que aquela sensação me lembrava — era a mesma coisa que sentia sempre que via uma pessoa morta.

Quando estávamos todos acomodados, o Sr. Altão fechou a porta e se sentou no chão,

bem no meio de nós, com as pernas cruzadas impecavelmente e mãos ossudas pousadas em seus joelhos.

— Espero que você não tenha achado que fui descortês por não tê-lo visitado — disse ele para mim. — Sabia que você iria se recuperar e tinha muitas coisas para colocar em ordem por aqui.

— Tudo bem. — Sorri, tirei meus óculos escuros e os coloquei de lado.

— É bom vê-lo novamente, Vancha — disse o Sr. Altão, para depois dar as boas-vindas a Débora e Alice.

— Agora que deixamos as jocosidades para trás — resmungou Vancha —, vamos aos negócios. Você sabia o que aconteceria no estádio de futebol, não?

— Eu tinha as minhas suspeitas — disse o Sr. Altão com cautela; seus lábios mal se

moviam.

— Mas você deixou Darren ir despreocupadamente? Deixou o amigo dele morrer?

— Eu não “deixei” nada acontecer — discordou o Sr. Altão. — Os eventos transcorreram do jeito que deviam. Não é minha função interferir nas maquinações do destino. Você sabe disso, Vancha. Já tivemos essa conversa antes. Várias vezes.

— E eu ainda não acredito nela — resmungou o vampiro. — Se *eu* tivesse o poder de enxergar o futuro, o usaria para ajudar a quem mais prezo. Você poderia nos ter dito quem era o Senhor dos Vampixiitas. Larten estaria vivo agora se você tivesse nos avisado antes.

— Não — retrucou o Sr. Altão. — Larten teria morrido. As circunstâncias poderiam ter sido diferentes, mas sua morte era

inevitável. Eu não poderia ter alterado isso.

— Ainda assim você devia ter tentado — insistiu Vancha.

O Sr. Altão sorriu timidamente e depois olhou para mim.

— Você veio aqui em busca de conselhos. E veio aqui saber onde o seu ex-amigo, Lucas Leonardo, está.

— Você pode nos dizer? — perguntei calmamente.

— Não — respondeu o Sr. Altão. — Mas fique tranqüilo, ele se revelará logo. Você não terá que descer às profundezas para encontrá-lo.

— Isso significa que ele atacará? — insistiu Vancha. — Ele está por perto? Quando ele pretende atacar? Onde?

— Estou ficando cansado das suas perguntas — resmungou o Sr. Altão, enquanto

seus olhos brilhavam de um jeito ameaçador.
— Se eu pudesse interferir e me preocupar ativamente com as questões ligadas ao clã dos vampiros, eu o faria. É muito mais difícil ficar na retaguarda e observar tudo passivamente. Mais difícil do que vocês poderiam imaginar. Você chorou por Larten quando ele morreu... mas *eu* já sofria por ele trinta anos antes, desde que vislumbrei sua provável morte.

— Você quer dizer que não sabia... ao certo se ele morreria? — perguntou Harkat.

— Sabia que ele chegaria a um ponto em que teria que sacrificar a sua vida ou a do Senhor dos Vampixiitas, mas não conseguia ver além disso... embora temesse pelo pior.

— E quanto ao nosso próximo encontro? — perguntei calmamente. — Quando Vancha e eu encontrarmos Lucas pela última vez...

quem morrerá?

— Não sei — respondeu o dono do circo. — Ver o futuro é, comumente, uma experiência dolorosa. É melhor não saber o destino dos seus amigos e seres amados. Eu levanto o manto do presente o mais raramente possível. Há momentos em que eu não consigo evitar, quando o meu próprio destino me força a olhar. Mas só raramente.

— Então você não sabe se vamos vencer ou perder? — perguntei.

— Ninguém sabe isso — disse o Sr. Altão. — Nem mesmo Desmond Tino.

— Mas e *se* perdermos — falei, e havia uma rispidez na minha voz agora. — Se os vampixiitas triunfarem e Lucas matar um de nós... quem será?

— Não sei — respondeu Hibérnio.

— Mas você poderia descobrir — insisti.

— Poderia olhar o futuro no qual perdemos e ver qual de nós sobreviveu.

— Por que eu deveria fazer isso? — perguntou o dono do circo, suspirando. — Que lucro haveria nisso?

— Quero saber — insisti.

— Talvez fosse melhor... — começou Vancha.

— Não! — sibilei. — Eu *tenho* que saber. Durante dois anos eu sonhei com a destruição do clã e ouvi os gritos daqueles que perecerão caso falhemos. Se eu tiver que morrer, que seja assim. Mas diga-me, por favor, para que eu possa me preparar.

— Não posso — retrucou o Sr. Altão, infeliz. — Ninguém é capaz de prever qual de vocês matará o Senhor dos Vampixiitas... ou morrerá nas mãos dele.

— Então olhe mais adiante — supliquei.

— Vá para vinte anos no futuro, ou trinta. Você vê a mim ou a Vancha nesse futuro?

— Deixe-me fora disso! — vociferou Vancha. — Não quero ficar mexendo com esse tipo de coisa.

— Então olhe só para mim — retruquei, olhando fixamente para o Sr. Altão, que correspondeu ao meu olhar e devolveu, calmamente:

— Você tem certeza?

Endureci.

— Sim!

— Muito bem. — O Sr. Altão baixou a cabeça e fechou os olhos. — Não posso ser específico como você determina, mas projetarei meu olhar algumas décadas na frente e...

O Sr. Altão foi diminuindo o tom de voz até ficar em silêncio. Vancha, Harkat,

Débora, Alice e eu ficamos observando, amedrontados, enquanto seu rosto se contraía e emitia uma leve cor vermelha. O dono do Circo dos Horrores parecia ter parado de respirar e a temperatura do ar caiu alguns graus. Durante cinco minutos ele manteve a pose, com seu rosto brilhando e se contraindo, e os lábios fechados. Até que, de repente, ele soltou o ar, o brilho diminuiu, seus olhos se abriram e a temperatura voltou ao normal.

— Eu vi — disse ele, com uma expressão ilegível.

— *E?* — perguntei em voz baixa.

— Não encontrei você lá.

Sorri amargamente.

— Eu sabia. Se o clã cair, ele cairá por *minha* causa. Serei o condenado no futuro onde perdemos.

— Não necessariamente — disse o Sr. Altão. — Olhei cinqüenta ou sessenta anos no futuro, muito tempo depois da queda dos vampiros. Você pode ter morrido depois que todos os outros pereceram.

— Então tente ver num futuro mais próximo — exigi. — Veja vinte ou trinta anos no futuro.

— Não — disse o Sr. Altão, com firmeza. — Eu já vi mais do que gostaria. Não quero sofrer ainda mais hoje à noite.

— Do que você está falando? — perguntei, num acesso de raiva. — O que você sofreu?

— Luto. — Hibérnio fez uma pausa e depois olhou para Vancha. — Sei que você pediu para que não o visse, velho amigo, mas não pude evitar.

Vancha xingou, mas depois se segurou.

— Vá em frente. Como esse tolo abriu a lata de vermes, podemos muito bem vê-los se retorcendo. Pode me dar as más notícias.

— Olhei para ambos os futuros — disse o Sr. Altão, de um jeito pouco sincero. — Não tive a intenção, mas não posso controlar essas coisas. Olhei para o futuro no qual os vampixiitas venceram a Guerra das Cicatrizes, e também para o futuro onde os vampiros venceram... e, embora tenha encontrado Darren neste último, não o vi em nenhum dos dois. — Ele encarou Vancha e murmurou, tristemente: — Você foi morto pelo Senhor das Sombras em ambos.

CAPÍTULO DEZESSETE

Vancha piscou lentamente.

— Você está dizendo que morrerei, se vencermos ou perdermos? — Sua voz era surpreendentemente firme.

— O Senhor das Sombras está fadado a destruir você — respondeu o Sr. Altão. — Não posso dizer quando ou como isso acontecerá, mas irá acontecer.

— Quem é esse Senhor das Sombras? —

perguntou Harkat. Eu era a única pessoa que ouvira falar dele. Evanna me havia alertado para não falar sobre isso para mais ninguém.

— Ele é o líder cruel que destruirá o mundo depois da Guerra das Cicatrizes — reforçou o Sr. Altão.

— Não estou entendendo — resmungou Harkat. — Se matarmos Lucas, então não haverá um... Senhor das sangrentas Sombras.

— Ah, mas haverá sim — prosseguiu o Sr. Altão. — O mundo produzirá um monstro de poder e fúria inimagináveis. Sua vinda é inevitável. Apenas sua identidade está para ser determinada... e isso será decidido em breve.

— O mundo inóspito — disse Harkat, com repugnância. — Você quer dizer que, mesmo se matarmos Lucas, é assim que... o

futuro será? A terra desolada onde Darren e eu descobrimos... a verdade sobre mim... é isso o que ele... nos reserva?

O Sr. Altão hesitou e depois acenou positivamente com a cabeça.

— Eu não podia lhe dizer antes. Nunca falei sobre assuntos como esse no passado. Mas estamos num momento em que não há risco de revelar tudo, pois não há nada que possa ser feito para evitar o que está por vir. O Senhor das Sombras está sobre nós, pois dentro de 24 horas ele terá nascido, e todo o mundo tremerá ante a sua chegada.

Fez-se um silêncio longo e atordoante. Vancha, Harkat, Débora e Alice estavam totalmente confusos, especialmente as duas últimas, que não sabiam nada do mundo inóspito do futuro. *Eu* estava cheio de medo. Essa era a confirmação de todos os meus

piores pesadelos. O Senhor das Sombras se revelaria independente do que acontecesse na Guerra das Cicatrizes. E não só eu não poderia evitar a sua chegada — em um dos futuros, eu *seria* ele. O que significava que, se vencêssemos a guerra, em algum estágio dos próximos cinqüenta ou sessenta anos, junto com todas as outras vidas que eu destruiria, estaria a de Vancha também. Parecia impossível. Tudo soava como uma piada doentia. Mas tanto Evanna quanto o Sr. Altão tinham o dom de ver o futuro — e ambos haviam me dito a mesma coisa.

— Deixe-me entender isso direito — resmungou Vancha, quebrando o silêncio e interrompendo o meu fluxo de idéias. — Não importa o que aconteça entre nós e Lucas Leonardo... ou na guerra com os vampixiitas... um Senhor das Sombras virá e

destruirá o mundo?

— Sim — disse o Sr. Altão. — Os humanos logo perderão o controle sobre este planeta. As rédeas do poder serão entregues. Está escrito. O que resta a ser visto é se as rédeas passarão para um vampixiita ou... para um vampiro. — Ele não olhou para mim quando disse isso. Pode ter sido a minha imaginação, mas eu tive a impressão de que ele havia evitado, deliberadamente, fazer contato visual comigo.

— Mas independente de quem vença, eu serei retalhado? — insistiu Vancha.

— Sim — respondeu Hibérnio, sorrindo. — Mas não tema a morte, Vancha, pois ela vem para todos nós. — Seu sorriso foi ficando turvo. — Para alguns de nós, ela vem muito cedo.

— Do que você está falando? —

vociferou o vampiro. — Você não faz parte disso. Nenhum vampiro ou vampixiita levantaria a mão contra você.

— Isso pode ser verdade — afirmou o Sr. Altão, rindo —, mas há outras pessoas no mundo que não me têm em tão alta estima. — Ele levantou a cabeça para o lado e sua expressão ficou mais suave. — E para provar a minha teoria...

Uma mulher gritou. Todos nos levantamos, sobressaltados, e corremos para a porta, exceto o Sr. Altão, que lentamente se ergueu e veio por trás de nós.

Alice foi a primeira a chegar na porta. Ela a abriu violentamente, mergulhou para fora sacando uma arma, rolou quando caiu no chão e depois se ajoelhou. Vancha foi o próximo. Ele saltou, sacou dois shurikens e pulou bem alto para que pudesse lançá-los

de uma boa altura se fosse necessário. Fui o terceiro. Como não estava armado, saltei até onde Alice estava, achando que ela pudesse me dar alguma arma. Harkat e Débora se moveram ao mesmo tempo, ele brandindo o seu machado, e ela sacando uma pistola igual à de Alice. Por trás de todos, o Sr. Altão ficou parado no vão da porta, olhando para o céu. E depois desceu.

Não havia ninguém à vista, mas ouvimos outro grito, desta vez de uma criança. Até que um homem gritou, apavorado — era Evra.

— Uma arma! — berrei para Alice assim que ela se levantou. Com uma mão ela alcançou e retirou uma faca curta de caça da cartucheira presa à sua perna esquerda.

— Fique atrás de mim — ordenou Alice, tentando localizar de onde vinham os gritos.

— Vancha à minha esquerda, Débora e Harkat à minha direita.

Obedecemos a ex-inspetora-chefe, nos espalhamos e avançamos. Dava para perceber que o Sr. Altão nos seguia, mas não olhei para trás.

Uma mulher gritou novamente — era Merla, mulher de Evra.

As pessoas começaram a pular das tendas e trailers à nossa volta, tanto artistas quanto assistentes, ansiosos para ajudar. O Sr. Altão gritou enfurecido para que todos ficassem fora daquilo. A sua voz foi ensurdecedora e rapidamente todos voltaram para os seus aposentos. Olhei para trás, atordoado com sua ferocidade. Ele sorriu, como que se desculpando.

— Essa briga é nossa, não deles — explicou-se.

O “nossa” me surpreendeu — será que o Sr. Altão estava finalmente abandonando a sua neutralidade? —, mas não tive tempo de discorrer sobre isso. Mais à minha frente, Alice havia passado pelo final de uma tenda e já avistava o local da confusão. Um segundo depois, eu já estava na cena também.

Os Von — exceto Lilia, que não estava presente — estavam sendo atacados. Os seus agressores — C.C., Morgan James e o filho de Lucas Leopardo, Darius! C.C. matara a cobra de Evra e estava prestes a fazer o mesmo com a de Shancus. Evra enfrentava o louco com mãos de gancho, tentando forçá-lo a se afastar. Shancus estava embolado com Darius. Merla segurava Urcha, que se agarrava à sua cobra como que à vida e soluçava lamentosamente. Eles estavam se afastando de Morgan James. Ele os seguia lentamente,

com um sorriso recortado em sua meia face e círculos vermelhos de sangue realçando seus pequenos e demoníacos olhos. O cano do seu rifle estava apontado para o estômago de Merla.

Vancha foi quem reagiu mais rápido. Ele jogou um shuriken na direção do rifle de Morgan James, fazendo o sujeito perder a mira. O dedo de James apertou o gatilho na hora em que sua arma foi atingida, fazendo-a disparar — mas a bala foi parar longe. Antes que ele pudesse atirar novamente, Merla soltou Urcha, arrancou sua orelha direita e a jogou no rosto de James. A orelha o atingiu no meio dos olhos e ele caiu para trás, resmungando, surpreso.

Alertado pela nossa presença, C.C. jogou Evra para o lado e saiu na direção de Shancus. Ele o separou de Darius e o pegou no

colo, rindo, desafiando-nos a arriscar a vida do menino-cobra.

— Não tenho como atirar no alvo! — berrou Alice.

— Morgan James está sob a minha mira! — gritou Débora de volta.

— Então acabe com ele! — ordenou Alice.

— O garoto morre se vocês ferirem Morgan! — devolveu C.C., que encostava as três lâminas de sua mão de gancho esquerda na carne escamosa da garganta de Shancus. Ou o garoto não percebeu o perigo que estava correndo ou não ligava, pois não parava de socar e chutar C.C. Mas nós vimos a intenção do assassino e paramos.

— Largue-o, Capitão Gancho — disse Vancha, rosnando, enquanto se movia bem à nossa frente, com os braços abertos. —

Vamos lutar homem contra homem.

— Você não é homem — respondeu C.C., com desprezo. — Não passa de escória, como todos os da sua raça. Morgan! Você está bem?

— Sim — respondeu Morgan James, em meio a gemidos. Ele pegou sua arma e mirou em Merla mais uma vez.

— Não desta vez! — gritou Harkat, que saltou na frente de Merla e golpeava James com seu machado. James pulou e se livrou da lâmina mortal. Do outro lado, Darius sacou uma besta e atirou no Pequenino. Mas ele foi muito afoito e a flecha voou para muito longe de seu alvo.

Joguei-me sobre Darius, na intenção de pegá-lo e segurá-lo, do mesmo jeito que C.C. segurava Shancus. Mas a cobra do meu afilhado se agitava freneticamente em suas

convulsões agonizantes e por isso tive que cambalear sobre ela antes que pudesse agarrar a garganta do filho de Lucas. Enquanto voava para a frente, acabei colidindo com Evra, que corria para ajudar seu filho. Ambos caímos e ficamos presos nas espirais da cobra moribunda.

Durante a confusão, Morgan James e Darius se juntaram novamente em torno de C.C.

Alice, Débora, Harkat e Vancha recuaram, impedidos de persegui-los, com medo de que C.C. pudesse matar Shancus.

— Soltem-no! — gritava Merla, com os olhos cheios de lágrimas de desespero.

— É ruim! — zombou C.C.

— Vocês não têm como sair daqui — disse Vancha enquanto C.C. recuava.

— Quem irá nos deter? — insistia C.C.

nas zombarias.

Evra havia se levantado e começou a correr atrás do trio que batia em retirada. C.C. cravou seus ganchos um pouco mais fundo na garganta de Shancus.

— Nem tenta — gritou ele, o que fez Evra ficar estático.

— Por favor — disse Débora, baixando sua pistola. — Solte o garoto e deixaremos vocês irem embora ilesos.

— Você não está em posição de fazer acordos — retrucou C.C., às gargalhadas.

— O que você quer? — gritei.

— O menino-cobra — disse C.C., em meio a risadinhas.

— Ele não serve para você. — Dei um passo adiante, determinado. — Leve-me em troca do garoto. Eu vou e Shancus fica.

Esperava que C.C. fosse pular de alegria

com a minha oferta, mas ele apenas balançou a cabeça, enquanto os olhos vermelhos brilhavam, cheios de malícia.

— Pode esquecer, Shan. Estamos levando o garoto. Se você ficar no nosso caminho, ele morre.

Olhei em volta para os meus aliados — ninguém estava reagindo. O vampixiita havia nos colocado numa situação difícil. Vancha podia se mover com a velocidade de um vampiro completo, e tanto Débora quanto Alice tinham armas. Mas C.C. podia matar Shancus antes que qualquer um de nós fosse capaz de detê-lo.

C.C., Morgan James e Darius continuavam a recuar. C.C. e Darius estavam sorrindo, mas Darius parecia estar do mesmo jeito que estava quando atirou em mim — apavorado e levemente nauseado.

Então, enquanto grande parte de nós hesitava, o Sr. Altão falou:

— Não posso permitir isso.

C.C. fez uma pausa, incerto.

— Isso não lhe diz respeito! — gritou ele. — Não meta o seu nariz onde não deve.

— Você fez isso passar a me dizer respeito — discordou calmamente Hibérnio. — Esta é a minha casa. Esta é a minha gente. Tenho que intervir.

— Não seja um... — berrou C.C., mas, antes que ele pudesse prosseguir, o Sr. Altão caiu sobre ele. O dono do circo se moveu numa velocidade sobrenatural, que nem mesmo um vampiro conseguiria igualar. Em menos do que um piscar de olhos, ele estava na frente de C.C., com as mãos nos ganchos do lunático. Ele os puxou violentamente do pescoço de Shancus, arrancou dois dos

ganchos da mão esquerda e um da mão direita.

— Minhas mãos — gritou C.C. em agonia, como se os ganchos dourados e prateados fossem parte da sua carne. — Deixe as minhas mãos em paz, seu...

Ele poderia ter gritado qualquer nome asqueroso, mas este se perdeu quando explodiu uma resposta à bala. Morgan James, que estava em pé ao lado de C.C., havia encostado a ponta de seu rifle bem nas costelas do Sr. Altão e apertou o gatilho. Uma bala saiu da câmara do rifle numa velocidade inexorável — e acabou atravessando a caixa torácica de um indefeso Hibérnio Altão!

CAPÍTULO DEZOITO

O diafragma do Sr. Altão explodiu numa fonte de sangue vermelho escuro e estilhaços brancos de osso. Durante um instante ele ficou ali parado, segurando os ganchos de C.C., como se nada tivesse acontecido. Mas depois ele tombou, enquanto o sangue jorrava para fora do buraco aberto em seu estômago.

C.C. e Darius olhavam estarrecidos para

o Sr. Altão enquanto ele caía. Depois Morgan James gritou para que eles corressem. Eles fugiam num pelotão meio desalinhado: C.C. agarrando Shancus, James atirando contra nós desenfreadamente toda vez que se virava de costas.

Ninguém os seguiu. Nossos olhos estavam todos voltados para o Sr. Altão. Ele piscava rapidamente, enquanto suas mãos exploravam o buraco no seu corpo, e seus lábios estavam revirados para dentro, por sobre seus dentinhos pretos. Não creio que alguém soubesse qual era a idade do Sr. Altão ou de onde ele viera. Mas o dono do circo era mais velho do que qualquer vampiro, um ser imensa magia e poder. Era impressionante constatar que ele podia ser abatido de uma maneira tão simples e violenta.

Débora foi quem reagiu primeiro ao correr na direção do Sr. Altão, depois de largar sua pistola, na intenção de sair para ajudá-lo. O resto de nós a seguiu...

... e parou na mesma hora quando alguém falou do meio das sombras de um furgão que estava por perto.

— Sua preocupação é louvável, mas totalmente inútil. Para trás, por favor.

Um homem de baixa estatura se aproximou gingando, sorrindo de um jeito superficial. Ele usava um terno amarelo berrante e botas de borracha verdes. Tinha cabelo branco, usava óculos de lentes grossas e trazia um relógio em formato de coração que girava na mão esquerda. *Desmond Tino*! Atrás dele vinha a sua filha, a bruxa Evanna — baixa, musculosa, cabeluda, vestida de laços em vez de roupas. Ela tinha um nariz

pequeno, orelhas pontudas, uma barba fina e olhos de cores diferentes, um castanho e o outro verde.

Olhamos bestificados para a estranha dupla enquanto ambos paravam ao lado do ofegante Sr. Altão e o olhavam. O rosto de Evanna parecia cansado. O Sr. Tino aparentava estar apenas curioso. Com o pé direito, ele cutucou o Sr. Altão no local onde havia sido atingido. O dono do circo sibilava de dor.

— Deixem-no em paz! — gritou Débora.

— Cale-se, por favor, ou a matarei — respondeu o Sr. Tino. Embora dissesse a frase num tom suave, eu não tinha dúvidas de que ele a abateria caso Débora falasse outra palavra. Felizmente, ela teve a mesma percepção e segurou a língua, tremendo.

— Então, Hibérnio — disse o Sr. Tino. —

Seu tempo por aqui chegou ao fim.

— Você sabia que seria assim — respondeu o Sr. Altão, e sua voz estava notavelmente firme.

— Sim. Mas *você* sabia?

— Imaginava.

— Você poderia ter desviado deste destino. Ele nunca esteve diretamente ligado ao desses mortais.

— Para mim, estava — concluiu o Sr. Altão. Ele tremia muito, enquanto uma poça de sangue escuro o envolvia. Evanna deu um passo para o lado a fim de evitar o sangue, mas o Sr. Tino deixou-o fluir em volta de suas botas, manchando as solas.

— Tino! — vociferou Vancha. — Você pode salvá-lo?

— Não — respondeu o Sr. Tino, com simplicidade. Depois, ele se agachou ao lado

do Sr. Altão e abriu os dedos da mão direita. Colocou o dedo médio no centro da testa do Sr. Altão, os vizinhos sobre os olhos e o mínimo e o polegar nas laterais do rosto. — Até mesmo na morte você pode triunfar — disse ele com uma suavidade surpreendente antes de remover seus dedos.

— Obrigado, pai — disse o Sr. Altão. — Ele olhou para cima na direção de Evanna. — Adeus, irmã.

— Vou me lembrar de você — respondeu a bruxa enquanto o resto de nós continuava olhando, atordoado com a revelação. Eu sabia que Evanna tinha um irmão gêmeo, que nasceu, assim como ela, da união do Sr. Tino com uma loba. Só que nunca poderia imaginar que seria o Sr. Altão.

Evanna se curvou e beijou a testa do irmão. O Sr. Altão sorriu, seu corpo tremeu,

seus olhos se arregalaram e seu pescoço endureceu — e ele morreu.

O Sr. Tino se levantou e se virou. Havia uma lágrima redonda de sangue no canto de cada um dos seus olhos.

— Meu filho está morto — disse ele, no mesmo tom que havia usado para comentar sobre o tempo.

— Não sabíamos! — disse Vancha, ofegante.

— Ele nunca se preocupou em falar sobre sua origem. — O Sr. Tino deu uma risadinha e chutou a cabeça morta do Sr. Altão para o lado com o salto da bota que usava no pé esquerdo. — Não sei por quê.

Resmunguei quando ele chutou o Sr. Altão e avancei em sua direção, furioso. Harkat e Vancha fizeram a mesma coisa.

— Cavalheiros — intercedeu Evanna,

calmamente. — Se vocês perderem tempo comprando briga com o meu pai, os assassinos escaparão com o pequeno Von.

Paramos onde estávamos. Eu havia me esquecido momentaneamente de Shancus e do perigo que ele estava correndo. Os outros também se esqueceram. Agora que fomos lembrados, balançamos a cabeça e saímos do transe em que estávamos.

— Temos que persegui-los — disse Vancha.

— Mas e quanto ao Sr. Altão? — gritou Débora.

— Ele está morto — desdenhou Vancha. — Deixemos que sua *família* tome conta dele.

O Sr. Tino riu disso, mas não tínhamos como lhe dar mais nenhuma atenção. Nós cinco nos agrupamos sem discutir e saímos à

caça de nossos inimigos.

— Esperem! — gritou Evra. Olhei para trás e o vi trocando um olhar sem palavras com Merla. Ela meio que acenou enquanto meu compadre vinha correndo em nossa direção. — Estou indo também.

Ninguém discutiu. Assim que aceitamos Evra em nosso grupo, nos afastamos correndo de Merla, Urcha, do Sr. Tino, de Evanna e do cadáver do Sr. Altão, e saímos em disparada pelo acampamento no encalço de Shancus e de seus raptores.

Assim que saímos do túnel que nos levava para fora do estádio, vimos que nossas presas haviam se separado. À nossa direita, C.C. estava fugindo com Shancus, rumo ao centro da cidade. À nossa esquerda, Morgan James e Darius desciam a colina fugindo, na

direção de um rio que corria ao lado do estádio.

Vancha assumiu o comando da situação e tomou uma rápida decisão:

— Alice e Evra... venham comigo. Iremos atrás de C.C. e Shancus. Darren, Harkat e Débora... peguem Morgan James e o garoto.

Eu preferia ter ido resgatar Shancus, mas Vancha era mais experiente do que eu. Acenando, obediente, virei para a esquerda com Harkat e Débora e saímos atrás do assassino e de seu aprendiz. Minha dor de cabeça havia aumentado terrivelmente e eu estava meio cego quando descia a colina. Além disso, os sons que meus pés produziam quando tocavam o calçamento durante a corrida eram uma tortura para os meus ouvidos. Ainda assim, eu, enquanto meio-vampiro,

podia correr mais rápido que Harkat e Débora, logo me afastei e estava rapidamente diminuindo a distância que me separava de Morgan James e Darius.

James e Darius pararam quando me ouviram chegando e se viraram para enfrentar o ataque. Devia ter esperado por Harkat e Débora em vez de enfrentá-los sozinho, armado apenas com uma faca. Mas a raiva havia tomado conta de mim. Avancei negligentemente enquanto eles atiravam, James com o rifle, Darius com a besta. Por causa da sorte dos vampiros, as balas e as flechas erraram o alvo, e segundos depois eu estava sobre os dois, numa fúria desenfreada, em busca de vingança.

James me atacou com a coronha de seu rifle. Ela acertou o meu ombro direito, onde Darius havia me atingido anteriormente.

Rugi de dor, mas não hesitei. Golpeei James com minha faca, mirando seu rosto parcialmente lacerado. Ele se esquivou e Darius me esmurrou nas costelas. Joguei o garoto para o lado e tentei apunhalar James novamente. Ele riu, me agarrou e caímos no chão lutando.

O meu rosto estava colado com o lado esquerdo da cabeça de Morgan James. A sua pele era vermelha e enrugada, seus dentes estavam expostos por trás da carne fina de seus lábios, seu olho era uma protuberância no meio de uma massa disforme e estragada cheia de cicatrizes.

— *Gotou?* — murmurou James.

— Que lindo! — comentei, com um ar de desprezo, enquanto rolava e ficava sobre ele, tentando empurrar seus olhos com meus polegares.

— *Vô fajê a mema cossa cum vochê*! — jurou James, enquanto se soltava e dava uma joelhada no meu estômago.

— Veremos — resmunguei, caí um pouco para o lado e depois subi em cima dele novamente. Consegui cravar minha faca, mas apenas em seu braço. Estava percebendo que o garoto me batia com sua besta, tentando me afugentar. Ignorei-o e me concentrei em Morgan James. Eu era mais forte do que o vampitiete, mas ele era maior e mais experimentado como lutador. Ele se contorcia embaixo de mim, enquanto batia na minha barriga com seus joelhos e cotovelos e cuspia nos meus olhos. Havia uma luz branca e dolorosa aumentando dentro da minha cabeça. Sentia vontade de gritar e colocar as mãos nos ouvidos. Mas em vez disso eu mordi a carne do braço esquerdo de James e

arranquei um pedaço.

James gritou como um gato e me empurrou para o lado, com uma força que lhe havia sido emprestada pela dor. Assim que caí para o lado, Darius me chutou com força na cabeça e fiquei desorientado por um ou dois segundos. Quando me recuperei, James estava sobre mim. Ele empurrava minha cabeça para trás com a mão esquerda e segurava a minha faca — que eu havia deixado cair durante a luta — com a direita, na intenção de cortar minha garganta.

Tentei pegar a faca. Não consegui. Tentei novamente. Joguei-a para o lado. Tentei uma terceira vez — e então parei, entesei os músculos e fechei os olhos. James teve pequenos arrepios de felicidade. Ele achava que eu havia desistido. O que ele não sabia era que eu avistara Harkat atrás dele,

brandindo seu machado.

Ouvi um zunido — Darius estava começando a gritar para avisá-lo — e um baque pesado. Meus olhos se abriram. Vi, de relance, a cabeça de Morgan James rolando na escuridão, arrancada de seu corpo com um só golpe poderoso do machado de Harkat. Até que o sangue começou a esguichar do coto do pescoço de James. Fechei meus olhos novamente enquanto uma rajada de sangue quente e vermelho me encharcava. James caiu para o lado, sem vida. Levantei-me, abri os olhos, limpei o sangue do meu rosto e saí de baixo do corpo decapitado de Morgan James.

Darius permanecia próximo a mim, contemplando, estarrecido, seu companheiro caído. O sangue também havia molhado o garoto e deixado sua calça umedecida.

Levantei-me. Minhas pernas estavam tremendo. Minha cabeça estava cheia de barulhos de fundo. O sangue coagulava no meu cabelo e escorria pela face.

Eu queria vomitar. Mas sabia o que tinha que fazer. O ódio me motivava.

Peguei minha faca que estava na mão sem vida de Morgan James, apertei-a contra a garganta de Darius e o peguei pelo cabelo com minha mão livre. Eu estava rosnando enquanto apertava a faca com força. Não era humano e nem vampiro. Havia me tornado um animal selvagem prestes a tirar a vida de um menino.

CAPÍTULO DEZENOVE

Débora me deteve.

— *Não!* — gritou ela, enquanto vinha correndo por trás de mim. Havia um terror tal em sua voz que, mesmo no meio da minha sede de sangue, eu parei. Ela parou ao meu lado, muito ofegante, com os olhos arregalados de medo. — Não! — disse, respirando ruidosamente e balançando a cabeça desesperada.

— Por que não? — perguntei, rispidamente.

— Ele é uma criança — gritou Débora.

— Não... é o filho de Lucas Leopardo — berrei, em franca oposição. — É um assassino, assim como o seu pai.

— Ele não matou ninguém. Morgan James matou o Sr. Altão. E agora está morto, elas por elas. Você não precisa matar o garoto também.

— Vou matar todos — gritei furioso. Era como se eu tivesse me tornado uma outra pessoa, um assassino com muita sede de sangue. — Todos os vampixiitas têm que morrer! Todos os vampitietes! Todos que os ajudam!

— Até mesmo as crianças? — perguntou Débora, enojada.

— Sim — respondi num urro. Nunca a

minha dor de cabeça esteve pior. Era como se alfinetes ardentes perfurassem o meu crânio de dentro para fora. Uma parte de mim sabia que isso estava errado, mas outra, bem maior, havia sido arrebatada pelo ódio e ansiava por matar. Essa parte impiedosa gritava por vingança.

— Harkat — suplicou Débora para o Pequenino. — Faça com que ele recobre o juízo!

Harkat balançou sua cabeça sem pescoço.

— Não creio que eu seja capaz de detê-lo — afirmou meu amigo, olhando para mim como se não me conhecesse.

— Você tem que tentar! — gritou Débora.

— Não sei se eu... tenho o direito — murmurou Harkat.

Débora se virou para mim novamente. Ela estava chorando.

— Você não pode fazer isso — implorou ela, às lágrimas.

— É o meu dever — afirmei, firmemente.

Ela cuspiu nos meus pés.

— É isso que eu penso do seu *dever*! Você se tornará um monstro se matar aquele menino. Será igual a Lucas.

Parei. Suas palavras haviam clareado uma lembrança que estava guardada no meu íntimo. Logo me vi pensando no Sr. Crepsley e em suas últimas palavras antes de morrer. Ele me alertou para não devotar minha vida ao ódio. Devia matar Lucas Leopardo se a oportunidade se apresentasse — mas não devia me entregar a nenhuma espécie de vingança insana.

O que ele teria feito no meu lugar?

Matado o garoto? Sim, se necessário fosse. Mas será que *era*? Será que eu queria matar Darius porque o temia e achava que ele devia ser eliminado pelo bem de todos nós — ou porque eu queria atingir Lucas?

Encarei o garoto. Seus olhos eram de alguém apavorado, mas por trás do medo havia... tristeza. Nos olhos de Lucas, o mal estava à espreita bem no fundo. Mas não nos de Darius. Ele era mais humano do que seu pai.

Minha faca ainda apertava sua garganta. Ela já havia cortado levemente sua carne. Pequenos filetes de sangue escorriam pelo seu pescoço.

— Você vai se destruir — sussurrou Débora roucamente. — Será pior do que Lucas. *Ele* não consegue distinguir o certo do errado. *Você* pode. Ele pode viver com sua

perversidade porque não possui sabedoria, mas ela irá consumir você. Não faça isso, Darren. Não travamos guerras com crianças.

Encarei-a com lágrimas nos olhos. Sabia que ela tinha razão. Queria tirar a faca de onde estava. Mal podia acreditar que cheguei a tentar matar o garoto. Mas ainda havia uma parte de mim que queria tirar sua vida. Algo despertou dentro de mim, um Darren Shan que eu nunca soubera que existia, e ele não iria descansar sem uma briga. Meus dedos tremiam enquanto seguravam a faca, mas o anjo furioso da vingança dentro de mim não me deixaria baixá-los.

— Vá em frente e me mate — disse Darius ríspida e subitamente. — Isso é o que vocês fazem. Vocês são assassinos. Sei tudo sobre vocês, então pára de fingir que não está nem ligando.

— Do que você está falando? — perguntei. Ele simplesmente respondeu com um riso doentio.

— Ele é filho de Lucas — disse Débora suavemente. — Foi criado à base de mentiras. A culpa não é dele.

— Meu pai não mente! — gritou Darius.

Débora veio por trás de Darius para que pudesse me encarar.

— Ele não sabe a verdade. É inocente, apesar de tudo que foi levado a fazer. Não mate um inocente, Darren. Não se torne aquilo que despreza.

Suspirei profundamente. Mais do que nunca eu queria tirar a faca de onde estava, mas ainda assim vacilava, enquanto lutava uma batalha interior que não entendia completamente.

— Não sei o que fazer! — lamentei.

— Então pense numa coisa — disse Harkat. — Podemos precisar do garoto para trocar... por Shancus. Faz sentido não matá-lo.

O fogo dentro de mim se extinguiu. Abaixei a faca, sentindo que havia tirado um grande peso de cima do coração. Dei um sorriso torto.

— Obrigado, Harkat.

— Você não devia ter precisado disso — disse Débora enquanto eu virava Darius e amarrava suas mãos por trás com uma faixa de pano que Harkat havia arrancado de seu manto. — Devia tê-lo poupado porque era a coisa certa a fazer... não porque poderia precisar dele.

— Talvez — concordei, envergonhado da minha reação, mas não querendo admitir isso. — Mas não importa. Poderemos

conversar mais tarde. Primeiro, vamos descobrir o que está acontecendo com Shancus. Onde está o seu telefone?

Um minuto depois ela já estava em altos papos com Alice Burgess. Eles ainda continuavam no encalço de C.C. e Shancus. Vancha pediu para falar comigo.

— Temos uma escolha a fazer. Estou com C.C. na minha mira. Posso rasgar sua carne com um shuriken e resgatar Shancus.

— Por que você não faz isso então? — perguntei, franzindo a testa.

— Acho que ele está nos levando para Lucas Leonardo.

Suspirei suavemente e segurei o celular com força.

— O que Evra acha disso? — perguntei.

— Sou eu que estou ligando para você, não ele — respondeu Vancha com um

sussurro. — Ele só está pensando em seu filho. Temos outros aspectos para considerar.

— Não estou preparado para sacrificar Shancus com o intuito de chegar em Lucas.

— Eu estou — afirmou Vancha calmamente. — Mas duvido que cheguemos a isso. Acho que podemos reaver o garoto *e* ter uma chance de pegar Leonardo. Mas é um risco. Se você quiser que eu aja com cautela e mate C.C. agora, o farei. Mas acredito que deveríamos arriscar, deixar que ele nos leve a Leonardo e só então agir.

— Você é o Príncipe superior. Você decide.

— Não — retrucou Vancha. — Somos iguais. Shancus significa mais para você do que para mim. Seguirei a sua indicação.

— Obrigado — devolvi, amargamente.

— Desculpe — disse Vancha, e mesmo no telefone dava para perceber que seu remorso era genuíno. — Eu assumiria a responsabilidade se pudesse, mas neste caso eu não posso. Mato C.C. ou os sigo?

Os meus olhos se voltaram para Darius. Se eu o tivesse matado, diria para Vancha abater C.C. e salvar Shancus — caso contrário, Lucas com certeza abateria o menino-cobra como vingança. Mas se eu aparecesse trazendo Darius como refém, Lucas teria que fazer a troca. Uma vez com Shancus de volta, estaríamos livres para pegar Lucas mais tarde.

— O.K. — decidi. — Deixe-o fugir. Diga-me onde vocês estão que logo os alcançaremos.

Alguns minutos depois, já estávamos a caminho novamente, cruzando a cidade.

Débora estava no telefone com Alice, pegando dicas do melhor caminho. Dava para sentir seus olhos queimando as minhas costas — ela não aprovava o risco que estávamos correndo —, mas não me virei para encará-la. Enquanto corria, fiquei me lembrando:

— Sou um Príncipe. Tenho um dever para com meu povo. Pegar o Senhor dos Vampixiitas está acima de tudo. — Mas era um pequeno conforto e eu sabia que a minha sensação de culpa e vergonha me esmagaria caso minha aposta não desse certo.

CAPÍTULO VINTE

Estávamos correndo pelas ruas com Darius, pegando vielas escondidas para evitar a polícia, quando Harkat diminuiu o passo, parou e se virou. Ele levantou a cabeça, moveu-a para os lados, erguendo um dos ouvidos costurados sob sua pele cinzenta.

— O que é? — perguntei.

— Passos... atrás de nós. Você não ouve?

— Meus ouvidos estão com tampões —

lembrei a ele. — Você tem certeza?

— Sim, creio ser só uma pessoa, mas eu... posso estar errado.

— Não podemos lutar e nos agarrar a Darius ao mesmo tempo — disse Débora. — Se é para oferecermos resistência, temos que amarrá-lo ou deixá-lo fugir.

— Não vou deixá-lo ir a parte alguma — murmurei. — Vocês dois continuem em frente. Se C.C. levar os outros até Lucas, vocês vão precisar estar lá com Darius, para trocá-lo por Shancus. Ficarei e lidarei com isso. Se puder, alcanço vocês depois.

— Não seja estúpido — sibilou Débora. — Temos que ficar juntos.

— Façam o que eu digo! — vociferei, mais ríspido do que o necessário. Eu estava muito confuso. Era o ódio por Lucas, o medo de que pudesse me tornar o Senhor das

Sombras, a dor da purgação... e não estava com ânimo para discutir.

— Vamos — disse Harkat para Débora. — Não podemos falar com ele quando está... desse jeito. Além do mais, Darren tem razão. Faz mais sentido fazer as coisas assim.

— Mas o perigo... — começou Débora.

— Ele é um Príncipe Vampiro — disse Harkat. — Sabe tudo sobre situações perigosas.

Harkat empurrou Darius para a frente, que mancava o mais rápido que podia. Débora não teve opção a não ser segui-los, embora ficasse olhando para trás, implorando para que eu os acompanhasse, antes de virar numa esquina e sumir de vista. Lamentei o meu jeito de gritar com ela e esperava ter em breve uma chance para pedir desculpas.

Removi os pedaços de algodão dos meus ouvidos e narinas e segurei minha faca com força. Concentrando-me bem, eu era capaz de silenciar o barulho que vinha de dentro da minha cabeça e me focar nos sons e nos cheiros da rua. Ouvi passos de alguém que estava se aproximando, suavemente, num ritmo constante, vindo bem na minha direção. Agachei-me e me preparei para o confronto. Até que um vulto surgiu e eu relaxei, me levantei e abaixei a faca.

— Evanna — cumprimentei a bruxa.

— Darren — respondeu ela calmamente, parando perto de mim, me estudando com uma expressão indecifrável.

— Por que você não está com o seu pai? — perguntei-lhe.

— Eu me juntarei a ele novamente em breve. Meu lugar agora é aqui, com você e

seus aliados. Vamos correr atrás deles, pois temo que possamos perder o confronto.

— Não vou a lugar nenhum — retruquei, firme onde estava. — Não até você me dar algumas respostas.

— É mesmo? — murmurou Evanna maliciosamente. — Vou precisar ouvir algumas perguntas antes.

— Dizem respeito ao Senhor das Sombras.

— Não creio que esta seja a hora...

— Não ligo para o que você pensa! — eu a interrompi. — Você me disse anos atrás que o Senhor das Sombras poderia ser o Senhor dos Vampixiitas... Lucas... ou *eu*. O Sr. Altão, antes de morrer, disse que o Senhor das Sombras ressurgiria, independente de quem vencesse a Guerra das Cicatrizes.

— Sério? — Evanna parecia surpresa. —

Hibérnio não costuma ser tão revelador. Ele sempre foi o mais reservado.

— Quero saber o que isso significa — insisti, antes que ela se afastasse do assunto e começasse a falar sobre o irmão morto. — De acordo com o Sr. Altão, o Senhor das Sombras será um monstro e matará Vancha.

— Ele também lhe disse isso? — Evanna agora estava furiosa. — Ele foi longe demais. Não devia ter...

— Mas foi — eu a interrompi e depois dei mais um passo adiante. — Ele estava errado. Devia estar. Você também. Não sou nenhum monstro. Jamais seria capaz de ferir Vancha ou qualquer outro vampiro.

— Não esteja tão certo disso — disse ela delicadamente, para depois hesitar e escolher cuidadosamente suas próximas palavras: — Normalmente, há muitos caminhos entre

o presente e o futuro, dezenas de opções e efeitos. Mas às vezes há apenas alguns, ou até mesmo apenas dois. Este é o caso aqui. Um Senhor das Sombras virá... isso é definitivo. Mas ele pode ser uma entre duas pessoas, você ou Lucas Leonardo.

— Mas... — comecei a falar.

— Silêncio — disse ela, autoritária. — Como estamos muito perto da hora de fazer uma escolha, posso revelar certos fatos que antes não podia. Eu não teria falado sobre isso, mas parece que meu irmão queria lhe informar o seu destino, talvez para lhe dar tempo de se preparar. É mais do que certo que eu honre seus últimos desejos.

Evanna fez uma pausa e prosseguiu:

— Se matar Lucas Leonardo, você se tornará um monstro, o mais desprezível que o mundo já viu. — Meus olhos se arregalaram

e eu abri a boca para protestar, mas ela prosseguiu antes que eu pudesse pronunciar uma sílaba: — Os monstros não nascem totalmente formados. Eles crescem, amadurecem e depois se *transformam*. Você está se enchendo de ódio, Darren, ódio que o consumirá. Se você matar Lucas, não será o suficiente. Você prosseguirá, movido por uma raiva que não poderá controlar. Como o destino já o marcou como portador de um grande poder, você provocará um grande massacre. Você destruirá os vampixiitas, mas não será suficiente. Haverá sempre um novo inimigo para ser enfrentado. Durante a sua busca, certos vampiros tentarão detê-lo. Eles também morrerão nas suas mãos. Vancha será um deles.

— Não — lamentei. — Eu jamais seria...

— Não serão apenas vampiros que

tentarão detê-lo. — Evanna prosseguiu, ignorando os meus protestos. — Humanos interferirão e o levarão a se voltar contra eles. E, enquanto os vampixiitas e os vampiros forem tombando, a mesma coisa acontecerá com a humanidade. Você reduzirá este mundo a entulho e poeira. E, por sobre os restos, você governará, todo-poderoso, todo-controlador, todo-odiado, pelo resto da sua vida terrivelmente longa e demoníaca.

Ela parou e sorriu para mim, de um jeito que me fez paralisar.

— Esse é o seu futuro, onde você experimenta o sucesso. No outro, você morre nas mãos do outro Senhor das Sombras, senão na sua caçada a ele, mais tarde, quando o resto do clã tiver caído. De várias maneiras, isso pode vir a ser melhor. E agora, você tem mais alguma pergunta?

— Eu não poderia — falei, estarrecido. — Nunca o faria. Deve haver alguma maneira de evitar isso.

— Há sim. — Evanna se virou e apontou na direção do caminho por onde ela veio. — Vá. Afaste-se. Deixe os seus amigos para trás. Esconda-se. Se for embora agora, você violará os termos do seu destino. Lucas levará os vampixiitas à vitória sobre os vampiros e se tornará o Senhor das Sombras. Você poderá levar uma vida normal e tranqüila... até que ele destrua o mundo ao seu redor, é claro.

— Mas... eu não posso fazer isso. Não posso dar as costas para aqueles que confiaram em mim. E quanto a Vancha, Débora, Shancus? Tenho que ajudá-los.

— Sim — disse Evanna, com tristeza. — Eu sei. É por isso que você não pode escapar.

Você tem o poder de fugir do seu destino, mas os sentimentos que nutre pelos seus amigos não permitirão que faça isso. Você jamais se afastará de um desafio. Não pode. E assim, muito embora tenha as melhores intenções do mundo, você verá o seu destino até o seu amargo fim... seja a morte pelas mãos de Lucas ou a ascensão à infâmia como o Senhor das Sombras.

— Você está errada — retruquei, trêmulo. — Eu não farei isso. Não sou demoníaco. Agora que sei, não me permitirei seguir por essa estrada. Se eu matar Lucas... se vencermos... aí então darei as costas ao meu destino. Salvarei o clã, se puder, e depois fugirei. Irei para onde não possa fazer mal a ninguém.

— Não — afirmou Evanna, simplesmente. — Não irá. Agora — prosseguiu ela

antes que eu pudesse argumentar novamente — vamos depressa atrás dos seus amigos... esta noite é fundamental para o futuro, e não valerá a pena perder mais um momento dela. — Com isso, ela passou por mim e seguiu atrás dos outros, rastreando-os por seus próprios meios, deixando que eu viesse me arrastando mais atrás, silencioso, abatido, desnorteado... e aterrorizado.

Alcançamos Débora, Harkat e Darius depois de alguns minutos. Eles ficaram surpresos ao ver Evanna, mas ela não lhes disse nada, apenas se retraiu e ficou nos observando em silêncio. Enquanto avançávamos, Débora me perguntou se eu andara falando com Evanna. Balancei a cabeça, sem vontade de repetir o que havia me sido dito, ainda tentando entender e me convencer de que Evanna estava

errada.

Quinze minutos depois, nos juntamos novamente a Vancha e Evra. Eles haviam seguido C.C. até um prédio e estavam esperando por nós do lado de fora.

— Ele entrou há alguns minutos — afirmou Vancha. — Alice deu a volta para o caso de ele tentar escapar pelos fundos. — O vampiro encarou Evanna com um ar suspeito. — Você está aqui para ajudar ou nos retardar, minha senhora?

— Nem uma coisa nem outra, meu Príncipe — respondeu ela, sorrindo. — Estou servindo meramente como testemunha.

— *Grunf*! — resmungou Vancha.

Olhei para o prédio. Ele era alto e sombrio, com pedras cinzentas entalhadas e janelas quebradas. Nove degraus davam na desproporcionada porta da frente. Os

degraus estavam rachados e cobertos de musgos. Tirando um pouco mais de musgos e as janelas quebradas, ele não havia mudado muito desde a minha última visita.

— Conheço este lugar — disse a Vancha, enquanto tentava esquecer a minha conversa com Evanna e me concentrava na tarefa que tinha pela frente. — Trata-se de uma velha sala de cinema. Foi aqui que o Circo dos Horrores se apresentou quando Lucas e eu éramos pequenos. Devia ter imaginado que seria para cá que ele viria. Isso amarra tudo. Coisas assim são importantes para um maníaco como Lucas.

— Pára de falar assim do meu pai! — resmungou Darius.

— Você acha que Leonardo está lá dentro? — perguntou Vancha, enquanto amordaçava Darius.

— Estou certo disso — afirmei, enquanto enxugava manchas do sangue de Morgan James que ainda sujavam a minha testa. Não tive tempo de me lavar.

— E quanto a Shancus? — sibilou Evra. Ele tremia de ansiedade. — Será que ele vai machucar o meu filho?

— Não enquanto mantivermos o filho *dele* cativo — respondi.

Evra encarou Darius, confuso — ele não sabia nada sobre o garoto —, mas meu velho amigo confiava em mim, por isso aceitou a minha garantia.

— Como vamos agir? — perguntou Débora.

— Simplesmente entraremos caminhando — afirmei.

— Isso é inteligente? — perguntou Vancha. — Talvez devêssemos tentar entrar

furtivamente pelos fundos, ou pelo teto.

— Lucas preparou isso para nós — concluí. — Pode apostar que ele já pensou em todas as possibilidades que possam vir à nossa cabeça. Não podemos lhe passar a perna. Seríamos tolos se tentássemos. Ouso dizer que devemos entrar, encará-lo e rezar para que a sorte dos vampiros esteja conosco.

— A sorte dos amaldiçoados — falou Darius, zombando de nós. — Vocês jamais derrotarão o meu pai ou qualquer vampixiita. Somos muito superiores a tipos como vocês.

Por curiosidade, Vancha examinou Darius. Inclinou-se para perto do garoto, farejando-o que nem um cão. Então, ele fez um pequeno corte no braço direito do menino — Darius nem sequer piscou —, esfregou o dedo no sangue que saía, o provou e fez

uma careta.

— Ele foi vampirizado.

— Pelo meu pai — disse Darius, orgulhoso.

— Ele é um meio-vampixiita? — perguntei, franzindo a testa, enquanto olhava para as pontas dos seus dedos... eles não estavam marcados.

— O sangue dentro dele é fraco — disse Vancha. — Mas o garoto é um deles. Há sangue suficiente em seu organismo para que possamos garantir que ele jamais recuperará sua humanidade.

— Você fez isso de bom grado ou Lucas o forçou? — perguntei a Darius.

— Meu pai jamais me forçaria a fazer nada! — respondeu Darius, bufando. — Como qualquer vampixiita, ele acredita no livre-arbítrio... não é que nem vocês.

Vancha me encarou com um ar indagador.

— Lucas lhe ensinou um monte de bobagens sobre nós — expliquei. — Ele acha que nós somos malignos e que seu pai é um nobre guerreiro.

— E é mesmo — gritou Darius. — Ele impedirá que vocês dominem o mundo! Não deixará que vocês saiam por aí matando gente à vontade! Deixará a noite livre de vocês, vampiros miseráveis!

Vancha ergueu uma sobrancelha enquanto olhava para mim, como se estivesse se divertindo.

— Se tivéssemos tempo, eu teria uma grande satisfação em colocar esse moleque nos trilhos. Mas não temos. Débora... ligue para Alice e mande-a vir para cá. Entraremos juntos... todos por um e o resto é besteira.

Enquanto Débora estava no telefone, Vancha me puxou para o lado e acenou para Evra, que estava alguns metros na nossa frente, olhando para a entrada do cinema, com os dedos dobrados em forma de punhos desesperados.

— Ele está mal — observou o vampiro.

— É claro — murmurei. — Como você poderia esperar que ele reagisse?

— Você está certo do que devemos fazer? — respondeu Vancha. Encarei-o friamente. Ele pegou os meus braços e os apertou com força. — Leonardo *tem que* ser morto. Você e eu somos dispensáveis. Assim como Débora, Alice, Harkat, Evra... e Shancus.

— Quero salvá-lo — afirmei, desgraçadamente.

— Eu também — suspirou Vancha. — E iremos, se pudermos. Mas o Senhor dos

Vampixiitas vem em primeiro lugar. Lembre-se do que acontecerá se falharmos... os vampiros serão destruídos. Você trocaria a vida do menino-cobra por todos aqueles do nosso clã?

— É claro que não — respondi, enquanto me soltava. — Mas não o abandonarei de graça. Se Lucas estiver preparado para negociar, eu negociarei. Poderemos enfrentá-lo numa outra noite qualquer.

— E se ele não negociar? — insistiu Vancha. — Se ele forçar uma luta final?

— Então lutaremos e iremos matar ou morrer... seja qual for o preço. — Encarei-o bem nos olhos para que ele pudesse ver que eu estava falando a verdade.

Vancha verificou seus shurikens e sacou alguns. Depois nos viramos, reunimos nossos aliados à nossa volta — Débora foi

levando Darius pelo braço — e avançamos os degraus acima para dentro do velho cinema abandonado onde, para mim, os pesadelos começaram havia tantos anos.

CAPÍTULO VINTE E UM

Era como voltar ao passado. O prédio estava mais frio e úmido do que antes e grafites novos foram rabiscados nas paredes, mas o resto não estava assim tão diferente. Segui pelo corredor comprido que o Sr. Altão percorrera para se deparar comigo e com Lucas, surgindo do meio da escuridão com aquela velocidade incrível e o silêncio, que fora sua marca registrada. Havia uma curva para a

esquerda no final. Reparei no ponto onde o Sr. Altão pegara e comera nossos ingressos. Naquela época, cortinas azuis foram dispostas ao longo da entrada do auditório. Não havia cortinas hoje à noite — era a única mudança.

Entramos no auditório, em pares: Vancha e Alice à frente, Débora e Evra em seguida (Débora empurrando Darius à sua frente), e depois Harkat e eu. Evanna pairava bem mais atrás, separada do nosso grupo em distância e postura.

Estava completamente escuro dentro do auditório. Eu não conseguia ver nada. Mas podia ouvir uma respiração profunda e abafada, vinda de algum lugar bem à nossa frente.

— Vancha — sussurrei.

— Eu sei — cochichou ele de volta.

— Será que devíamos avançar em sua direção? — perguntei.

— Não — respondeu o vampiro. — Está muito escuro. Vamos esperar.

Um minuto se passou. Dois. Três. Dava para ver a tensão aumentando, tanto em mim como nos que estavam ao redor. Mas ninguém saiu de sua posição ou falou. Ficamos no meio da escuridão, esperando, deixando o primeiro movimento para os nossos adversários.

Alguns minutos depois, sem aviso, holofotes se acenderam no ar. Todos arfaram e eu gritei bem alto, enquanto me agachava e cobria meus olhos ultra-sensíveis com as mãos. Ficamos indefesos durante alguns segundos vitais. Esta teria sido a hora ideal para um ataque. Eu esperava que vampixiitas e vampitietes fossem cair sobre

nós, brandindo suas armas — mas nada aconteceu.

— Tudo bem com os seus olhos? — perguntou Débora, que se agachava ao meu lado.

— De fato, não — suspirei, erguendo lentamente um pouco de minhas pálpebras, apenas o suficiente para enxergar alguma coisa. Até mesmo isso foi uma agonia.

Colocando uma mão sobre os meus olhos, me voltei meio estrábico para a frente e prendi a respiração. Foi uma boa decisão não termos avançado. Todo o piso do auditório fora arrancado. Em seu lugar, indo de uma parede à outra, começando a alguns metros de onde estávamos e terminando na beira do palco, havia uma enorme cova, cheia de estacas afiadas.

— Impressionante, não? — gritou

alguém do palco. Meus olhos se levantaram. Era difícil enxergar, pois as luzes vindas de cima do palco estavam apontadas na nossa direção, mas aos poucos a cena foi se desenrolando na minha visão. Dúzias de toras grossas e altas, colocadas verticalmente, salpicavam o palco e providenciavam uma cobertura ideal. Saindo de trás de um dos troncos à frente estava o rosto sorridente de Lucas Leopardo.

Quando Vancha viu Lucas, ele pegou um shuriken e o arremessou em sua direção. Mas Lucas havia escolhido cuidadosamente sua posição, de modo que a estrela voadora acabou acertando a madeira do tronco atrás de onde ele estava.

— Deu azar, Majestade — disse Lucas, às gargalhadas. Importa-se em fazer deste o melhor arremesso de três?

— Talvez eu consiga acertá-lo — murmurou Alice, enquanto passava por Vancha. Ela ergueu sua pistola e atirou, mas a bala não penetrou mais fundo do que o shuriken.

— As preliminares já acabaram ou vocês querem dar mais alguns tiros a esmo? — gritou Lucas.

— Eu poderia, possivelmente, pular o fosso — disse Vancha, incerto, enquanto estudava as fileiras de estacas que o separavam do palco.

— Não seja ridículo — resmunguei. — Até mesmo os vampiros possuem os seus limites.

— Não vejo mais ninguém — sussurrou Débora, olhando em volta do auditório. A galeria acima de nós, de onde eu espiara Lucas e o Sr. Crepsley, poderia estar repleta de vampixiitas e vampitietes, mas eu não

achava que isso fosse possível. Não dava para ouvir nada acima de nossas cabeças, nem mesmo um único batimento cardíaco.

— Onde está o seu exército? — gritou Vancha para Lucas.

— Por aí — respondeu Lucas, docemente.

— Não os trouxe com você? — desafiou-o o vampiro.

— Não nesta noite. Não preciso deles. As únicas pessoas que dividem o palco comigo são meu encantador padrinho… também conhecido como Gannen Harst… uma certa Criatura Carnívora e um jovem menino-cobra muito assustado. Qual é o nome dele mesmo, C.C.?

— Shancus. — A resposta veio de trás de um tronco à esquerda de Lucas.

— Shancus! — berrou Evra. — Você está

bem?

Não houve resposta. Meu coração parou de bater. Até que C.C. empurrou Shancus de trás da tora, e vimos que, embora suas mãos estivessem amarradas nas costas e estivesse amordaçado, ele estava bem vivo e ileso.

— Trata-se de um jovem espirituoso — disse Lucas, às gargalhadas. — Porém, ele fala um pouco alto, daí a mordaça. Essa linguagem que ele usa... é chocante! Eu não sei onde as crianças de hoje em dia aprendem essas palavras sujas. — Lucas fez uma pausa. — Falando nisso, como vai o meu amado filhote? Não consigo ver muito bem daqui.

— Estou bem, pai! — gritou Darius. — Mas eles mataram Morgan! O cinzento arrancou sua cabeça com um machado.

— Que horrível. — Lucas não parecia estar nem um pouco desconcertado. — Eu lhe

disse que eles eram selvagens, filho. Não têm respeito pela vida.

— Foi por vingança! — berrou Harkat. — Ele matou o Sr. Altão.

Fez-se silêncio, no palco. Lucas pareceu ter ficado sem palavras. Então, de um tronco perto de Lucas, ouvi Gannen Harst gritar para C.C.:

— Isso é verdade?

— Sim — murmurou C.C. — Ele o acertou com um tiro.

— Como você sabe que ele o matou? — perguntou Lucas. — Altão pode simplesmente ter se ferido.

— Não — respondeu Evanna, falando pela primeira vez no encontro. — Ele está morto. Morgan James o assassinou.

— É você, Lady Evanna? — perguntou Lucas, incerto.

— Sim — respondeu ela.

— Espero que não esteja fazendo uma brincadeira de mau gosto, como tomar partido dos vampiros — disse ele de um jeito impertinente, embora sua ansiedade fosse evidente... não lhe agradava a idéia de um confronto com a Dama da Floresta.

— Nunca apoiei vampiros ou vampixiitas e não tenho a intenção de começar agora — disse Evanna, friamente.

— Tudo bem então — afirmou Lucas, rindo, enquanto sua confiança retornava. — Interessante essa história com o Sr. Altão. Sempre achei que não podia ser morto por armas comuns. Já teria ido atrás dele há muito tempo se soubesse que poderia ser tão facilmente assassinado.

— Ido atrás dele para quê? — gritei.

— Para prender mais um criminoso —

respondeu Lucas, com uma risadinha.

— Você é o único criminoso aqui — retruquei.

Lucas suspirou de uma maneira teatral.

— Está vendo como eles me difamam, filho? Eles mancham este mundo com sua presença mortífera e depois apontam o dedo da culpa para qualquer direção. Os vampiros sempre agiram assim.

Comecei a responder, mas então decidi que estaria perdendo o meu tempo.

— Vamos logo ao que interessa — gritei, em vez de insistir naquela disputa inútil. — Você não nos atraiu até aqui para uma guerra de bravatas. Vai sair de trás desse tronco ou não?

— Não! — respondeu Lucas, quase cacarejando. — Você acha que sou louco? Vocês acabariam comigo!

— Então por que nos trouxe até aqui? — Olhei em volta novamente, nervoso. Mal podia acreditar que ele não havia montado uma armadilha, que não haveria dezenas de vampixiitas e vampitietes deslizando sobre nós enquanto conversávamos. Contudo, não sentia que havia uma ameaça no ar. Dava para ver que Vancha também estava confuso.

— Quero conversar, Darren — disse Lucas. — Gostaria de discutir um tratado de paz.

Eu tinha que rir disso — era um conceito muito jocoso.

— Talvez você queira se tornar meu irmão de sangue — retruquei, ridicularizando-o.

— De certa maneira, eu já sou — afirmou Lucas, enigmático.

Até que seus olhos se apertaram

maliciosamente. — Você perdeu o funeral de Tommy enquanto estava se recuperando.

Amaldiçoei-o ferozmente, mas em silêncio.

— Por que matar Tommy? — perguntei, rispidamente. — Por que arrastá-lo para a sua teia deturpada de vingança? *Ele* também o traiu?

— Não. Tommy era meu amigo. Mesmo quando estavam falando mal de mim, ele ficou ao meu lado. Não tinha nada contra ele. E era um grande goleiro também.

— Então por que você mandou que o matassem? — gritei.

— Do que você está falando? — intrometeu-se Darius. — *Você* matou Tom Jones. Morgan e C.C. tentaram detê-lo, mas... Não é isso, pai? — perguntou ele, e eu pude ver os primeiros indícios de dúvida

brotarem nos olhos do garoto.

— Eu lhe disse, filho — respondeu Lucas —, você não pode acreditar em nada que um vampiro diz. Não preste atenção nele.

— Então ele se voltou para mim e prosseguiu: — Você nunca se perguntou como Tommy arrumou um ingresso para ver o Circo dos Horrores?

— Eu apenas supus... — Parei. — Você armou tudo!

— É claro — disse Lucas, rindo. — Com a *sua* ajuda. Lembra-se do ingresso que deu para Darius? Ele o passou adiante. Tommy estava abrindo uma loja de artigos esportivos, dando autógrafos. Darius apareceu e “trocou” seu ingresso por uma bola autografada. Ainda a temos encostada em algum lugar. Deve se tornar em breve um item de colecionador.

— Você é doente — falei, rispidamente. — Usar uma criança para fazer o seu trabalho sujo... que repugnante.

— Nem tanto — discordou Lucas. — Isso só mostra o quanto eu valorizo os mais jovens.

Agora que eu sabia que Lucas dera o ingresso para Tommy, minha mente começou a trabalhar rapidamente para botar as peças do seu plano no lugar.

— Você não poderia saber por certo que Tommy ia esbarrar comigo no espetáculo — afirmei.

— Não, mas achei que poderia. Se isso não acontecesse, teria armado uma outra maneira de aproximar vocês. Eu não preciso disso, mas gostava da idéia. O fato de ele estar aqui ao mesmo tempo que nós foi providencial. Só fiquei um pouco ofendido por Alan

não estar aqui também... isso resultaria numa reunião completa.

— E quanto ao meu ingresso para o jogo? Como você descobriu que ele me dera um?

— Liguei para Tommy naquela manhã. Ele ficou surpreso... primeiro dá de cara com seu velho amigo Darren, depois ouve falar do velho chapa Lucas. Que coincidência! Fingi estar surpreso também. E perguntei tudo sobre você. Descobri que você iria ao jogo. Ele também me convidou, mas eu disse que não podia ir.

— Muito inteligente — cumprimentei-o friamente.

— Nem tanto — disse Lucas com uma falsa modéstia. — Simplesmente usei sua inocência para fazer com que você caísse numa armadilha. Manipular os inocentes é

brincadeira de criança. Estou surpreso por você não ter notado nada. Você precisa aumentar a sua paranóia, Darren. Suspeitar de todo mundo, mesmo daqueles que estão além de qualquer suspeita... esse é o meu lema.

Vancha se aproximou de mim.

— Se você o deixar falando, talvez eu possa ir por trás e atacá-lo pela retaguarda — sussurrou ele.

Acenei levemente com a cabeça enquanto Vancha se afastava lentamente.

— Tommy me disse que esteve em contato com você no passado — falei em voz alta, na esperança de poder disfarçar o som dos passos de Vancha. — Ele me disse que havia uma coisa sobre você que precisava me contar em nosso próximo encontro, depois do jogo.

— Posso adivinhar o que era — murmurou Lucas.

— Você pode dividi-la comigo?

— Ainda não — respondeu ele e pouco depois se dirigiu a Vancha. — Se você der mais um passo na direção daquela porta, Sr. March, o menino-cobra morre. — Vancha parou e lançou um olhar de ódio na direção de Lucas.

— Deixe o meu filho em paz! — gritou Evra. Ele vinha se segurando, mas a ameaça do meio-vampixiita era demais. — Se o machucar, eu mato você! Vou fazê-lo experimentar tanta agonia que vai rezar para morrer!

— Oh! — murmurou Lucas. — Que índole vingativa! Você parece levar jeito para induzir todos os seus amigos à violência, Darren. Ou tem se cercado deliberadamente

de pessoas violentas?

— Chega! — resmunguei. Então, cansado de embates verbais, perguntei: — Você vai lutar ou não?

— Já respondi a essa pergunta. Lutaremos em breve, não tenha medo, mas esta não é a hora e nem o lugar. Há um túnel nos fundos... recentemente cavado... pelo qual sairemos brevemente. Quando vocês tiverem atravessado o poço com as estacas, já estaremos fora de alcance.

— Então, o que está esperando? — vociferei. — Cai logo fora daqui!

— Ainda não — disse Lucas, com uma voz mais firme desta vez. — Ainda há um sacrifício a ser feito antes. Nos velhos tempos, um sacrifício era sempre feito antes de uma grande batalha, para saciar os deuses. Agora, é verdade que os vampixiitas não

possuem nenhum deus oficial, mas para não correr riscos...

— *Não!* — gritou Evra. Estava claro para ele, assim como para todos nós, o que Lucas pretendia fazer.

— Não faça isso! — gritei.

— Gannen! — urrou Vancha. — Você não pode permitir isso!

— Minha opinião não conta nada, irmão — respondeu Gannen Harst de trás do seu tronco. Ele ainda não havia mostrado o seu rosto. Tinha a impressão de que estava com vergonha de aparecer.

— Pronto, C.C.? — perguntou Lucas.

— Não estou certo disso, cara — respondeu C.C., inquieto.

— Não me desobedeça — resmungou Lucas. — Eu o fiz e posso acabar com você. Agora, sua aberração barbada e sem braços...

está pronto?

Fez-se uma breve pausa. Até que C.C. respondeu suavemente:

— Sim.

Vancha disse um palavrão e correu, tentando atravessar o poço de estacas. Harkat saiu atrás dele. Alice e Débora atiraram no tronco que protegia Lucas, mas suas balas não conseguiram trespassá-lo. Levantei-me, segurando minha faca, pensando desesperadamente.

Até que uma voz atrás de mim gritou, trêmula:

— Pai? — Todos pararam. Eu olhei para trás. Darius estava tremendo. — Pai? — gritou ele, novamente. — Você não vai realmente matá-lo, vai?

— Fica quieto! — vociferou Lucas. — Você não entende o que está acontecendo.

— Mas... ele é só um garoto... como eu. Você não pode...

— Cala a boca! — rugiu Lucas, furioso. — Vou lhe explicar mais tarde! É só...

— Não — eu o interrompi, enquanto me posicionava atrás de Darius. — Não haverá nenhum “mais tarde”. Se você matar Shancus, matarei Darius. — Pela segunda vez naquela noite eu senti um espírito negro crescer dentro de mim e apertei a lâmina da minha faca contra a garganta do menino. Mais atrás, Evanna arrulhou em voz baixa. Eu a ignorei.

— Você está blefando — zombou Lucas. — Jamais poderia matar uma criança.

— Poderia sim — respondeu Débora por mim. Ela deu um passo adiante. — Darren ia matá-lo hoje mais cedo. Harkat o deteve. Ele disse que precisaríamos do garoto para

trocar por Shancus. Caso contrário, Darren o teria matado. Darius... isso não é verdade?

— Sim — respondeu o menino, aos gemidos. Ele estava chorando. Em parte por medo, mas igualmente por terror. Seu pai o havia criado com base em mentiras e falso heroísmo. Só agora ele começava a perceber com que tipo de monstro havia se aliado.

Ouvi Lucas murmurar alguma coisa. Ele olhou por detrás de seu tronco, estudando a nossa posição do alto do palco. Não fiz nenhum movimento ameaçador. Não precisava. Minha determinação era clara.

— Muito bem — disse Lucas, bufando. — Larguem as suas armas e trocaremos os dois garotos.

— Você acha que vamos confiar na sua falsa clemência? — ofendeu-se Vancha. — Solte Shancus que entregaremos o seu filho.

— Não até que vocês larguem as suas armas — insistiu Lucas.

— E permitir que você ceife todos nós? — desafiou-o Vancha.

Houve uma pequena pausa. Então Lucas jogou uma besta para bem longe do palco.

— Gannen — disse ele —, estou carregando mais alguma arma?

— Uma espada e duas facas — respondeu Gannen Harst na mesma hora.

— Não estou me referindo a essas — resmungou Lucas. — Estou com mais alguma arma de longo alcance?

— Não — respondeu Gannen.

— E quanto a você e C.C.?

— Também não temos nenhuma.

— Eu sei que vocês não acreditam em uma palavra do que digo — gritou Lucas para Vancha —, mas você confia no seu próprio

irmão, não? Ele é um vampixiita puro... e se mataria antes de dizer uma mentira.

— É... — murmurou Vancha, infeliz.

— Então joguem fora as suas armas — insistiu Lucas. — Não os atacaremos se vocês não o fizerem.

Vancha olhou para mim em busca de um conselho.

— Faça-o — falei. — Ele está encurralado, assim como nós. Não vai arriscar a vida do seu filho.

Vancha estava indeciso, mas acabou tirando os cintos de shurikens e os jogou no chão. Débora se livrou de suas pistolas e Alice, relutante, também. Harkat só tinha um machado, que jogou no chão ao seu lado. Só eu mantive minha faca encostada na garganta de Darius.

Lucas saiu de trás do tronco. Ele estava

sorrindo. Senti uma grande tentação de jogar minha faca nele — bem que poderia acertá-lo de onde estava —, mas não o fiz. Como Príncipe Vampiro e um dos caçadores do Senhor dos Vampixiitas, devia tê-lo feito. Mas não podia correr o risco de errar e enfurecê-lo. Ele mataria Shancus se eu o fizesse.

— Saiam de onde estão, rapazes — disse Lucas. Gannen Harst e C.C. emergiram de trás de seus troncos, sendo que este último empurrava um Shancus amarrado à sua frente. Gannen Harst estava com a típica cara fechada, mas C.C. sorria. A princípio achei que se tratava de um sorriso insolente, mas depois percebi que era de alívio: ele havia ficado feliz por não ter recebido a ordem de matar o menino-cobra. C.C. era um homem pervertido, amargo e desequilibrado, mas vi então que ele não era totalmente

demoníaco. Não como Lucas.

— Eu fico com o réptil — disse Lucas, enquanto se esticava para pegar Shancus. — Vá pegar a prancha e a estenda sobre o fosso.

C.C. passou Shancus para Lucas e recuou para os fundos do palco. Ele começou a arrastar uma longa prancha para a frente.

Era estranho para o sujeito — ele não conseguia segurar a madeira direito por causa dos ganchos que o Sr. Altão havia arrancado. Gannen foi ajudá-lo, mantendo um olho voltado para a nossa direção. A dupla começou a estender a tábua por sobre o poço, deixando que ela se apoiasse em cima de estacas de pontas cegas, que pude ver então que haviam sido colocadas ali apenas para isso.

Lucas ficou nos observando como se fosse um falcão, enquanto C.C. e Gannen

estavam ocupados com a prancha. Ele segurava Shancus à sua frente, afagando o cabelo verde e longo do menino-cobra. Não gostava do jeito que ele nos olhava. Sentiame como se estivéssemos sendo transpassados por raios X — mas não disse nada, para que C.C. e Gannen não demorassem para colocar a prancha.

Os olhos de Lucas fitaram Evra longamente — ele sorria esperançoso, as mãos meio que estendidas na direção de seu filho — e depois se voltaram para mim. Ele parou de afagar o cabelo de Shancus e gentilmente colocou uma mão de cada lado da cabeça do menino.

— Lembra-se dos nossos jogos quando éramos pequenos? — perguntou ele, com astúcia.

— Que jogos? — Franzi a testa. Eu estava

com uma sensação terrível... da mais completa perdição... mas não podia fazer nada, a não ser acompanhar o seu raciocínio.

— Jogos de "dúvida" — disse Lucas, e algo em sua voz fez C.C. e Gannen pararem e olharem em volta. O rosto de Lucas era inexpressivo, mas seus olhos estavam mais do que vivos e exalavam uma alegria insana. — Um de nós costumava dizer "duvido que você faça isso" e enfiava a mão numa fogueira ou um prego na perna. O outro tinha que imitá-lo. Lembra-se?

— Não! — gritei, aflito. Eu sabia o que estava por vir. E sabia que não podia evitar. Sabia que fora um idiota e tinha cometido um erro idiota... supus que Lucas fosse ao menos um pouquinho humano.

— Duvido que você faça isso, Darren — sussurrou Lucas, pavorosamente. Antes que

eu pudesse responder... antes que qualquer coisa pudesse acontecer... ele pegou a cabeça de Shancus com força e a virou fortemente para a esquerda e depois para a direita. O pescoço de Shancus se partiu. Lucas o largou. Shancus caiu no chão. Lucas o assassinara.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O gesto de Lucas, de pura e despropositada maldade, fez todos nós ficarmos em estado de choque do mais visceral. Durante um bom tempo ficamos simplesmente o encarando, com o corpo do garoto sem vida aos seus pés. Até mesmo Lucas parecia atordoado, como se tivesse agido sem pensar.

E então, Evra enlouqueceu.

— *Seu degenerado!* — gritou ele,

enquanto se lançava sobre a cova cheia de estacas. Se Harkat não tivesse reagido e o jogado para o lado, Evra teria sido empalado e morreria como seu filho.

— Não consigo acreditar... — murmurou Alice, com o rosto mais branco do que o normal. Pouco depois, suas feições endureceram e ela correu na direção da arma que havia jogado no chão.

Débora caiu de joelhos, chorando, incapaz de lidar com tal perversidade. Por mais dura que tenha sido a sua transformação, nada em sua vida a tinha preparado para isso.

Harkat se engalfinhava com Evra, tentando prendê-lo no chão, protegendo-o de sua fúria. Evra gritava histericamente e batia no rosto cinzento do Pequenino com seus punhos escamosos, mas meu amigo o

segurava com firmeza.

Vancha estava na cova das estacas, circulando no meio delas, subindo pelas pontas afiadas com dificuldade, dirigindo-se na direção do palco como um homem possuído.

C.C. e Gannen Harst olhavam para Lucas, boquiabertos.

Evanna estava assistindo a tudo em silêncio. Se o assassinato a havia chocado, ela disfarçava incrivelmente bem.

Darius estava paralisado de tanto medo, prendendo a respiração, com os olhos arregalados.

Eu ainda estava atrás de Darius, com a faca em sua garganta. Era o mais calmo entre todos os presentes (com exceção de Evanna). Não porque não fora atingido em nada pelo que havia acontecido, mas porque sabia o que devia fazer como retaliação. Minha

faceta impetuosa, dura e cheia de ódio havia se imposto e me dominava completamente. Eu via o mundo com um olhar diferente. Tratava-se de um lugar horrível e perverso, onde apenas as pessoas ruins e perversas poderiam prosperar. Para derrotar um monstro maligno como Lucas, eu teria que afundar nas mesmas profundezas. O Sr. Crepsley me alertara para não fazê-lo, mas ele estava enganado. O que importava se eu seguisse Lucas por uma estrada totalmente maligna? Detê-lo de vez — vingando-me por todas as pessoas que ele matara — era a única coisa com a qual eu me importava.

Enquanto eu pensava em tudo isso, Gannen se tocou e viu que Vancha estava quase os alcançando. Ele correu até onde o seu Senhor estava, pegou Lucas pelo braço direito e o conduziu na direção da saída,

amaldiçoando tudo e todos, perfidamente. C.C. se ergueu tremendo e saiu cambaleando atrás deles. Ele parou, vomitou e depois seguiu em frente.

Alice encontrou sua arma, a pegou e atirou. Mas havia muitas toras entre ela e os vampixiitas. Seus tiros não passaram nem perto.

Lucas parou na entrada do túnel que ficava nos fundos do palco. Gannen tentou empurrá-lo na direção da passagem, mas ele se livrou das mãos do seu protetor e se virou para me olhar com ar de triunfo — audaciosamente.

— Vamos! — gritou Lucas. — Mostre que pode fazer o que eu fiz! Eu o desafio! Desafio duplamente!

Naquele instante, como se nossas mentes estivessem de algum modo ligadas,

entendi Lucas completamente. Em parte ele estava horrorizado com sua brutalidade. Estava, perigosamente, à beira da mais completa loucura. Assim como o monstro dentro de mim havia surgido naquela noite, o humano dentro de Lucas também havia brotado. Ele precisava de mim para medir suas façanhas malignas. Se eu tivesse matado Darius, Lucas poderia justificar sua crueldade e prosseguir. Mas se eu não reagisse à sua maldade com um ato igualmente maligno da minha parte, a verdade sobre quão profunda havia sido sua queda se faria compreender. Ele poderia até ceder sob o peso da mais completa realização e enlouquecer. Eu tinha o poder para destruí-lo — com misericórdia.

Mas eu não conseguia encontrar essa compaixão dentro de mim. O fogo da fúria

no meu coração e na minha mente exigia que eu matasse Darius. Certo ou errado, eu tinha que vingar a morte de Shancus. Olho por olho, dente por dente, vida por vida. Avistei Evanna. Percebi que seu olhar estava focado em mim. Não havia piedade em sua expressão, apenas o cansaço de alguém que já testemunhara todo o mal do mundo e tinha que contemplá-lo uma vez mais.

— Desafio aceito — afirmei, entregando-me ao meu destino tenebroso, sabendo que naquele momento eu estava abandonando todas as minhas crenças morais. Esse era o começo do caminho da danação. Se eu derrotasse Lucas, me *tornaria* o Senhor das Sombras e, nas longas e sangrentas décadas e séculos que viriam pela frente, eu teria como me lembrar desta noite e dizer: “Foi aqui que o monstro nasceu.”

Comecei a passar minha faca na garganta de Darius. Desta vez, Débora não tentou me deter — ela pressentia a minha maldição e não tinha forças para me salvar. Mas de repente eu parei. A garganta era um alvo muito impessoal. Queria que Lucas realmente *sentisse* isso.

Baixei a faca e cortei a camisa de Darius, revelando seu peito nu e pálido. Posicionei a ponta da faca sobre o seu coração e encarei Lucas, sem piscar contra as luzes ofuscantes, com o olhar tenebroso e os lábios apertados sobre os meus dentes.

A expressão de Lucas não se alterou. A fera em seu interior havia visto em mim o seu reflexo e estava satisfeita. Ele conteve sua loucura, tornando-se mais uma vez o ser frio, astucioso e calculista que eu já conhecia. E sorriu.

Estendi meu braço no máximo de sua capacidade, para que pudesse dar um golpe rápido com a faca. Queria apunhalar Darius com toda a minha força e matá-lo rapidamente. Eu podia ser um monstro, mas não era totalmente desprovido de coração. Pelo menos ainda não.

Mas Lucas gritou antes de eu trespassar o coração de seu filho.

— Cuidado, Darren! Você não sabe quem está matando!

Eu não devia ter hesitado. Sabia que, se o fizesse, ele me sabotaria com um outro truque perverso. Ouvir demônios era perigoso. Era melhor agir rapidamente e fechar os ouvidos para o que eles diziam.

Mas eu não pude evitar. Havia algo sombrio e convidativo no seu tom. Como alguém prestes a contar uma piada horrível, porém

hilária. Dava para sentir o horror da situação, assim como o humor. Eu tinha que escutá-lo.

— Darius — disse Lucas, rindo —, diga para Darren o nome de sua mãe. — Darius olhou para o seu pai com a boca aberta, incapaz de responder. — Darius! — rugiu Lucas. — Ele está prestes a atravessar o seu coração com uma faca! Diga para ele o nome de sua mãe... *agora*!

— Jo-Jo-Jo-Joana — disse Darius, ofegante, e eu congelei.

— E o seu sobrenome? — perguntou Lucas delicadamente, saboreando o momento.

— Shan — sussurrou Darius incompreensivelmente. — Joana Shan. E daí?

— Está vendo, Darren — murmurou Lucas, piscando para mim antes de sumir pelo túnel que lhe daria a liberdade —, se você

matar Darius, não estará simplesmente abatendo o meu filho... estará assassinando o *seu sobrinho*!

A SEGUIR: O FIM

A SAGA DE DARREN SHAN

DIFERENTE DE TUDO O QUE VOCÊ JÁ LEU!

CIRCO DOS HORRORES
O ASSISTENTE DE VAMPIRO
TÚNEIS DE SANGUE

CONTINUA EM...

A MONTANHA DO VAMPIRO
PROVAS MORTAIS
O PRÍNCIPE VAMPIRO

CONTINUA EM...

CAÇADORES DO CREPÚSCULO
ALIADOS DA NOITE
ASSASSINOS DA ALVORADA

E TERMINA EM...

O LAGO DAS ALMAS
SENHOR DAS SOMBRAS
FILHOS DO DESTINO

A SAGA DE DARREN SHAN

SENHOR DAS SOMBRAS

ELE É DESTRUIÇÃO...

"Todos devem se render ao Senhor das Sombras",
disse Lucas delicadamente.
"Este agora é o meu mundo, Darren."

Darren Shan está indo para casa – e o seu mundo está indo para o inferno. Velhos inimigos estão à espera. É hora de acertar contas. Parece certo que o destino irá destruí-lo e que a vitória está fadada a cair nas mãos do Soberano da Noite...

Alimente a sua sede de sangue com a próxima e horripilante parte da Saga de Darren Shan, *Filhos do Destino*

Darren Shan é a abreviação do nome do autor inglês radicado na Irlanda Darren O'Shaughnessy. Lançou seu primeiro livro, *Um dia no necrotério* - roteiro de humor negro para um concurso promovido pela televisão irlandesa -, aos 14 anos. Criança ainda, passava a maior parte do tempo lendo histórias horripilantes. Cresceu assistindo a filmes da Hammer, clássica produtora de filmes de terror. Enquanto os outros

meninos tinham nas paredes dos quartos pôsteres de astros da música e do futebol, no dele, o grande destaque era para o pôster de um dos filmes do Drácula. Atualmente mora em Limerick, na Irlanda, na casa que pertenceu aos seus ancestrais.

[1] Religioso muçulmano que segue uma vida de pobreza e austeridade. Os dervixes mais conhecidos no mundo são os da ordem Mevlevi, célebres pelas cerimônia de adoração em que rodopiam num ato devocional denominado "dhikr"